

AGOSTINHO BOTH

CONVERSAS DE
VELHOS

— COLEÇÃO —
SONHOS E RESISTÊNCIA

O caminho da velhice vem com aparente discrição, mas voluntariosa e irreparável. Os quatro homens deste livro delineariam solitários as formas peregrinas do ser masculino envelhecer. A proposta foi de negar a necessidade de se incluir mulheres na trama a ser criada. A religiosidade, a arte, a caridade, a sexualidade e o poder seriam capazes de suprir o sentido da vida e até esgotar os últimos tempos do ser humano; entretanto, os objetos de paixão, movedores da velhice, não tinham jeito de sustentar-se por si mesmos. Faltava-lhes luz própria. Nasceram as mulheres, e, sem elas, os homens, até aquele que tem Deus como plenificador da vida, não conseguem dar conta de seu destino.

A trama dos quatro velhos pretende mostrar possibilidades do envelhecer. Diferentemente do que o senso comum pensa, a obra de Agostinho Both, *Conversas de velhos*, alcança ao leitor uma mão que faculta carregar novas agendas para a velhice. Entre a ficção e a realidade, os velhos vão desvelando imagens fortes e positivas, sem entretanto negar o sofrimento. As vicissitudes da velhice, reveladas no livro, fazem o leitor ir além dos preconceitos, nem mostrando generalidades

Agostinho Both

Conversas de velhos



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

2014

Agostinho Both

Conversas de velhos

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2014

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br
e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.
Do livro: Romance. -Passo Fundo: Ed. IMED, 2009. 159p.; 21cm.

Todos os direitos reservados ao Autor.
O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença
Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual 3,0 Nao Adaptada.

Para ver uma cópia desta licença, visite:
creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para
Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia,
94041, USA.

Revisado pelo autor em: 25/11/2014

B749c Both, Agostinho

Conversas de velhos [recurso eletrônico] / Agostinho Both. –
PassoFundo :Projeto Passo Fundo, 2014.
1343Kb ; PDF – (Sonhos e resistência).
ISBN 978-85-8326-099-8

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2.Literatura gaúcha.
3. Romance brasileiro. I.Título.

CDU: 869.0(81)-31

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

Apresentação

Em sua trajetória como pesquisador, o professor Agostinho Both não apenas refletiu sobre a velhice, mas, mais do que isso, sempre se aproximou dos sujeitos de suas pesquisas, convivendo com eles, observando-os e levando-lhes os resultados de estudos feitos com o objetivo maior de melhorar suas vidas. Hoje aposentado, põe em prática aquilo que descobriu estudando, olhando “de perto” e “recomendando” aos outros: fazer do tempo livre um aliado, uma vez que este pode oportunizar a realização de projetos que, na rotina do trabalho, acabavam sempre adiados. Assim, Agostinho tem feito uma das coisas que de melhor sabe fazer: escrever sobre o envelhecimento humano, agora, utilizando-se essencialmente da linguagem literária, preñe de metáforas e de múltiplas possibilidades de (re)significação.

O professor Agostinho, entre nós a primeira pessoa a lançar seu olhar sobre os mais velhos, provoca, neste romance, nós leitores a olharmos também para esse lugar, que constitui o futuro de alguns e o presente de outros:

De todo o jeito que se olhar, então, a velhice é um tempo que reúne, de uma vez, sonhos, angústias e alegrias que podem ser mais intensos porque finalizam a escritura dos sujeitos. Bem a gosto de Sêneca: agradabilíssimos podem ser os frutos ao fim da estação.

Sendo um outro modo de olhar, *Conversas de velhos* é narrado em terceira pessoa e apresenta quatro amigos – Padre Ataulfo, Péricles, Creso e Crisóstomo, cada qual com suas fraquezas e virtudes – que, no diálogo acerca de suas emoções, tentam “esclarecer a velhice



depois dos setenta”. Porém, como bem adverte o autor, “a história [...] tem a intenção de perseguir uma resposta a mais, embora reduzida”, sobre o tema. Portanto, não pretende dar uma resposta definitiva à questão, e nem poderia, já que o envelhecimento consiste em um fato cultural, e, por isso mesmo, sujeito a transformações.

Igualmente, para que a reflexão sobre a velhice não se tornasse ainda mais “limitada” sem a presença “feminina, que é, como a Santíssima Trindade, feita para amar e não para ser compreendida”, surgem, no meio das “conversas”, a falecida Josilda, Letícia, Madalena e Stepânia, mulheres que representam a viuvez, o encontro amoroso na velhice, a tentação, o cuidado, a caridade, e sem as quais a história ficaria pela metade.

Da obra que temos em mãos, muitos seriam os aspectos dignos de comentário. No entanto, para que passemos logo ao texto que mais merece nossa atenção, contento-me em destacar apenas a linguagem e os elementos intertextuais empregados nessas Conversas de velhos, que demonstram, antes de tudo, a erudição e a perspicácia de Agostinho em manipular as palavras. Como exemplo, cito um trecho que fala por si: “[Na velhice] Inclina-se o corpo para a terra e a velocidade das estrelas desacompanha o vivente”.

Em relação à presença da intertextualidade, seleciono a seguinte passagem: “Semelhante aos versos de Afonso de Guimarães, como Ismália, Ismênia tinha sua alma pronta para subir aos céus. Estava uma velha de oitenta anos, decrépita e de voz por um fio”. Nas Conversas, Agostinho empresta novos sentidos àquilo que leu, como é o caso acima, em que o narrador descreve a atual condição da primeira e única namorada de Padre Ataulfo, num reencontro entre o casal quase setenta anos depois da separação. Portanto, fica evidenciado, nesse trecho, a exemplo de muitos outros, que os recursos intertextuais aparecem, neste romance, por possuírem ínti-



ma relação com o novo contexto, e não simplesmente para passarem a impressão de que o autor tem, em sua bagagem, clássicos da literatura universal – e de fato os tem –, como Erasmo de Roterdã, Joyce, Tolstói, Sêneca.

Graças à sua bagagem de leitor, aliada à sua perspicácia enquanto escritor, Agostinho coloca neste texto a medida certa de progressão, diálogos verossímeis e plasticidade, de modo que as cenas podem ser “visualizadas” com facilidade pelo leitor, mantendo seu interesse na história desde o primeiro parágrafo:

Havia três velhos, somente três, mas, aos poucos, surgiu mais um. Foram aparecendo também algumas mulheres, mostrando a incapacidade de os homens viverem por conta própria. Pensava-se... pensava-se que quatro homens dariam conta de esclarecer a velhice depois dos setenta.

O destino dessas *Conversas* descubra lendo até o fim. Bem a gosto de Agostinho: paremos! Que ele fale...

Nathalia Sabino Ribas



Para início das conversas

Havia três velhos, somente três, mas, aos poucos, surgiu mais um. Foram aparecendo também algumas mulheres, mostrando a incapacidade de os homens viverem por conta própria. Pensava-se... pensava-se que quatro homens dariam conta de esclarecer a velhice depois dos setenta.

O caminho da velhice vem com aparente discrição, mas voluntariosa e irreparável. Os quatro homens delineariam solitários as formas peregrinas do ser masculino. A proposta foi de negar a necessidade de se incluir mulheres na trama a ser criada, uma vez que, em outros textos, elas estavam com presenças maiores. Afinal, a igualdade de direitos permanece a mesma. Resolutos nasceram eles, masculinos, entre as primeiras palavras, mas havia uma parte perdida que deixaria incompleto o testemunho da velhice. As formas de cada um deles deveriam se impor como testemunhos arquétipos da vida. A religiosidade, a arte, a caridade, a sexualidade e o poder seriam capazes de suprir o sentido da vida e até esgotar os últimos tempos do ser humano; entretanto, os objetos de paixão, movedores da velhice, não tinham jeito de sustentar-se por si mesmos. Faltava-lhes luz própria. Nasceram as mulheres, e, sem elas, nem aquele que tem Deus como plenificador da vida, consegue dar conta de seu destino. Na velhice, elas se maravilham com pouca coisa, uma vez que estão carregadas de mil e um exercícios de boa vontade. Merecem os dias felizes. Algumas delas aprenderam a perder sua natural sensibilidade durante a vida adulta e querem se comportar como os homens. Todavia, na velhice, facilmente recuperam o talento afetivo e se expandem com naturalidade, tendo em seu corpo um sinal de sua benevolência. Os seios revelam a imbatível qualidade do



acolhimento. Mesmo aquelas que falecem são capazes de provocar muitas saudades, a ponto de inibir a presença de outra no coração dos homens. Elas são penetrantes, ao contrário dos homens, que, em pouco tempo depois de falecidos, falecem até as lembranças. Aquele que tem os recursos materiais do poder é o único que resiste diante da presença feminina, tendo nela apenas mais um objeto. Até o velho vigário de nossas conversas, santo e vigoroso nas mãos de Deus, quer saber-se estimulado por uma mulher, ainda que esteja de respiração difícil e de tonturas anunciadoras do fim.

Em todos, homens e mulheres, desenha-se o inolvidável, o perene, algo maior que o sujeito encontra em si mesmo. A velhice, em quase todos, é levada com forças de um barco que não se move solitário ou lento. O velho, que se sente soberbo em sua generosidade, sente a velocidade da vida, ainda que densa. Por mais que se sucedam os anos e a fragilidade se apresenta inquestionável, não se pode negar a renovação. Inclusive aquele velho que se enche de coisas quer estabelecer um contato transcendente. Caminha, ou melhor, reliza uma dança, por vezes sem ritmo, mas, mesmo assim, há uma comunhão no ritmo perturbador da vida. Entretanto, nem a fé, nem a caridade, nem a força, nem a arte garantem um bom sentido, quando solitárias. Conforme um dos velhos de nossas conversas, o qual se detem apenas em objetos, para garantir um sentido na vida, fica sempre com o gosto das pedras, das latas e das terras. Desse jeito, aos poucos, a sensibilidade começa a perder o viço e as conversas não saem de cifrões com seus respectivos objetos. A velhice, então, perde a graça e aí o velho torna-se amargo uma vez que a agilidade para negócios vai se perdendo. Agarra-se com toda a força ao poder, somando diariamente o que possui. Todos o olham com muita piedade, pois os seus lucros, sem graça para os outros, é o que tem a mostrar como capital de encantamento. Não pode haver coisa pior para ele: seus filhos almejam sua herança e olham para o calendário,



perorando em torno de seu falecimento. Ao menor sinal de doença conversam baixinho, numa falsa demonstração de preocupação. À medida em que o carretel, com o fio da vida, começa a terminar, mais se detem no parco poder conquistado. É como a manhã dos boêmios que têm por vício estragar as festas. Quando chega todos se dispersam por causa da luz. Os genros de um velho, que nunca granjeou estima por causa de sua alma, guardam ódio, oculto ou expresso, quanto mais se estendem os dias de sua vida. E perguntam-se no dia do aniversário: ainda celebraremos outro? Se acaso, depois de muito velho, mantém a lucidez, todos se perguntam: para quê? De fato, uma velhice assim é a prova cabal de que a matéria da qual muitos se revestem de pouco serve. Contribuí apenas como história para ensinar as crianças que esse caminho é a pior escolha. Melhor do que esse velho é aquele que correu a vida inteira atrás de mulheres: é possível que ainda se atenha de forma absoluta em torno de uma, para desvendar a humanidade feminina, que é, como a Santíssima Trindade, feita para amar e não para ser compreendida.

De todo o jeito que se olhar, então, a velhice é um tempo que reúne, de uma vez, sonhos, angústias e alegrias que podem ser mais intensos porque finalizam a escritura dos sujeitos. Bem a gosto de Sêneca: agradabilíssimos podem ser os frutos ao fim da estação. Ainda que sejam pessoas, cada qual buscando instituir-se em grupo, travam dentro de si uma luta particular para existir. Nem a mais profunda amizade reúne condições suficientes para desvelar o que é próprio de cada um. Há uma questão sempre pendente sobre qual o melhor caminho. As perdas vão marcando momentos com diferentes necessidades de reinterpretação da vida. Cinco anos na vida de um velho tumultuam tanto quanto a passagem da infância para a adolescência, da adolescência para a vida adulta, da vida adulta para o início da velhice. Então, mais que a morte, a vida é o modo preferencial de se perceber. Se a morte ronda a casa da velhice, para os



velhos dessa história ela é apenas motivadora de novas instigações para viver. O destino incerto, a curiosidade, a provocação das circunstâncias, as circunstâncias provocadas, enfim, tudo que é maior e mais funesto cerca a velhice, mas, como um leão que ruga, a morte instiga a viver. Entre risos e lágrimas, vai-se em frente como as estrelas, arcaica herança daqueles que detêm sua principal virtude: a inquietação de expandir-se. Os velhos são o testemunho vivo da eternidade, embora, por vezes, retratem o fogo extinto ou a terra deserta: basta uma semente que brote, entre cinzas e areia, eis que renasce a inspiração de caminhar entre cômodos e calcinações.

Na velhice, repete-se Sherazade: conta-se histórias para o Rei não matar a narradora. Elas são belas porquanto ampliadas pela memória. Nenhuma história é criada sem a cooperação das lembranças que tornam o presente aperfeiçoado. A realidade converte-se semelhante ao sonho, uma vez que é revestida das habilidades e das sensibilidades passadas.

A história sobre *Conversas de Velhos* tem a intenção de perseguir uma resposta a mais, embora reduzida, sobre a velhice. Que se possa brincar solidariamente e retirar representações da complexidade com que se reveste. Considerando-se que a narrativa é obra de literatura – portanto, sem a objetividade da ciência – pode, contudo, encaminhar sugestões de pesquisa e outros diálogos para alegria de velhos e daqueles que lá pretendem chegar. Sejam quais forem os vícios e as virtudes da velhice, fazem parte da trajetória humana, e, ultimamente, é a parte mais longa dos viventes. Por isso, o que é dito, se não quanto é necessário, que ao menos possa despertar melhores desenhos humanos, possivelmente, nem tão estereotipados pela sabedoria e nem tampouco por comportamentos regressivos. Se é dito pouco, bem mais merece a velhice. Em todo caso, parece inevitável a observação que a solidariedade e a amabilidade são



consideráveis virtudes com as quais, aos partirem, os velhos possam fechar os olhos com certa alegria.

A pretensão de impor a caridade na velhice, não é para engrandecer a virtude como crença, senão como única certeza. Assim, a ética pública e particular em torno dos mais velhos não pode ser tida como favor, mas como direito inalienável.

Com certeza, nenhum dos personagens é capaz de carregar um boi nas costas, mas a força de sua humanidade pode servir àqueles que pretendem estar bem. Que seus pulmões dilatam-se ao máximo, levando ao vento a renovação da palavra, que seus braços não neguem a devida ação. Paremos... Que falem Ataulfo, Crisóstomo, Péricles, Creso, a falecida Josilda, Letícia, Madalena e Stepânia.



Péricles e Crisóstomo falam do Padre Ataulfo

– Me diga, Crisóstomo, o padre Ataulfo não anda muito preso em Deus e esquecendo dos homens e das mulheres?

– Que eu saiba sempre foi assim. Sei que teve uma grave decepção amorosa quando jovem, e, depois disso, se entregou a Deus...

– Então é isso – avaliou Péricles. Perdeu o sentido das mulheres e entregou-se a um sentimento religioso, buscando aí compensação.

– Diz-se dele que amava a guria de um jeito alucinante, até que um dia viu-a abraçada a outro... Foi tirar satisfação dela e ouviu o que melhor seria não ouvir. Queria dele um homem e não sua lenga-lenga afetiva. Depois disso o rapaz não quis outra mulher.

– Isso que eu digo – avaliou novamente Péricles – não dá para querer demais de uma só coisa.

– Não vem que não tem – Crisóstomo falou com autoridade. Não ponha nos outros a tua fragilidade. Se você anda de galho em galho, vendo as mulheres de passagem, cuidado. A raposa costuma comer o galo que canta demais.

– Até que a raposa coma, o galo já comeu.

– Deixa pra lá, Péricles. Se o padre Ataulfo entregou-se a Deus com todos seus mistérios, não é de nossa conta. Vemos que é um homem contente. A dor consome-o, às vezes, quando é surpreendido com tantas calamidades..

– Que seja sempre assim. Ao menos é dado aliviar-se com



uma boa pescaria, que também foi ofício de Cristo. E se não aprecia a natureza feminina, só posso latimar. O que há de se fazer se o cavalo prefere o pasto ao pão-de-ló – brincou Péricles.

– Deixa de falar bobagem, seu Peco. Cada qual sabe de seus sabores.

– E você também, Dr. Crisóstomo, enviuvou faz um ano e fica aí mais reservado que o padre.

– Estou procurando. Não sou como galo de todos galanteios.

– Não se agarre tanto à seriedade. Ninguém é de ferro.

– É de minha natureza ser fiel – promoveu-se Crisóstomo.

– A da minha é ser infiel. Sou um anarquista afetivo.

– Ao final vai ficar na mão – advertiu Crisóstomo. Diga-me, quem ainda te procura?

– Quase todas.

– Querem, que eu sei, muito pouco de ti!

– De fato. Ultimamente, nem minha conversa, que dava sempre certo, está convencendo. Também, os dentes e os movimentos já não são tão seguros. Elas se afastam de uma boca mole. Vou me juntar ao padre – Péricles ria-se todo.

– Bem como ele diz: os homens vão à igreja somente quando não tem mais força pra pecar!

– Deixa estar, meu homem sério, tenho algumas reservas... Se meu corpo já não tem a elasticidade, vou usar de outros recursos. Mais vale uma mulher na mão que um Deus avoando...



– Não diga blasfêmias! – chingou Crisóstomo.

– Por acaso não é o padre Ataulfo que vive repetindo que uma pessoa que está presa por algum afeto feminino não alcançará a união com Deus, mesmo que tenha muitas virtudes. Dessa maneira reverencio as suas criaturas e, por amá-las, espero sua gentileza – justificou-se Péricles.

– Ele diz que é frase de São João da Cruz.

– Que se dane esse santo que amava sofrer. Sou Péricles e não João.

– Como és volúvel!

– Me sinto confortável em minha volubilidade.

– Só não sei até quando – rançou Crisóstomo.

– Mas não sei por que Deus não me confortará se amei a sua obra mais perfeita e deliciosa. Pecado é ficar escolhendo e esperando demais. Dizem também que depois dos setenta não existe mais tentação... tudo é graça!

– Mudando de saco pra mala, quando nosso amigo Creso vai voltar da Itália?

– Sei lá por onde anda aquele ricaço. Sei que mandou recado para o padre Ataulfo.

– O animal quer comprar os céus com seu dinheiro.

– Tá certo o padre, que aceita. O Creso diz que o dinheiro não traz felicidade, mas muito menos a miséria. Se Deus e o padre são agradaados com o dinheiro do amigo, que sejam felizes. É gente boa, mas vive falando só de seus negócios. Acho que a alma de Creso é



feita de cifrões.

Iam os dois em sua conversa sem muito destino, quando se achega padre Ataulfo para pôr fim às pretensões dos dois em esclarecer sobre a melhor conduta: ou ser fiel como Crisóstomo ou infiel como Péricles. Ao se calarem o padre reclamou:

– Atrapalhei em alguma coisa?

– A gente falava coisas sem importância – desculpou-se Crisóstomo.

– Como sempre – concluiu Péricles.

– Se é para curtir uma amizade, tudo importa! – sentenciou Ataulfo. E a pescaria para quando ficou? Pedi ao padre Ringo que viesse este domingo para me substituir. Disse-lhe que o povo queria matar saudades dele. Aceitou e agora estou livre para pescar.

– Padre – falou Péricles – o viúvo aí não vai à caça e eu aqui não tenho ninguém para amar. Vamos, que Deus também mora no campo e estará bem servido em nossa companhia.

– Tem certeza, Péricles? – questionou Ataulfo.

– Absoluta.

– Além de mulherengo é convencido, brincou Crisóstomo. A humildade anda a quilômetros dele.

– Vamos parar com essa história de quem é o melhor. Vamos pescar – finalizou o padre.

Cada qual foi para seu canto buscar o necessário. As redes e os anzóis com Ataulfo, a bebida com Péricles e a comida com Crisóstomo. Sexta-feira sempre fora um dia mágico para Ataulfo. O



primeiro clarão do dia apontava para a liberdade. Os dias seguintes não seriam diferentes. O que mais o alegrava era poder animar na fé e na caridade a pobre humanidade dentro de sua igreja. Reparava, palavra por palavra, o que havia de dizer. Concentrava-se nelas e quando as dizia era como se delas dependesse a chama de Deus sobre a face da terra.

A pescaria

– Ninguém é tão velho que não possa sonhar com o dia seguinte – dizia Ataulfo, antes de chegar ao lago.

A tarde estava luminosa. Crisóstomo, Péricles e Ataulfo apreciavam as cores diversas junto ao acampamento. Lastimavam a ausência de Creso, sempre envolvido nos seus negócios.

– Como pode um homem ficar tão dependente de negócios a ponto de não curtir sua casa e seus amigos? – ponderou Péricles.

– Pesquemos antes que as cidades enterrem nossos rios – falou Ataulfo.

– Não seja tão pessimista, padre – repreendeu Crisóstomo.

– O sentimento bucólico é que está desaparecendo. Sendo assim, os rios que molham os campos vão morrer e, com eles, os peixes – Ataulfo foi ainda mais incisivo.

– Por certo não será em nossa geração – consolou-se Péricles.

– Com certeza, não, – reforçou Crisóstomo.

– Pesquemos, então! – finalizou Ataulfo.

Levaram somente uma rede, creditando-se a ela o suficiente de peixes para os três. A arte de estender uma rede foi uma tarefa difícil. Haviam levado uma câmara por conta do calor que ainda fazia em abril. Coube a Crisóstomo estendê-la, puxando-a para longe da margem. Depois acenderam uma grande fogueira para iluminar a pequena barraca e o acampamento. Posta a rede, a noite chegou rápida. Começaram a linhar, o que valeu uma grande alegria. Os



peixes contribuíam para o sucesso da empreitada. Padre Ataulfo comentou: vai esfriar muito ao se contar pelos peixes que andam de um lado para o outro do alagado. Incrédulo como sempre, Péricles falou: ôô, Ataulfo, não será porque estão famintos? Veremos, concluiu o padre. Enquanto iam de prosa, Crisóstomo assava uma costela. Aos poucos a nervosia de tirar peixes da água foi se acalmando. Destaque, porém, coube ao último que padre Ataulfo retirou da água. Foi uma corrida louca. O braço do padre sentiu o peso, parecendo haver uma intenção de puxá-lo para dentro do lago. O trabalho de retirar o peixe exigiu toda atenção e toda força. Péricles, ao lado, via o velho vigário compenetrado, ora dando linha ao peixe, ora trazendo-o para si. Mais de meia hora havia se passado nessa luta entre o padre e o peixe. Pareceu que o animal havia esmorecido em seu esforço de liberdade. O padre, por sua vez, facilitou, julgando que o peixe estaria se entregando. Eis que saltou para fora da água, mostrando-se inteiro, à luz da lua, parecendo ainda maior. Os dois companheiros torciam juntos pelo sucesso do padre. Péricles, rápido, foi buscar uma bolsa para ensacar o animal dentro da água.

– É isso, disse o padre, é preciso entrar no lago. Não dá para erguê-lo pela linha. Vamos primeiro conseguir que venha até para perto da margem.

– Deixa que ajudo – falou Crisóstomo.

– Não! – retrucou o padre – essa briga é minha.

– Desse jeito vai ter um troço, santo homem – reforçou Péricles.

Finalmente o peixe prancheou sobre a água, entregando-se ao padre. Péricles, vagarosamente, entrou na água. Abriu a bolsa e fez com que deslizesse para dentro dela. Somente ao sentir que estava



sendo erguido para fora da água, manifestou sua inconformidade. Tamanha era a resistência da grande traíra que obrigou também o padre Crisóstomo a entrar na água. Depois, por bom tempo, contemplaram a vítima deitada sobre a grama. Reluziam as grandes escamas no movimento das chamas. Confessaram nunca terem visto traíra daquele porte.

– Sabe, padre, me dói ver morrer um animal tão lindo – lastimou Péricles.

– Também não me alegra me sentir um predador, mas me desculpo pondo em Deus a responsabilidade de deixar uns animais viverem pela morte de outros. A pescaria me alegra muito, apesar do sofrimento dos peixes, por sentir o que senti: essa luta que me parece semelhante ao que se passa quando estamos em dificuldade.

– Explica melhor – interveio Crisóstomo.

– Não é assim que agimos diante de grave situação? Queremos dominar o que nos aflige. Por vezes damos tempo ao problema, outras vezes, parece que o mal que nos aflige está nos dominando. De repente, salta diante dos nossos olhos ainda mais forte. Com paciência, continuamos a lutar. Nos enchemos de forças ainda maiores, com outras virtudes, como a esperança, a paciência e a prudência. Até brincamos com a angústia. Lá pelas tantas respiramos aliviados: o mal é superado e temos uma forte sensação de sermos vencedores.

– E a humildade onde fica, Ataulfo?

– Modéstia fica um pouco a parte, depois de termos o problema em mãos, domada a dificuldade. Podemos nos orgulhar um pouco, mesmo que se ponha tudo como graça de Deus. Todavia, quando perdemos o peixe, quando já na margem, então, nos sentimos como fracassados. Ficamos do mesmo jeito quando a dificul-



dade nos vence. Andamos de cima para baixo, mas o sentimento nos acompanha. Não se tira a gravidade da mente nem adianta fugir: a causa nos acompanha. É do peso da alma que precisamos nos aliviar. Somente o tempo, com sua delicada esponja, a reparação e as confissões amigas vão retirando o sentimento de nossa insuficiência. Se não for assim, ficamos doentes e até podemos morrer de tristeza.

– Ao ver o velho vigário brigando com o peixe, peleia austera e grande, parecia a luta de Jacó com o anjo – falou Crisóstomo, querendo agradar o santo homem.

– Até Deus se assemelha a um grande peixe a ser pescado – continuou Ataulfo. Ele não é um ser fácil de se possuir. Se esconde, por vezes, em outras, nos sentimos pequenos diante dele e vamos lidando com sua infinitude, a ponto de sentirmos nossa grande fragilidade. E como o peixe, por fim, dele alimentamos, passando a fazer parte de nós.

– Vamos ao churrasco que está pronto – convocou Crisóstomo.

Limpos os peixes e satisfeitos com o jantar, olhavam para o céu e dialogavam em torno de suas vidas. A hora e o lugar eram propícios para estar bem. Se é verdade – dizia Ataulfo, que uma alma serena pode estar alegre em lugares perversos, os lugares agradáveis podem aliviar uma alma pesada. Aí estavam os três velhos, cada qual próximo dos oitenta e tudo levava a uma importante conversa. Péricles foi o principal motivo das palavras que já iam adiantadas.

– Como ia dizendo – falava o infiel Péricles – nunca tive penhores para levar a sério minha vida. Ri mais que chorei. Me fixei no casamento durante 10 anos e depois até pedi desculpas a meus filhos.



Me mandei porque não suportava mais as mesmas coisas. Tudo me cansava. Tudo que fazia me parecia estúpido. Estúpidos meus filhos, estúpida minha mulher e eu o maior estúpido.

– E tua mulher suportava? – interferiu Crisóstomo.

– Pedi todas as desculpas que uma culpa pode causar... Dias e dias fui dizendo que meu destino era outro... Quase me matou... Antes que eu a ferisse, saí de casa. Sinto sempre este desejo mudancista... Meus filhos choraram, mas havia em mim um impulso para outras coisas. Nem sei como mantenho por tanto tempo essa amizade por vocês. Gostaria de saber que bicho é esse que me persegue. Não revelo minha infidelidade como se fosse virtude, entretanto, não me penitencio por isso. Não me culpo por minha infidelidade. Já me basta como sou.

– Deve haver uma razão antiga para andar como um errante e errático, atravessando a vida sem estar preso em alguém – analisou Ataulfo.

– E os padres se fixam em quem – alfinetou Péricles?

– Pela minha experiência, me fixo em Deus e no amor aos outros e a todas as coisas... Outros pastores que conheço se fixam mais nas questões sociais que em Deus... Em outra pescaria vou contar do meu amor a Deus... Agora eu gostaria muito de saber de tua vida... Entenda, viu! Deus me livre de me ver como juiz diante de um amigo, apenas me alegro de poder falar livremente.

– Acho que fui feito para andar sem ninguém... – animou-se Péricles. Quando criança via um mundo cheio de gente, mas ninguém ligava para um pobre garoto. Meu pai era caixeiro viajante. E mais louco que ele só minha mãe, por ter se casado com ele... O seu Patrício vivia sempre cantarolando em cima de sua carroça e



depois sobre seus fordecos, que ele chamava de fogosos. Minha mãe chorava por vê-lo sempre se despedindo. De tanto esperar julgou que não voltaria mais... Mais de ano ficou sozinha com cinco filhos. Bonita e cheia de vida... achou outro. Esse pobre homem se acidentou no campo, debaixo de um trator. Novamente ficou sozinha a dona Leonora... e nós vendo seu sofrimento. Meu pai retornou, mas trouxe com ele outra mulher. Mais louca ficou minha mãe... Tinha por segurança um tio que a consolava dizendo que não levasse com muita seriedade o amor... Aceitou o conselho. Até nós ficamos com um amor muito minguido. Nada mais convencia minha mãe de que éramos importantes.

– Santo Deus...que família mais difícil! – exclamou o padre.

– Agora te entendo – completou Crisóstomo.

– Tem mais, muito mais... Meus irmãos se espalharam muito cedo, cada um buscou a proteção por conta própria. Nenhum deles ficou inteiro a não ser uma irmã minha, que é uma santa. Casou com um homem bom, mas que anda de emprego em emprego. Deus nos deu a sina das estrelas: nunca se fixam no mesmo lugar. Andamos de um lugar para outro. Minha mãe está numa casa de asilo. Vejo que nenhum dos irmãos criou laços e, por isso, não sentem culpa por não visitá-la. Eu e minha irmã é que seguidamente vamos abraçá-la. Vou mais como obrigação... Sempre penso “se ao morrer Deus perguntar... mas nem para sua mãe você deu atenção antes de morrer?” Tenho, então, uma boa saída: já que ninguém tinha a mim com sincera preocupação nem, ao menos, o Senhor arranjou melhor os meus dias, de quem é a culpa? Estou me esforçando para ver se posso sentir um pouco mais de amor dentro de mim, mas pareço um surdo querendo ouvir música.

– Estiveste no meu sermão do domingo retrasado?



– Estive e gostei... É isso que o senhor falou que me comoveu, senhor Ataulfo. Soube que a felicidade, em primeiro lugar, reside em se estender nos outros porque o próprio tamanho é pouco. Estou tentando experimentar esta verdade. Só não gostei da crítica sobre aqueles que amam como se o amor fosse feito de partículas.

– Te digo que nada é provisório quando se tem, um pouco que seja, de responsabilidade no amor. Garanto que não vais te arrepender se essa for tua ética – reforçou o padre.

– Escuta, Peco, nem ao menos tens remorso por ter deixado teus filhos e a mulher a ver navios? – questionou Crisóstomo.

– Acompanhei meus filhos sempre de perto. Eles tiveram mais ternura que eu. Quanto à minha mulher, fiquei feliz. Ela encontrou alguém melhor que eu. Não me arrepenho de a ter deixado, porque, se não saísse de casa, tenho certeza, eu a trairia por causa de meus impulsos loucos. Foi melhor assim. Saímos numa boa e hoje conversamos amenidades em companhia de seu marido.

– Mas nem um pouco de pena das outras mulheres abandonadas? Não sentiste culpa? – Crisóstomo insistiu.

– Fui sempre honesto, dizendo de minha dificuldade em tê-las de forma permanente. Nunca me atraiu muito estar em lugares tranquilos. Saía da vida delas assim que exigiam minha maior presença. Meu coração não estava afim de ficar parado. Sou como meu pai: ando por aí, se não vendendo roupas e perfumarias, vendia um pouco de mim. Era como matar a sede e ir embora. Haveria por aí outras fontes. Assim andei por trinta anos. Agora estou cansado de aventuras. Sinto que estou sem desejo de andar do mesmo jeito. Talvez ande desse jeito porque meu futuro é breve e tenha receio de ficar só.



– Que felicidade é essa, senhor Péricles, de apenas amar por medo de ficar só? – questionou o padre.

– Não entendo muito de felicidade. Se houve muito sentido em tudo que fiz, não sei. Sei que foi uma grande aventura. Andei de cima para baixo, mas nenhuma mulher pode se queixar de minha desonestidade. Meu capital de amor, embora intenso, mas de pouca duração, era pequeno, sei. Entretanto, o tempo pelo qual vivíamos juntos era trepidante, porém aos poucos terminava como fogo de gravetos. Quando sentíamos que a ternura perdia seus esmeros, decidíamos não avançar para não nos magoarmos com o desamor. Algumas choravam por entender que o simples cotidiano também possui seu encanto e a vida nem sempre está efusiva. Diziam que não devemos ser fugitivos. E parece que as mulheres têm maior preocupação com o futuro. Retrucava dizendo que a mim era difícil viver assim. Aos poucos entendiam que eu tinha razão. De toda forma, me pergunto qual será o melhor amor: o meu sempre provisório ou o amor consagrado no qual vai se levando um contrato por conta da promessa?

– Pera aí, companheiro! – começou Crisóstomo. Ninguém é como uma peça de roupa que, quando gasta, já não nos serve mais... O amor exige o cuidado que é a proteção. É muito simples andar de fonte em fonte sem ao menos se comprometer com a água que aí borbulha. Santo Deus, Peco, o que é isso de lidar com alguém somente enquanto flui o interesse pessoal? A fonte da vida não se reduz aos desejos. A pessoa carece de comunicação segura.

– E o que você entende por comunicação profunda?

– É tudo menos andar como um cavaleiro andante.

– Puxa, dom Crisóstomo, que virtude é essa tão preciosa que



sustenta um casal?

– Claro que a ternura física e a expressão sexual contam, mas precisamos de compaixão, de sensibilidade e de companheirismo para dizer que amamos – discursava Crisóstomo. Quando o mau tempo se instala aí podemos saber se existe amor ou não. Se tu aprendeste a viver de maneira muito insensível porque a vida foi pesada, não significa que sempre deve estar por aí sem apreciar uma mulher tendo seu coração em seu futuro. Me parece que mesmo tu mereces mais atenção.

– Talvez eu, agora, esteja mais para ter uma cuidadora que uma amante!

– Não desconsidere o poder de nossas idades – animava-se ainda mais Crisóstomo. Podemos ter um amor mais longo: não se tem a impressão de buscar apenas a superfície da vida. E me parece, pelo pouco que tenho de conhecimento, as mulheres mais que os homens, buscam maior constância no amor, seja em razão de fragilidade, seja em razão de terem um senso de vida mais apurado. Elas amam mais ternamente quando se lhes garante também o futuro. De certa forma, o homem se basta mais facilmente, mas a mulher tem uma ternura mais adiante. Possivelmente você mais feriu que foi ferido.

– Daqui a pouco vocês dois vão me infiar no inferno.

– Isso que ainda não falei – interveio padre Ataulfo. Escuta, seu Péricles, grande dom Juan, só o cotidiano repetido e mais uma vez repetido é que realiza o nosso jeito. Do contrário nem amor nem a pessoa tomam forma.

– Não fiquem aí me julgando como um servo da desgraça. Vou dizer de meu aprendizado amoroso e não de um jeito repetido



de ter amor.

– De repente o teu jeito de ser possa me ensinar também sobre como amar a Deus. Um dia sim e um dia não.

– E eu, pobre viúvo, talvez possa convencer melhor uma mulher a ser feliz, me mandando dia seguinte.

– Se é dito que a repetição é a mãe da virtude, convém dizer que a criatividade também é uma força capaz de melhorar a vida – retrucou Péricles. Sinto pobres as relações antigas, ao menos nas expressões que eu conheço. Tenho amigos e os vejo de falas tão triviais que me penalizo... quando não se dirigem a suas mulheres com mãe pra cá e mãe pra lá. Seus olhos não brilham mais. Aprendi muito sobre mulheres, talvez mais do que quem vive jurando amor perene e fica empurrando com a barriga um vínculo depreciado.

– Me ensine que ainda é tempo de aprender – brincou Crisóstomo.

– Não brinque. Se tenho sido sem a devida atenção com elas, não faltou o elogio da grandeza que possuem. Cativar alguém exige sutileza. Quando me achava em situação de carência compulsiva, aprendia a dizer palavras que faziam com que elas se percebessem ainda melhores do que eram. Conversas doces e sem pretensão deixavam que se sentissem à vontade. Mais me interessava deixá-las orgulhosas de si mesmas. Tenho certeza que nunca banquei um aproveitador. Nenhuma delas poderia dizer que saía do relacionamento menor do que entrou. Com certeza ao terminar tudo mais ganhavam que perdiam. Tinha um olhar generoso sobre a voz, o corpo, a inteligência e os sentimentos delas. Alimentava-as em seus desejos e, de modo especial, em virtudes que nem ao menos reconheciam. Não era indulgente com seus medos. Animava-as a se



alegrarem e se encorajarem. Era bom enquanto durava. Espero que aprenda com a constância de vocês, Cristo, a ser capaz de manter um relacionamento duradouro antes de morrer, mas se é para ficar repetindo um amor insosso, me deixem onde estou.

– Espero que sim – interveio o padre mais uma vez. Como vejo, você parece quase um autista.

– Tudo isso, padre?

– Disse parece. O autista tem dificuldade de responder aos apelos dos outros. Você tem dificuldade de mantê-los de uma maneira mais constante. Mas estou sendo fisgado por suas palavras em torno da ternura.

– Está um pouco melhor – consolou-se Péricles.

– Não tenho opinião clara a respeito das mulheres, mas porque mantenho distância em relação a elas posso falar sem tendenciosidade – continuou Ataulfo. Não fui competente ao lidar com uma delas. Hoje analiso o que aconteceu, me avaliando culpado. Não guardo rancor por ter sido deixado de lado por outro mais competente que eu. Dou graças a ela por ter me voltado a Deus. Aos poucos, em razão de ter entrado nos umbrais do Senhor, estou confortado e prazeroso. Alegro-me a vida com grande intensidade. Sou um ser humano mediado não pela vontade humana, ou por aquilo que uma mulher pode proporcionar de melhor. A minha sexualidade ficou a quilômetros de mim. Tenho no regaço do infinito a contemplação e o afago. Quanto mais permito que em tudo e por tudo Ele possa falar comigo, me estendo como se tivesse asas. Se outrora tive alguns momentos de extremo prazer físico, não tem medida o prazer que me é dado pelas mãos de meu Deus. A concentração pela oração me torna suave e disponível ao serviço. Percebo que



minhas mãos se ampliam e fortalecem minha existência. Assim, ao falar cada palavra, ela não brota somente de minha boca, ela é passada pela intenção do Senhor. Recebo muita gente em grave sofrimento e consigo dizer infinitudes diante da miséria que avassala.

– Que beleza, padre – interrompeu Crisóstomo. É a pura santidade, homem.

– Deixa de ser puxassaco, deixa o padre terminar – falou Péricles.

– E é bonito mesmo – confirmou padre Ataulfo. Acredito ser possível transferir para as mulheres o mesmo entendimento. Em cada ser humano habita a imensidão que é maltratada pela mediocridade. Assim como Deus, as mulheres se alimentam de sonhos vastos como os céus e de ações criativas. São seres ligados à natureza, por isso agradam-lhes as flores e as cores. Arrebata-lhes o peito quando prestigiadas e reconhecidas em seus desejos. O corpo de Deus é a terra: se maltratada há uma correspondente violência. Não é diferente o corpo feminino. A correspondência do desleixo ou abandono que sofrem faz com que morram ou matem. Deus é a expressão da bondade e seu lado negro se dá em sua ausência. Deus, por vezes, nos deixa no deserto para purificação, o mesmo fazendo as mulheres, pelo que tenho observado.

Fez-se silêncio e as estrelas pediam admiração. Os céus, as águas, a brisa e a terra mostravam seu lado grandioso, e o que mais tinha a se fazer era calar. O frio começou a se intensificar e o sono pesava sobre as pálpebras. O santo homem não podia deixar de lembrar Sêneca aproveitando a circunstância.

– Me ensinem, por favor, as duas formas de pudor: aquela que não viola a vida alheia e aquela que faz cuidar de mim mesmo. Tive



em vocês o que se espera da amizade: dividi a vida. Só não sei o que vou fazer com as falas de Péricles.

– Vamos dormir, que me cansei dos sermões – falou Péricles.

– Mesmo que poucos, espero que tenham servido. A mim serviu e, de modo especial, o que tu, Péricles, relataste sobre a invenção dos momentos para quem se ama – elogiou Crisóstomo.

– Padre, antes de dormir queria fazer um acréscimo ao que se falou sobre autismo afetivo. Vejo por aí muitos casais, cada um com seu autismo, repetindo ininterruptamente os mesmos gestos, parecendo reações circulares de baixo ou nenhum teor afetivo, afirmou Péricles, revelando seu medo.

– Todos somos, mais ou menos, escravos do medo e da esperança. Por isso, Péricles, é bom cumprir o melhor que podemos a promessa de sermos fiéis. Desse jeito afastamos um pouco a escravidão.

– Vamos dormir, gente, a lua já vai alta e o frio vai nos deixar doentes – ordenou Crisóstomo.

Três velhos dormiam, encolhidos. Suave a hora em que nada mais existe, senão figuras movidas por desejos habitando a mente inquieta. Pouco se distinguia no espírito dos velhos. O infiel, o fiel e o crente atravessavam a noite com o mesmo silêncio. Povoavam-lhes apenas figuras de pouca distinção: o padre com nuvens, o fiel com uma só figura, o infiel com figuras que se afastavam sem grande pesar. O dia inapelavelmente chegava revelando as formas distintas dos três velhos. Em tudo se formavam seres diferentes, entretanto movidos pela necessidade de se aproximar; os peixes eram apenas a desculpa para se confortarem em seus temores e na vontade de se fortalecer.



A deusa Aurora com seus dedos de ouro, diria Homero, chegava solene e fria, tendo sua autoridade constituída pelos céus. Mal surgira, levantaram-se agradecidos por sua luz, mas com dificuldade, dados o frio e a rigidez muscular, que anunciavam tempos de pouco movimento.

De fato, a noite trouxera o ar gelado. E quem entraria na água para retirar a rede, tendo como auxílio uma câmara? Tiraram a sorte e recaiu sobre o padre Ataulfo a responsabilidade da gelada tarefa. Para surpresa sacerdotal a água estava tépida, comparada à friagem da manhã. As brancas e secas espáduas eram próprias de um asceta. Brincaram os dois sobre a brancura do santo homem. Se não fosse o dia chegando julgariam ser uma alma a flutuar sobre as águas do alagado. O padre retrucou: riam, míseros mortais, de alguém que a sorte impôs a obrigação de pescar. Não tarda a hora da vingança. E, de fato, não tardou. O padre Ataulfo alertou sobre a grande quantidade de peixes presos.

– Seus réprobos sem caridade! – o que fazemos?

– Ponha a rede e os peixes sobre a câmara – gritou o infiel, mas criativo Péricles.

Antes de recolher a rede toda, o padre sossobrava com os peixes enredados. Acudam que afundamos!! Veio rápida a reação do padre. Tomem a ponta da corda presa à rede, aí no barranco! Rápido!!! Corram campo afora!! Assim aconteceu: o padre, segurando o produto vasto da pescaria, deslizava sobre as águas. Sentindo-se a salvo, ria da corrida dos velhos companheiros. Patético era o quadro de dois velhos, em disparada, no campo e de um padre deslizando em velocidade sobre as águas. Ondas grandes espalhavam-se. Ponham mais velocidade, seus velhos molóides! – gritava Ataulfo. Arfavam os dois, sem ao menos olhar para trás. Que pulmão tenho



eu nos meus setenta e cinco – exclamava sem forças Crisóstomo. Péricles estava cianótico. Quando o apanhador da rede chegou à margem, gritou. Basta! Basta!! Salvaram-se o padre e os peixes enlados. A seguir três velhos pulavam como crianças. O padre Ataulfo batia o queixo sem controle. Vestiu-se, sentindo o prazer das roupas. Deram-lhe um gole de canha. O padre ria por lembrar-se da cena dos dois correndo.

– Sabe que podem se candidatar para as próximas Olimpíadas – comentou – rindo a não mais poder.

– Empate! Se patética era sua figura na água, patéticos fomos na correria sobre as gramas e os caraguatás. E o que fazer com tanto peixe? – falou o prático Crisóstomo?

– Vou agradecer alguém, brincou Péricles.

– Negativo, disse Crisóstomo. Em cima de nossos peixes tu não vais seduzir mulher nenhuma.

– Que gente mais sem compreensão, santo Deus – falou Péricles, enquanto ria.

– Sugiro que o excedente seja levado aos Lar dos Idosos! – ordenou Ataulfo.

Os outros dois concordaram. Puseram suas tralhas sobre a F1000 e retornaram. Crisóstomo dirigia com cuidado seu camburão e a estrada oferecia aos três velhos a melhor paisagem. Na manhã solene, os campos loiros da soja a ser colhida. O sol disputava com o frio sua energia.



A pescaria rendeu mais que peixes

Os três voltaram às suas ações e aos seus silêncios. O padre com seu Deus e os dois companheiros com a intenção, cada qual, de encontrar sua mulher com proposições diferentes. Entretanto, para Péricles, as palavras tinham efeito de uma ação comunicativa, pondo-o a repensar sua inclinação nas relações com mulheres. Poderia reverter o seu quadro afetivo desenhado por laços passageiros para um vínculo duradouro? Amar com a vibração do mesmo pensar, com o mesmo corpo e os mesmos sentimentos, ou teria ele o poder de escandir outros versos sobre uma relação conjugal em constante descoberta. Entraria nos seus setenta e seis com alterações de humor afetivo? Percebera-se estranho ao ser visto pelo padre como um autista. Perdera na infância o poder de amar? A complementariedade inicial advinda da relação perdia sua necessidade e ficava isolado em si mesmo, sem forças, como um cavalo cansado. E até perguntava como seria amar em toda latitude, mantendo a imagem fértil e permanente de quem se ama. Não se abaterá outra escravidão? Não seria a visão religiosa do padre impondo a eternidade sobre a humanidade? Seria o fato de não ter aprendido fixar as primeiras imagens familiares? O que faltaria para que pudesse ter uma viva percepção de uma mulher e comprometer-se em tê-la como parceira? Como usufruir de suas mudanças, partilhando tudo que dela viesse, alegrando-se a cada passo da vida? Teria ele o poder de fixar as coisas dentro de si, contando os ganhos diários e as aventuras de amanhã? Teve uma percepção nítida de seu jeito de ser: jamais se fixara em qualquer coisa, a não ser em sua profissão. Além de mulheres, vivia trocando de casa e de lugares. As coisas e as mulheres eram-lhe descartáveis. E agora um velho padre vinha dizer que era como um autista com grande dificuldade de corres-



ponder a quem quer que fosse. Teria razão o Ataulfo ao dizer que a vida necessita de um olhar mais apurado? Nada se mostra de uma vez – dizia ele. Ao voltar da pescaria teve sonhos estranhos. Não havia, no tumulto das imagens, um jeito de chegar a lugar algum. As estradas por onde andava estavam confusas e nem sequer sabia o nome do lugar aonde deveria chegar. Num dos sonhos assustou-se, quando, na andança de chegar, entrou na casa de mulheres que gritavam, confundindo-o como se fossa um ladrão. Em disparada corria para lugares ermos, mas continuava sem saber qual seria a estrada que o conduziria para o nome do lugar aonde devia chegar.

Alguns dias depois, como seus sonhos de lugares perdidos eram insistentes, foi ter com o padre, para ver o que poderia trazer um sono tranquilo e dias melhores. Não foi por nada que se surpreendeu com Ataulfo. Foi tirar lã e saiu tosquiado.

Era o entardecer. Prezava tudo desse momento: como inestimável hora e como amável seio e aconhego.

O padre rezava de seu breviário romano: como um leão que ruga e nos cerca, pronto para nos devorar, referindo-se ao demônio quando tenta um ser humano. Péricles foi entrando e saudando.

– Louvado o santo homem!

– Que é isso, meu grande pecador, louvado seja o Senhor.

Depois da saudação, ambos mantiveram um diálogo surpreendente. O padre mostrava-se angustiado e despejou as palavras como se derramasse feijão de um saco.

– Pois é, amigo Péricles, não sei o que deu em mim de ser tão profundamente atingido por tuas palavras. Sabe que me sobrevieram os sentimentos do tempo que namorava? A sutileza e os impul-



sos antigos quase me devoraram. Eles competiam com a oração e a inspiração divina. Mal acredito que, tendo eu setenta e cinco, esteja querendo retornar à minha juventude.

– Mas, santo homem, não leve a sério o que foi dito por mim. Se andei errante e de pouca responsabilidade, não há motivo para ter preocupação de meu entendimento que agora ponho em dúvida. Que minhas palavras não sejam motivo de tentação de meu amigo!

– É que a exuberância das palavras ecoaram em mim, despertando o que havia reprimido. Tenho de tomar conta deste leão que estava enjaulado e que agora ruga novamente.

– Acho que tais sentimentos podem ser afastados uma vez que, por tanto tempo, Deus orientou todo seu ser, padre. O leãozinho que o cerca não tem tanto poder assim. Foi mais a impressão por causa da vibração das águas e do campo com suas paisagens. Foi o grande peixe que se movia bruto nas águas que ajudou a despertar das profundezas os velhos sentimentos.

– Fazem cinquenta e cinco anos e cinco meses que renunciei aos apetites e à ternura de uma mulher. E agora tudo se revolve em mim. Tenho até vergonha de confessar.

– Tem dó padre, nunca vi disso! Não venha agora me fazer culpado por seduzir um padre ao pecado.

– Não te sinta culpado, Péricles. É da natureza humana o que se revolve em mim. Ou será que Deus quer me pôr em prova austera?

– Deus quer medir suas forças com as mulheres.

Riram ambos, segurando suas barrigas. O padre serviu uma cachaça do melhor alambique da região e a conversa seguiu sôfrega



com o auxílio do espírito da cana.

– Nossa, padre! Julgava que sua fé fosse tão sólida a ponto de jamais se abalar.

– A fé não se abalou. Apenas movem-se em mim outras inclinações, que espero serem passageiras.

– O que o senhor ama como absoluto não pode se curvar diante do tumulto de antigas pretensões.

– Mas ter que morrer assim, sem ilibar aquilo que no homem se revela tão amável?!

– Não sou teólogo, meu querido vigário. Tenho certeza, lembrando as palavras ditas na pescaria, que as dádivas de Deus são absolutas! O resto das criaturas ficam de menor tamanho. Mas não entendo por que sua igreja inibe tanto a virtude feminina a ponto de parecer torná-la incompatível com a virtude divina.

– Quem há de entender a santa madre igreja? Por vezes tenho nela mais uma bruxa que uma mãe. Desculpe, Péricles, se assim te falo.

– Amigo é como se a gente estivesse consigo mesmo. Não se avexe de falar sem restrições. Isso me conforta e me autoriza a falar também o que sinto.

– Avalio que vieste para pôr em ordem as tuas preocupações, e eu aqui querendo pôr na frente o que me aflige!

– Por certo sua agústia é maior que a minha, padre. Estou, ao contrário, querendo trocar minhas eleições provisórias por uma absoluta.



– Estás aí me dando lições.

– Não tenho nenhuma moral para ajudar quem quer que seja. Acho que mais atrapalho que ajudo.

– Para com isso! Veja, Péricles, ao falar me senti mais dono do diabo que o diabo de mim. Seus rugidos se distanciam.

– Não confie muito, padre. Não deixe que as mulheres invadam o espírito. Nada resiste diante delas. São como a Santíssima Trintade. Como os três deuses num só não podem ser compreendidos, apenas amados, elas também. Entretanto, Ele não é tão agressivo quanto elas, quando provocadas. Deixe-as quietas. Se até agora Deus foi infinitamente mediador de sua vida, padre, anime-se, pois nenhuma mulher preencherá a infinitude que Deus concede. Mas se acaso seu coração for capaz de retomar sua antiga expressão, aqui tem um amigo do seu lado...

– Aprendeste rapidamente a minha teologia.

– E nos últimos dias tornei-me um bom discípulo.

– E eu aprendendo o que não devo.

– Acho errado, padre, esse “não devo”. Tudo pode o homem desde que não rebente o lado de alguém. O que pode fazer é pensar: é a melhor escolha um velho vigário deixar, em favor de uma mulher, o seu absoluto Deus que lhe inspira o poder de ver em tudo a natureza maior das coisas? Mesmo que salte de seu coração, uma antiga proposição de amar será capaz de conceder o que sua fé concede e um jeito extraordinário de ver? Daria uma relação de um cotidiano caseiro conta das formas maiores dispostas em sua alma, padre?

– Pode deixar, Péricles, vou ponderar o que disseste.



Conversa de Ataulfo e Creso

Creso, filho de um bodegueiro e de mãe dona de casa. Para saber qual foi o sofrimento de sua casa, somente quem viu o que é contar o dinheiro depois do dia quinze de cada mês. Creso contava. Sofria calado vendo seus coleguinhas carregados de presentes e de roupa decente. Seu pai dizia: posso morrer de fome, mas meu piá vai sair diferente; escola é que não vai faltar. O pai contava histórias e mais histórias de empreendedores que nasceram debaixo do mau tempo e foram enriquecendo. Reuniam riquezas e sorriam com superioridade. Não era como ele que não dava jeito de sair de sua bodega. O que, porém, mais dava na casa de Creso era irmão. Oito no total. Quando, já adolescente, perguntava para a mãe por que tanta gente, ele, como último, ouvia: filho, está arrependido de ter nascido? Arrependido não, mas que tenho vergonha de minha casa e de minhas roupas, tenho. A mãe fazia uma cara triste de doer e com humildade dizia: a vida, é o que pude te dar. Desculpe, mãe, mas um dia a senhora vai morar numa casa grande, no conforto. Não carece, respondia ela, a alegria de vocês me basta. Pra mim não, a mãe ainda ouvia.

O piá ia crescendo com essa inconformidade e logo aprendeu o sabor de ganhar dinheiro. A mãe via que os olhos de Creso brilhavam ao negociar as bolas de gude, não sabendo como o seu garoto, além de saber jogar, fazia render com o que ganhava. Na escola particular de ensino médio, onde estudava por favor das irmãs do Divino Salvador, recolhia os livros de uma turma ao fim de ano, comprando-os por uma miséria e, no ano seguinte, vendia-os por um pouco menos que a livraria vendia. Na universidade, ninguém mais que ele se adiantava na organização das disciplinas e de seus



registros. Capitalizava o material organizado, de forma que o curso superior em Administração rendeu muito. Mal se formara já possuía um pequeno mercado e logo a seguir outros semelhantes na periferia da cidade. Não mais que cinco anos depois, construíra no centro da cidade um Shopping, com diferentes lojas e mercado. Concomitante ao seu capital, completados seus trinta, estava ele com diversos imóveis. O casamento de Creso foi celebrado com uma modesta festa em razão de economia. Com certa relutância, cumpriu o que havia prometido. Comprou uma nova casa para a mãe, dividindo com seu pai a metade do empréstimo habitacional. Sua esposa Lídia deu-lhe três filhos, todavia o que mais namorava era sua fortuna. Aos cinquenta anos, comemorou com sofreguidão a etapa de importação e exportação de tecidos e pedras. A família era motivo de preocupação de sua esposa, para ele contava a fortuna. Os laços do trabalho o consumiam e tinha prazer, em grande escala, nos cálculos e nos lucros. Havia nele uma espécie de compulsão, um fogo ardente, uma paixão em avaliar o quanto e como multiplicava seu capital. Gloriava-se, com certo sentimento estético, em torno das pedras vindas do Egito e das montanhas do Afeganistão. Não apreciava tanto a beleza natural, como o resultado financeiro que elas rendiam. Estava sempre sôfrego ao tomar nas mãos o produto de seus negócios. Lídia dizia-lhe que havia mais afeto em ter nas mãos as pedras e os tecidos que ela e os próprios filhos. Seu império tinha rápido aumento e eficiente controle. Escolhia seus administradores com muitas reservas, entretanto oferecia-lhes bom rendimento. Se havia sovínice com seus pais e irmãos, não acontecia o mesmo com seus administradores. Não era estimado de coração, mas, preservava atenção ao seu amigo padre Ataulfo, ao Péricles e ao Crisóstomo. Ataulfo costumava brincar com ele, dizendo que aquela amizade pequena era a única virtude que havia sobrado nele. A ambição era tanta que até para as melhorias canônicas do padre ele as alimentava



com muito cuidado. Assim, o que para Creso era migalha para o padre era fortuna. Aos dois amigos, Péricles e Crisóstomo, presenteou duas vezes com viagens, por razão de sobrar-lhe milhas. E lá iam, um da cada vez. Crisóstomo para conhecer o berço da história, indo e vindo em museus e outras edificações-marco da história. Péricles ia para se divertir e acompanhar Creso, cujo motivo principal eram os negócios, e para os dois, comidas e mulheres.

Creso, manhã de domingo, foi ter com seu vigário depois de ouvir no sermão: aqueles que vivem tendo como razão principal o dinheiro e o poder são infelizes. O diabo sabia muito bem disso ao levar Cristo para o alto de uma montanha. A salvação não convive com a ostentação. Um bem que temos, cedo ou tarde, nos será tomado. E para que tanto esforço se, ao final, tudo nos será tomado? De que vale andar correndo e acumulando bens se com eles perdemos a ternura de nossas casas? Não nego o valor de nossas riquezas, conquanto não impeçam a alegria de viver. Saibam todos aqueles que têm poder: são mais importantes a bondade e a presença que a conta bancária.

Creso, todos sabiam, era amigo do padre, e até estranharam que ele tivesse a coragem de proferir tais palavras. A maioria das paroquianas e muitos paroquianos dariam uma fortuna para ouvir o que os dois conversariam no momento em que Creso se dirigiu à casa canônica. A conversa foi calorosa.

- Obrigado pelo puxão de orelhas que levei na igreja.
- Devia dar em teus dedos com maior força – respondeu o vigário.
- Por que tanta veemência? Já estou velho e bem que merecia mais respeito.



– Pela antiga amizade, urge ver se te convênço a teres a vida como centro de tuas atenções. Nem convém a um velho viver sem solidariedade e sem ternura.

– Quem vai cuidar dos meus negócios?

– Deixa pro teu filho, que ainda bem que sabe medir melhor o que convém e não convém a um ser humano.

– É muito devagar! Está mais para pastor que para negociante.

– Não fale assim dos teus, que não sabes o que tens em casa. Se ao menos aprendesses com a bondade de Lídia e de tua filha Ester.

– Aprender o quê? Mal sabem o dever de casa.

– Não sejas rude! Já chegas ao oitenta e não te é suficiente a montanha de dinheiro?

– Sinceramente não! Agora que aprendi tudo sobre pedras, imóveis e tecidos, vou ficar sem o prazer de negociar?

– És cego, tens uma cegueira que te inibe de ver o principal! És como o rei Creso da antiga história do Oriente Médio. Morreu por causa da ambição. Pensava que poderia tomar as fortunas de Ciro e acabou perdendo seu pequeno reino e lastimando não ter medida. Transformou-se no ouro que desejava, acabando vítima de sua cobiça.

– Vai dizer que o senhor se tranforma em Deus?

– Sem dúvida. Tenho nele todas as coisas. E do alto de sua vontade medito sobre o que devo fazer. E não me enrolo na frieza dos bens que te consomem.

– Mas não te queixas das ofertas que faço para tua Igreja.



– Se te fazem falta, fique com elas. Sinceramente: preferia que fosse menos ou nada, mas que estivesse melhor.

– Quem diz que estou mal?

Não havia se esgotado meia hora quando Lídia, mulher de Creso, chegou, interrompendo a resposta de padre Ataulfo. Sem muita delicadeza entrou no diálogo que se fazia.

– Não sei se sou bem-vinda, mas pensei que se não falasse hoje não sei se ainda falaria.

– É sempre tempo de falar, animou-a o padre, enquanto oferecia uma cadeira.

– Creso, fique sabendo, estou aqui desesperada. Não me sinto à vontade de te deixar e nem sei como consigo ainda olhar para ti. Me sinto tão mal em ser tua esposa e faz dez anos que nossa intimidade se tornou um horror.

– Não seja pessimista, mulher. Temos tudo em nossa casa.

– Uma casa sem alma! Veja, padre, se é possível! Nossa intimidade se conduz em gestos burocráticos e da última vez ocorreu um fato abominável e que me causa muita vergonha. Quando Creso me possuía, na ejaculação – é esse o termo exato – falou com ternura, pedras, pedras... Fiquei aturdida. Chorei desconsolada. Se ao menos me confundisse com uma afegã... mas com pedras do Afeganistão não tem mulher que suporte. Nele tudo se transformou em pedras e cifrões.

Fez-se o silêncio. Daqueles momentos terríveis em que o inferno é pobre analogia. Os olhares cruzavam-se cheios de espanto. Creso tentou amenizar, mas saiu-lhe apenas um som gutural. Passado o maior assombro, o homem conseguiu balbuciar.



– Desculpe, padre!

– Santa Maria Mãe de Deus e de todos os pecadores, não é a mim que debes pedir perdão! Bem vêes em que te transformaste!

– Num monstro coberto de pedras e de ouro, falou Lídia, entre lágrimas. Prefiro gestos de carinho, uma pequena casa à fortuna que me causa desgosto e que deixou meu marido um homem miserável.

– Pega mais leve, mulher, que assim o padre vai achar que sou um desastre em minha casa.

– És mais que desastre. Não consegues demonstrar nenhuma bondade, nem ao menos para nossa filha! Lembra quando Ester adotou nosso neto, faz vinte e cinco anos? Ela tanto pediu que você conhecesse o menino. Levou um ano a fazer a primeira visita e não ficou mais que cinco minutos. Lembra das palavras ao se dirigir ao guri: o que é isso? Só por que o menino era moreno. Durante os dias da licença-adotante que ela teve, nem ao menos deste um telefonema. A distância e a severidade com que trata a todos faz causar um silêncio pesado por onde andas.

– Mas com os meus meninos foi diferente, falou Greco.

– Engano seu! Você se dirigia aos seus filhos enquanto via neles seus futuros gerenciadores de bens. E deu em nada. Nada querem do que te pertence. E um deles cosegui salvar das drogas, por bondade de uma casa de drogadição que nos ajudou. Pior de tudo: ele envelhece triste porque o pai foi um ausente.

– Nunca fui acusado tanto assim!

– E é pouco! Tanto o padre quanto eu apenas queremos que você tenha sentimentos melhores que aqueles que você tem para



com suas coisas. Que você não morra um velho empedernido. Que seus bisnetos o reconheçam como um ser humano. Queremos que a sua vida como uma história a ser bem terminada. Que todos se alegrem com seu final. Do jeito que estão postos os acontecimentos de sua vida dirão que morreu mais um velho avarento. E do jeito que tudo está, você navega num lindo navio, mas solitário e para um péssimo destino.

Creso levantou-se, de inopino. Ao sair bateu a porta, dizendo: vão à merda, estou com fome e tenho mais o que fazer! Lídia pediu desculpas, mas foi incisiva em seu desejo de falar.

– Pois bem se vê, padre, que a velhice não torna ninguém melhor por força da idade.

– Creia nisso, mas é sempre tempo de estimular a que surja um novo aprendizado.

– Duvido que este ainda tenha salvação. Mais do que batalhei! No início do casamento havia um resquício de bondade. Como um barco que se afunda afundaram-se minhas esperanças. Atribuía sua austeridade aos tempos difíceis de sua infância. Pensava em resgatar, não sabia de que jeito, melhores sentimentos. Seu alfabeto, porém, era somente composto de cifrões.

– À medida que se fragiliza, talvez, sobrevenha-lhe um pouco de compaixão. Falou certo quem falou que a pobreza de espírito era um santo remédio para ser feliz. Não desista, Lídia, da tua ternura.

– Assim será, padre.

– Diga àquele velho cabeçudo que quero continuar a conversa.

Ataulfo ficou de boca aberta por certo tempo. Nunca havia



lhe ocorrido que alguém pretendesse, com tanta determinação, o domínio de tantos bens. Não a ponto de, no sentimento mais íntimo, confundir a ternura com pedras. Veio-lhe, então, à mente um pensamento de Sêneca: quão débil é o espírito daqueles que apenas tem admiração em seus músculos e na envergadura. Pobre de Creso, que têm admiração em suas pedras e em outras pequenas coisas.



Pequeno diálogo sobre a solidariedade

Feitas as despedidas de Lúdia e passada a perplexidade, o vigário foi até onde se reuniam Crisóstomo, Madalena e mais algumas mulheres que participavam do esforço dos cuidados com velhos que estavam em grande vulnerabilidade. Concluía os preparativos da semana com um projeto. Encaminhavam para a Secretaria de Saúde, juntamente com o Programa de Saúde da Família, a solicitação de camas hospitalares para facilitar o trabalho do cuidadores domiciliares. Irradiava-se, ao final daquela manhã de domingo, a alegria do grupo. Ficaram, por fim, o vigário e Madalena. Ela estava carente de revelar suas impressões sobre seu velho de rua.

- Não vai querer almoçar primeiro, Madalena?
- O desejo de dividir minhas atividades é grande, mas se o padre quiser almoçar fica para outra hora.
- Falemos, pois. Que se alimente a alma!
- Meu comentário é breve, padre.
- Tua presença me agrada, fale o tempo que quiser.
- Sabe, padre. Aquele velho que vive na rua...
- Aquele maltrapilho?
- Esse mesmo!
- O que tem o velho homem?
- Descobri em Anselmo toda a humanidade. Aprendi no meu silêncio, quando o escuto, o tumulto humano e ao mesmo tempo



sua graça. Ele não anda por aí a esmo. Sua observação é profunda. Diz ele: me basta o que vejo e o que vejo é muito. Caminha por aí, revelando, nos seus passeios, como pode ser grande a visão de mundo, mesmo que veja detalhes de nossa cidade. Lê nosso mundo com tamanha intimidade que se desdobra seu ser no ser das coisas e dos outros. Avalio, então, em mim, a minha grandeza por dividir com ele a múltipla face das coisas. Nada me é mais superficial. Ao me identificar com ele, vejo minha pobreza se contrapondo à riqueza com que percebe o que o cerca. A suavidade, a contradição, a aspereza, a violência e a ternura ao serem reveladas se irradiam tomando formas diferentes, e a nitidez das decisões são melhor percebidas.

– Veja, então, Madalena que teu aprendizado é semelhante ao que tenho de Deus. Quanto mais anulo meus próprios sentidos, me entregando à bondade divina, tudo se esclarece melhor. A solidariedade que tens é a de minha comunhão com Deus. A oração do coração pela qual me deixo levar tem o mesmo fundamento. Ao silenciar descubro a imensidão e a profundidade. A verdade, porém, é que o teu Anselmo é um peregrino muito esclarecido. Não é qualquer esmoler. Sei que resolveu viver, voluntariamente, desse jeito. Foi até professor de uma universidade.

– De fato, quando eu, Astor, Crisóstomo e Priscila começamos a ouvi-lo recrudescer em nós a complexidade humana e os seus extremos. O nosso silêncio e as palavras esclarecedoras de sua humanidade, quando dispostas à sua compreensão, fazem com que ele determine melhor a si mesmo. Nós, de nossa parte, pela identificação, percebemos melhor nossa extensão. Nessa concentração em torno de sua rica história e pobreza faz nascer uma doçura em nossos corações. Ele desperta nossas raízes mais profundas e a satisfação toma conta de nós. Quando ele traz para nós suas vivências de solidão e presença, nós nos apropriamos também de sua grandeza



humana. Seus rochedos, suas árvores, seus pássaros, seus ninhos, suas casas, suas lágrimas e risos comovem-nos. Por ele nós nos tornamos mais íntimos de nós do que nós próprios o somos.

– Do mesmo modo que vocês estão sendo principiantes no caminho da compaixão, eu busco principiar o caminho da humildade diante de Deus. É pena que as pessoas busquem fora da solidariedade o que nos é próprio. A matéria, por mais sofisticada que seja e bem compreendida, não pode traduzir a perfeição que nos é concedida pela afeição humana e pela mente posta em Deus. Isso não significa a ignorância ignominiosa, mas a compreensão generosa.

– Tenho prazer em escutá-lo, padre. Tenho a impressão de que Deus e os outros são uma única coisa. É pena que ambos estejam tão escondidos. Quando, então, estamos perdidos em detalhes somos triviais em relação ao tamanho que podemos assumir. Penso, então, que não posso adaptar minhas ações aos modos artificiais da tecnologia e da superficialidade, mas deixar-me ascender aos modos do cuidado.

– Sempre queremos apanhar tudo com nossa cabeça experta, mas o principal se dá pela crença e pela bondade. O melhor da vida não consiste em compreender criticamente, mas em nos darmos o direito da contemplação e da comunicação.

– Consegui dizer, embora muito mal, sobre a alegria de ser com Anselmo, que nada tem e vive tão contente.

– Agora já é o suficiente. Acredito que teu marido já esteja desconfortado por estares longe de tua casa.



Creso retorna à conversa anterior

Imitando a sua juventude, padre Ataulfo recorria a uma de suas leituras. Por mais doçura e esperança que lhe desse seu Deus, à força de estilo, ideias e brilhante locução, ia até seu velho amigo Erasmo de Rotterdam. Por mais agradável que seja o mel das abelhas, mirim, europeia ou africana, a boca cansa da dulcíssima substância. Por essa razão tomava nas mãos seus velhos autores e se deixava levar como se sua alma não lhe pertencesse. Lia de Erasmo: *a mais louca e mais desprezível de todas as classes humanas é a dos mercadores. Ocupados o tempo todo com o vil amor ao lucro, empregam, para satisfazê-los os meios mais vis; apesar disso acreditam que seu dinheiro deve fazê-los passar pelos homens mais importantes dos homens.* Riu-se todo, de cima abaixo, ao continuar, lendo o que dizia o teólogo debochado: *não faltam frades adutores que não coram por lhes oferecer em público os títulos mais honroso, a fim de abocanhar uma pequena parte da riqueza mal-adquirida.* Ataulfo tinha a certeza de que não adulava nem elogiava, entretanto não podia negar a aceitação da pequena parte dos lucros provindos do mercador Creso, seu amigo. Agora, porém, podia avaliar como ficava a alma escrava do vil amor ao lucro: a humanidade estreitada e tão desonrada. É o que viu pelos resultados que Lídia mostrava em sua casa. Pensava: se assim tratava dos seus, como seria o tratamento com aqueles que o ajudavam na conquista da fortuna? Para certificar-se e melhor cercar seu amigo e corrigi-lo em sua trajetória, foi ver de perto com quantos paus Creso fazia sua canoa. E viu: ninguém o tinha com afabilidade, entretanto havia senso de justiça para com aqueles que estavam de seu lado, ajudando-o na composição de seu império. Orou, acreditando que, pela amizade com Deus, poderia ampliar as afeições secas e apertadas de Creso. Havia tamanha sinceridade



nas palavras postas em sua oração que a comoção dos anjos seria geral para aqueles que creem na existência dos seres celestes. Meu Deus, pedia, dai a ele o que não vos falta desde a eternidade. Se é tanto de vossa posseção, não vos faltará o pouco que deve ser dado ao meu amigo: um pouco de amor, por pouco que seja. Não careço de seu dinheiro. Careço de sua bondade para com os seus e todos aqueles que dele se aproximam. Por que concedeste tão pouco de amor e tanta volúpia pela matéria a um só homem? Senhor Deus de afáveis infinitos, afastai a acídia afetiva. Fazei brotar como a grama, um pouco de ternura. Que não morra velho e tão miserável. Amém. Nunca havia pedido tão solenemente, mas, pela amizade, sabia, tudo deve ser feito.

Ataulfo sabia que o aprendizado infantil é a mais difícil de ser afastado. Deveria perder o medo da pobreza e assumir o ridículo de tantas escrituras enchendo seus cofres. Todavia, brilhavam seus olhos quando mostrava aos seus administradores a extensão de suas riquezas. As exclamações daqueles que tanto precisavam dele faziam seu peito alegrar-se. O vigário jamais imaginara que alguém pudesse ser tão limitado quanto seu amigo, mostrando sua fortuna. Para o santo homem seria um desafio fazer Creso ter uma crença e alguns hábitos mais pertinentes à doçura humana.

Parecendo milagre, mal se haviam passado dois dias, Creso veio ter com Ataulfo. Não aparentava estar envergonhado, o que levou Ataulfo a pensar que a amizade tem disso: é como estar consigo mesmo, permitindo ser aquilo que se é, sem graves estremecimentos. Foi logo saudando:

– Olá, seu vigário de meia pataca, como tem passado da altura de seus anos e da santidade?

– Sempre diante da graça de Deus, da mesma graça que meu



amigo, espero, esteja se alimentando.

– Vamos logo ao assunto, doutor vigário. Estou acabrunhado por aquilo que minha mulher falou.

– Vai dizer que ela exagerou ao falar da lembrança das pedras?

– Não, mas podia ser mais reservada.

– Se eu tivesse o poder de Deus arrancava tua cabeça e te punha no inferno.

– Também o senhor, vigário? Cadê a bondade cristã?

– Escuta, Creso, o ouvido de um padre ouve mais que o ouvido de um psicanalista. Confesso que poucas vezes ouvi tanto sofrimento de alguém. Tenha dó de tua alma.

– É bem isso que me fez vir falar. Talvez tenha sido a minha fome pelo ouro que me tornou um tanto insensível.

– Como ousas dizer: um tanto insensível? É cruel a tua forma de olhar para quem quer que seja. Quisera te dar outro coração a ver se possas amar Lídia. Pobre mulher que se casou para ser amada e encontrou um vendilhão.

– Pega leve, que também estou sensível.

– Que bom saber disso, Creso. Estava na hora. Chegar aos oitenta é tempo de conversão, embora quase tarde. Vá ver o mundo com os olhos de tua amada e aprenda um pouco de encanto.

– Me explique por que estou tão distante dos que precisam de mim. Ao menos me faça alegrar de um modo diferente com a vida.

– Posso te alcançar uma explicação e propor exercícios. Tam-



bém os velhos têm jeito de aprender. Conversei com Lídia e ela me dizia do jeito que passaste a infância. A pobreza deixa sua perversidade em algumas de suas crianças. Foi pesado demais a casa estreita e as roupas pobres. Perdeste a sensibilidade para não sofrer mais. É de tua natureza a sensibilidade, mas te impuseste substituir o que te faltava: desde criança buscaste dinheiro para impor mais respeito. E veja: em que mais investiste para te impor; desde o início imóveis e mais imóveis para superar a casa pequena que te causava exageros de desconsideração e ainda com cinquenta anos começaste a superar a arcaica dor das roupas. As pedras, meu Deus, as malditas pedras que se tornaram como um instinto em tua vida. As pedras são o símbolo perfeito da permanência, daquilo que não se destrói. O menino frágil quer se pôr em segurança. E em tudo puseste, como assombro, o teu esforço, julgando que concedendo ouro estarias protegendo quem te cerca.

– Acho um pouco forçada essa análise de meus interesses, todavia vale como uma conduta amiga. Bem que poderia me avisar antes. Busquei encontrá-lo por todas as paróquias vizinhas antes de chegar aqui, e assim mesmo nada me falou.

– E qual a chance que davas aos teus amigos? Sempre correndo como doido. Acaso não andavas de cima para baixo com tuas idas e vindas para a Europa. Se ao menos levasses Lídia. Se ao menos entrasses nas lindas igrejas para sentir um pouco do mistério de Deus.

– Isso é coisa pra monge, Ataulfo.

– Negativo. É pra gente. A poesia solene anda solta sobre os objetos nos museus e nas antigas igrejas. Nem ao menos ias a Notre Dame. Palavras ainda podem ser ouvidas no Fórum Romano e no Coliseu. Cada pedra carrega o sonho, a glória e o desespero huma-



no. E ias, atravessando tudo isso, para ver as pedras nas montanhas do Afeganistão.

– Que me interessariam as velharias?

– É a vida que ainda suspira em certas regiões. A alma de toda a humanidade povoa certos lugares.

– Que lições vão me ensinar agora?

– As melhores, com certeza, mas como toda a virtude carece de exercício, vais revelar a Lídia o amor preso debaixo do ouro, dos imóveis e dos tecidos. Teus filhos aguardam ainda teu olhar. Aqui tens algumas estrofes de Fernando Pessoa.

– Quem é o tal de Fernando? Nunca ouvi falar dele.

– Um grande poeta português. Leia esses versos para Lídia. Ela merece depois de tudo que aprontaste. E teus pecados serão perdoados. Vai, leia e não tornes a pecar.

Padre Ataulfo entregou-lhe o poema “Lídia” que adredemente havia preparado. Retirou dos versos as partes menos cristãs. Castigou a poesia, acrescentando outros dois. Tudo para o bem das almas.

*Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio.
Sossegadamente fitemos o seu curso e aprendamos
Que a vida passa, e não estamos de mãos enlaçadas.
(Enlacemos as mãos.)*



*Depois pensemos, crianças adultas, que a vida
Passa e não fica, nada deixa e nunca regressa,
Vai para um mar muito longe, para ao pé do Fado,
Mais longe que os deuses.*

*Amemo-nos tranquilamente, pensando que podíamos,
Se quiséssemos, trocar beijos e abraços e carícias,
Mas que mais vale estarmos sentados ao pé um do outro
Ouvindo correr o rio e vendo-o.*

*E se, antes do que eu, levores o óbolo ao barqueiro sombrio,
Eu nada terei que sofrer ao lembrar-me de ti.
Ser-me-ás suave à memória lembrando-te assim - à beira-rio.*

Cristã amável, ser de mim distante por culpa do meu jeito.
Confesso agora o início de um tempo novo para meu ofício
De andar peregrino, errante de mundos materiais: ao teu lado
Ficarei o tempo necessário.

Quero o teu perdão. Que eu o tenho por bondade tua,
As flores em teu regaço, postas por minhas mãos ausentes,
Sejam o sinal de minha verdadeira contrição! Gentil senhora,
Perdoa que ainda é tempo de te amar.

Vinha abaixo a recomendação: ler esta oração todas as noites até que Lídia se canse de ouvir de ti o que nunca disseste. Este é o primeiro exercício.

Conforme recomendação do padre, Creso retornou cinco dias depois.

– Então, leste a poesia de Fernando?



– Li, mas com pouco de boa vontade.

– A vida é assim: muitas coisas se aprende de coração, com sentimentos felizes. Outras se aprende pondo a vontade na frente. É como a dona de casa que está indisposta a fazer a limpeza da casa, mas limpa uma gaveta, depois mais outra e, desse jeito, vai tomando gosto pelo brilho da casa.

– Digamos que sim, vigário.

– Afastar velhos diabos é um empreendimento para poucos.

A conversão de Creso não passava de uma inconstante luta. Incidia em suas ambições, entretanto as pedras, os imóveis e os tecidos já não reinavam sozinhas no coração do ambulante. Estava, porém, com suas ternuras em desalinho com as circunstâncias. Os gestos ainda eram toscos. Graças, entretanto, a exercícios sistemáticos impostos pelo padre, aprendia o que deveria ter aprendido desde a infância. A pobreza de seus pais deixou-o inclinado para a compensação material, mas o padre, mediado por suas convicções, fazia com que resistisse. Dizia-lhe o santo homem: antes dos noventa terás o que nunca tiveste: um pouco de paz e de respeito por conta de tua luz. Os exercícios seguintes custaram ainda mais. Ataulfo pegou pesado contra as riquezas do velho Creso. Pelo amor de tua mãe, de tua avó ou de quem quer que seja que tenha passado por tua vida, não dá para continuar desse jeito, afirmava o padre categoricamente. Abra o cofre e venda uma propriedade e te despenda de um dos imóveis antes que morra sem virtude. Seja generoso para ver se tua alma ainda tem salvação. O resultado comprovante do exercício de bondade foi a venda de um belo terreno. Todo o dinheiro foi aplicado na compra de um automóvel para os cuidadores de idosos dependentes e para a aquisição de dez camas hospitalares, pois fazia tempo que o município apenas as prometia. Nas casas dos cuida-



res foi uma festa, pela facilidade gerada. Foi convocada uma reunião dos cuidadores e Creso pôde ouvir palavras de reconhecimento. Nada foi dito, além de expressões alegres. Foi realizada uma viagem para a Europa e Creso finalmente levou Lídia, e, por mares azuis atravessados, fizeram-se gestos preocupados somente em agradá-la. Creso, ao voltar, sentiu forte o desejo de retornar aos seus negócios, vivendo entre o sacrifício de dar e de repor o que havia se perdido.



Crisóstomo e sua dificuldade

É injusta a pessoa que olhar para Crisóstomo tendo-o por um velho solitário. A tristeza, após a viuvez, deixou-o abatido, embora o luto não se tenha constituído da forma como é proposto pelos estudiosos. Agravou-se a ponto de se ter o homem com grave perturbação de humor. Diziam os psiquiatras que apresentava todos os dez sintomas da depressão, incluindo os últimos três indicadores de distúrbios depressivos: sentimentos de desvalorização ou culpa excessiva ou inapropriada quase todos os dias; diminuição da capacidade de pensamento ou concentração, ou indecisão, quase todos os dias e pensamentos recorrentes acerca da morte. O homem estava tão mal a ponto de estar em completo desespero.

Sua confissão ao padre Ataulfo foi uma espécie de revelação da eternidade. Seus sonhos estavam mais para a imensidão e o intemporal que o cotidiano trivial no qual se faziam o espaço e as horas. Dizia solene como quem julga ter a verdade irretocável: vi em sonhos minha amada Josilda, aquela que não mais partiria, deixando-me sozinho a ver nascer as madrugadas. Tudo era simples. Minha alma estava pequena como uma florzinha. Nós dois juntos trazíamos as emoções que queríamos. Estávamos fora do tempo que tudo corrompe. Tínhamos tudo que nos escapava. As muitas noites que passamos juntos, num só sonho, tinham as estrelas reunidas. Nada tínhamos a não ser um sentimento insondável, mais puro e profundo do que aquele que tínhamos quando acordados. Estou tão preso em Josilda que nada pode nos separar. As pobres lembranças que trago dela, entretanto, são incomparáveis com o que posso ter em sonhos. Quero retomar a palavra com ela. Não carecia dos lábios nem dos seios. Cada palavra movia o prazer. Assim as horas



não nos corrompiam e nem os anos nos faziam flutuar com identidades diferentes. Era tal a união que tudo em nós se confundia. O prazer que sentíamos, quando casados, era pequeno, parecendo pobre e até miserável perto daquele que comungo com ela quando a vejo penetrante em meus sonhos. Não mais nos possuíam os temores e as perdas. Aí tudo era incorruptível. Tudo se movia em torno com tal prazer que as coisas participavam de nossa mística união.

O padre Ataulfo ficou muito preocupado e buscou socorro até na universidade. Dizia ele: aí as novidades científicas são muitas. Junto ao grupo que pesquisava velhices, descobriu que o velho homem havia se identificado de tal forma com sua falecida Josilda que não assumia outra terrena comunicação em razão da frustração. Era um caso de alucinação afetiva. Estava sem outra palavra, sentimento ou ação. Tudo havia se estratificado na forma de sua mulher. Era de se entender que quisesse dentro da lógica de sua fé, encontrar seu equilíbrio. Era explicável que delirasse com o conhecido e absoluto amor, não encetando novas comunicações. Sentia-se como perdido em Marte, e o silêncio lhe era profundo. Aconselharam que fosse dado um choque de amor terreno ou aplicado qualquer outro expediente que surtisse algum efeito, fazendo-o voltar para as coisas da terra.

O santo homem que havia conquistado uma comunicação com seu Deus de forma precisa e indelével, mas não alucinante, foi ter com Crisóstomo a ver se o animaria com as coisas terrestres. O diálogo surtiu seus efeitos, tendo o padre usado estratégia pouco recomendável. Afiançou ao seu amigo que também estivera em voo celeste mais rápido que os gaviões quando se precipitam. Vira dos balcões da aurora o seu Deus avisar-lhe sobre a conduta de seu amigo. E ouvira em alto e bom tom a opinião divina sobre Crisóstomo. O homem, que perdera o senso das coisas da terra, ouviu-o



com respeito. As recomendações foram de estar atento à sua casa e a tudo que ela continha. Para descanso e alegria eterna de sua amada a ordem divina era de ele renovar a casa e retomar o diálogo imediato com seus filhos. O Senhor necessitava de todo o cuidado de Crisóstomo em torno da casa e da comunidade. Que a vida do outro lado era de responsabilidade divina e que ele não se metesse antes de ser chamado. A eternidade esperaria por ele e somente então sua mulher o receberia de emoção ampliada e de glórias perenes. Assim era o desejo da esposa. Era a ordem divina.

Por entender, mal egresso de sua loucura, que o vigário tivera a luz divina a inspirar-lhe sobre o que fazer na solidão, Crisóstomo começou a abrir os olhos, a boca e os ouvidos para as luzes, as palavras e as vozes. Com muitas lágrimas despreendeu-se de Josilda. Não sem se perguntar, por que tinha Deus de se enfiar no meio de sua existência e falar com seu vigário. Se a eternidade que ambos começavam a frequentar estava tão boa, o que tinha o Senhor de mandar que cuidasse de sua vida, de sua casa e de seus filhos? Resistente, começou a ver de perto o sopro da vida que se insuflava desde o orvalho até os grilos da noite. De modo especial seus netos foram importantes na configuração de novas relações do avô. Crisóstomo, porém, não podia imaginar que outra mulher pudesse assumir a sua outra parte. Josilda fora-lhe absoluta e os olhares de outras mulheres passavam imperceptíveis. Seu espírito forjou-se de uma comunicação limitada e, por dois anos, passou por um autismo afetivo. Seu corpo não clamava por apelos estreitos. Por um período igual renunciou a seu Deus por tê-lo proibido de experimentar as ilibações eternas e as extremas ternuras com Josilda. Alterou-se o sentimento religioso e, por vingança, dispensou a Deus por longos dias. Padre Ataulfo já andava preocupado com a resistência do velho. Se encontrara um meio mentiroso, mas de fértil resultado em relação à comunicação humana, temia que a greve em relação a Deus pudesse



fazer Crisóstomo perder sua alma. O padre, então, veio, mais uma vez, ter com o homem da paixão absoluta. Fez-se, pois, um diálogo austero.

– Escuta, homem de muito amor e de pouca fé, onde se viu deixar a Deus por causa da saudade de Josilda?

– Já me fez sair de minha josildina loucura e agora me vem impor que reverencie Àquele que me afastou dela?

– Pode parar, homem. Para sempre somente é o Senhor. É tempo de retornar ao teu bom humor.

– Quer que busque outra mulher? Se é tão necessária, por que não toma uma para si?

– O dia que você se impuser de amar a Deus a ponto de preencher todo a grandeza humana, estará autorizado a ficar só.

– Está me obrigando a amar outra mulher?

– Estou pedindo que retomes o diálogo com Deus e não desleixes a oportunidade de ampliar o amor. Esse quietismo em que andas não leva a lugar algum. Tem mais... a nem todos Deus convocou à extrema entrega; a eternidade ainda não te pertence.

– Se não sou merecedor da eternidade ainda em vida... o que seria ela?

– É a busca de uma intimidade com tudo... um louvor mais firme que as pedras das rochas mais duras. O pensamento de quem a possui é o tecelão da paz. É o esquecimento de si para a inundação das águas de Deus no espírito humano. É o acampamento perene da virtude. A oração, então, com Deus, dissolve a peregrinação e nos faz levitar fora do tempo e do espaço. Ficamos, assim, fora do



número e das explicações físicas e metafísicas. Esse encontro perene carece de exercícios porque longa é a atração de nosso Deus.

– Tá bem... tá bem... Não tenho tudo isso. Vou, por enquanto, ficar com o pouco que tenho.

O namoro de Crisóstomo

Por sugestão do Vigário, os três filhos de Crisóstomo fizeram com que este fosse visitar o mais velho, que morria de saudades no Maranhão. E lá se foi. A verdadeira intenção, porém, era que o velho, inspirando-se em novas paisagens, pudesse refrear tudo que se assemelhasse às paisagens comuns da falecida. Por mais que amassem a mãe, compreendiam que se perdia a lucidez do pai, recolhendo-se da vida.

Antes da precipitação dos sonhos loucos, apreciavam quando ele revelava a dimensão familiar que os próprios filhos desconheciam. Descortinou-se em cada um deles a feitura, a fundura e a altura das ternuras presas aos fatos revelados. Os comentários sediavam-nos em outras formas de se verem. Os netos, por saberem dos acontecidos lembrados, tinham lá seus próprios encantos sobre a vida: por certo bem maiores, pela revelação engrandecida, do que a realidade acontecida. Assim é, diziam todos: esse homem amou tanto e aprendemos de seu grande amor. A representação de relações afetivas tão reais fazia de cada um dos ouvintes um discípulo pela vivacidade dos fatos. Após as exéquias, perceberam que seu Crisóstomo já não dava conta de uma vida feliz, pois a voz já não traduzia com a mesma alegria o que era revelado.

Alertados pelo vigário, resolveram fazer com que as lembranças pudessem ser alteradas por novas realidades. Dizia o filho psicólogo: não é possível viver de repetições, o pensamento e o coração requerem novidades. Duas propostas foram aceitas por todos. Que se renovasse a casa, tonando-a mais alegre. Que se modificasse sua estrutura interior, repondo assoalho e os móveis. Quadros foram comprados. A casa era a mesma, mas a provocação das cores e as



sugestões das paredes eram outras. Uma cama box e uma parede de janelão, com cortinado alegre, a dar para árvores, modificaram o quarto. Outra proposta apresentou-se com força: que se desse ao pai um curso voltado a seus antigos interesses. Participaria de um oficina literária, poderia pôr em ordem seus sentimentos e dialogar com alguém suas emoções, encontrando novas ressonâncias de si. Da casa não haveria escolha. Se fossem consultá-lo não aceitaria a reforma. Seria uma imposição auspiciosa, embora com certo risco de haver uma surda ou aberta revolta. Quanto a Crisóstomo participar da oficina literária, seria de livre escolha, mas o presente da inscrição seria oferecido como fato consumado.

Ao voltar, já na estação rodoviária, perceberam-no falante e alegre. As paisagens e as notícias moveram seu coração para novas possibilidades. Ao ouvir: Pai acho que o senhor vai gostar da casa. Reformamos para que possa ter bom proveito, sem abandonar o que era. O velho senhor, ao entrar nela, emocionou-se. Já não é minha casa, mas ficou melhor. Gostaria tanto que ela pudesse apreciá-la também. Uma lágrima assomou. Está linda a minha casa. O alívio foi de todos os filhos. Somente uma foto do casal de um passado juvenil. A filha, sábia em sentimentos, foi apresentando, com alegria, parte por parte, as modificações. Qualquer inconveniência poderia ser minimizada com a voz terna de Beatrice. Em tudo havia uma harmonia serena. O quarto foi o que causou mais estremecimento. Meu Deus, que ambiente! A sua vida merece esta atenção, pai! A filha e seus esmeros enebriaram o velho senhor. Assim como a uma criança a mãe, com desvelos, leva até a água do mar para que não se assuste diante da imensidão e do intrigante murmúrio das ondas, da mesma maneira Beatrice mostrava ao pai a beleza da casa com sua alma renovada.

Custou um esforço maior da filha convencer o pai de ir até



a oficina literária. Aceitou com resistência, todavia, a curiosidade venceu. Começou a irradiar-se uma nova perspectiva na comunicação de Crisóstomo. O novo lugar social revelava-se fértil. Gente interessante estava se encontrando. Uma mulher revelou-se insinuante. Letícia era uma aluna muito expressiva e o que mais amaria era encontrar alguém com quem pudesse dividir não apenas sentimentos. As palavras, que iam sendo postas em textos, mostravam a alma com a qual todos se vestiam. Crisóstomo mostrou-se muito reticente em expressar qualquer emoção, a não ser em distantes sentimentos provocados pelas leituras. Buscava esconder-se. Passaram-se meses sem a esperada reação. Letícia não desistiu de insinuar-se ao velho resistente. Buscou Beatrice como aliada. Nada escapava ao olhar de Ataúlfo, que, por sua vez, narrava os acontecimentos a Péricles. O cerco se estendeu definitivo. O amigo Péricles convocou Crisóstomo para tomar uma cerveja, atendendo a uma solicitação do padre, não sem antes este fazer algumas recomendações.

– Espero que, por tua experiência com mulheres, possas ver se ela será uma boa pedida para o reticente amigo, mas veja lá se não te avances demais.

– Que que é isso, padre. Mulher de amigo meu...

– Tá bem! Tá bem! Brincava apenas.

Assim aconteceu: Péricles mostrou-se interessado em conhecer Letícia. Foram os três tomar a combinada cerveja. Péricles tinha um olhar atento sobre o modo de ser da pretendente. Viu com alegria que se revelava uma mulher muito agradável. E que droga, pensou Péricles, que coisa mais adorável. Afastou o pensamento e o indevido sentimento. Já fazia tempo que se aproximava da idéia de ter uma companheira para todo o sempre, que, afinal, brincava, era somente força de expressão. Viu em Letícia uma bela companheira



de Crisóstomo. Os três se despediram, mas Péricles não podia deixar para depois. Tinha que expressar sua opinião. Fez que seu amigo retomasse o lugar do encontro. E falaram longamente sobre o amor de velhos.

– Desconfio que estão preparando uma emboscada, começou Crisóstomo.

– Muito mais que cilada ou emboscada, meu velho! Uma mulher assim não se perde nunca!

– Tenho medo, Péricles!

– De quê?

– De não poder repetir o amor que tive com Josilda. Tenho medo de me sentir traidor... de constranger Letícia, por estar tão preso ao passado... de me sentir confuso diante da incerteza.

– Que mal compare essa mulher com a casa reformada. Somos passageiros e feitos de paisagens. Essa de agora tem alma transparente. É capaz de aceitar que ainda tenha sentimentos antigos te povoando. Escuta, homem, nossa viagem não pode ser feita de bagagens pesadas. O amor de Josilda, homem, foi um aprendizado e tanto. A lição não pode se prender ao tema já feito. Que haja dor pela perda, tudo bem, mas isso já é tortura! A perfeição não se esgotou em Josilda. Diga a Letícia teus temores. Vais ver, então, o poder que ela tem de conviver...

– É bom que eu examine primeiro se eu tenho capacidade de conviver. Acho que o autista sou eu, que aprendi amar a uma só mulher.

– Não fale assim! Os dias são diferentes. O que me parece agora é estar disposto a retomar um ritmo ao som de Letícia. Talvez



os passos iniciais sejam exitantes. Afinal ela merece uma boa companhia e você a dela!

– Está bem, vou repensar minha vida e olhar com maior disponibilidade essa mulher, afinal não fui eu quem fez desaparecer Josilda. E você como anda nesta solteirice? Soube que até o padre ficou impressionado com tuas aventuras. Andou até querendo retomar antigos amores.

– Foi apenas um despertar de emoções para ele, mas nada que afastasse o homem de suas profundas meditações. Deus lhe é absoluto. Não carece de uma mulher para dividir a vida. Quanto a mim, Crisóstomo? Deixe-me pensar... Estou imbuído de avançar nesta loucura de morrer sem solidão. Ao passado, com suas loucuras, nada devo. Posso dizer que andei como um pássaro de canto incerto. Se não aprofundei amor algum, não renunciei ao gosto das paixões. Andei sem uma sorte duradoura. Se seria mais feliz sem minhas loucuras, não sei. Tinha o meu ser assim como a vida me dispôs. Se fui incapaz de reter os amores, andando como caixeiro viajante, não me incrimino por tal inclinação. Possivelmente, se estivesse me obrigando a ficar nas casas de quem amei, poderia infligir maior sofrimento do que aquele dos rompimentos que provoquei. Agora desejo prover minha vida de uma mulher só. Espero avaliar o gosto de uma ternura permanente. Depois direi dos resultados, se a vida me conceder tempo para tanto.

– Bah! Tchê! Quanta santidade. Até que fez bem a pescaria.

– Não sei se a pescaria ou a alegria que me deu a amizade. Pensei, então: se de uma amizade duradoura sobreveio uma boa inspiração, o que não me dará uma mulher com quem vou dividir a eternidade?



– Tá achando pouco a nossa convivência?

– Longe de mim desprezar o que me foi dado pela amizade. Mas sabe, é bem diferente a intimidade de uma mulher. Mas acho que já estou esperando demais de minha decisão!

– E grande coisa, homem velho, daqui a uns dias você estará mais para ser cuidado do que para amar, ou para ambas as coisas.

– Pode ser. É sempre bom ir além do que se tem. Todos os homens se ocupam com alguma coisa que possa garantir algo mais do que eles próprios. Alguns se fixam em sonhos, outros em dinheiro, como Creso, o padre em seu Deus, eu até agora em minhas inconstantes aventuras. Você quase enlouqueceu. Mais estava no céu que na terra. Muitos ficam servindo a São Jorge e outros mais se entusiasmam por seu cavalo, pensando que dessas imagens possam retirar uma sorte que os encante. Conheci um homem que se baseava num raminho para proteção de sua casa. E quantos são aqueles que bebem, achando que no espírito das sementes ou da cana vão elevar sua alma. O rapaz pobre compra um cavalinho ou um carrinho, gastando o que não pode, para se encantar com que não tem. Lá vamos nós, cada um montado nas suas crenças. Agora essa de eu mesmo acreditar que uma mulher vai me dar o suficiente para consolo de meu fim.

– E eu aqui, imaginando como agradar Letícia, sem recair nos antigos costumes de Josilda.

– E veja lá, Crisóstomo, que mulher é um animal muito sensível. Quando ofendida, ela fica quieta ou sai da frente. Depois... para resgatar os mesmos pendores hai que hacer uma estrada como se fosse a Roma. E haja velocidade quando se é velho. O tempo urge e os movimentos nem sempre são os mais adequados. A pele e a alma



delas se reduzem ainda mais e mais sensíveis se tornam.

– Ih! Meu Deus, acho que desisto de Letícia!

– Nem tanto! – foi incisivo Péricles. Pior que isso é não ter movimento nenhum, ou não ter com quem dividir afetos e contrariedades. O amor vive também de arestas!

– Que seja o que a natureza quer. Que se encontrem as partes perdidas, diria um velho grego.

Por mais de hora continuaram a conversa. Crisóstomo, então, apontou para o padre que chegava. Lembraram de suas profissões. Tanto Crisóstomo como Péricles riram do padre. Péricles falou: quem mandou que fosse querer abraçar o sacerdócio. O trabalho de endireitar as almas não tem aposentadoria. Crisóstomo não queria nem lembrar do magistério. Cansara dos números e de pôr em ordem, pela álgebra e a trigonometria, a tortura da mente adolescente. Amava as letras e por mais de trinta anos revolveu números. Péricles fora juiz, e, em cada comarca, deixara não apenas suas mulheres mas o cansaço de ser justo. Depois de julgar e julgar, julgou de forma radical, afastar-se das leis. O padre fez uma cara de quem não gostou quando riram de sua profissão. Revelou-se amargo em suas palavras que saíam da boca, pesadas como chumbo. E foi falando em sua amargura

– Tenham vergonha, seus fdp! Me dói na profissão não conseguir diminuir o sofrimento humano e ter que enfrentar, todos os dias, as mazelas da alma. Bem que se eu fosse criador faria coisa melhor! Acho até que o Criador não se apresenta mais diretamente com vergonha do que fez! Eu seria capaz de dizer a Ele que se não sabia fazer coisa melhor que não fizesse. Tenho a liberdade de dizer essas coisas por causa de minha intimidade com Ele. Todos os dias



vou atrás dEle com toda a humildade. Então eu penso: se Ele fosse um pai de verdade não careceria de tanto esforço para ter Seu beneplácito. Se fosse Pai não haveria necessidade de seus filhos pedirem com tanta veemência, quando em extrema dificuldade.

Após suas palavras fez-se silêncio. O silêncio daqueles que não sabem o que dizer ou para onde ir. Ficaram os três quietos e apavorados pela expressão dura que saiu da boca do padre. Este continuou.

– Mas deixem para lá, que na outra extremidade existe a alegria dos lírios e das rosas. Todas as manhãs eu repito... apesar do tempo implacável, vou com meus cabelos brancos ao encontro das rosas. Consagro, então, o meu dia inteiro para ouvir, benzer e questionar para que a minha gente, se não acertar os melhores passos, pelo menos não desanime de viver. Converso com meu Deus e, às vezes, sou-lhe tão austero quanto Ele é comigo. Deixemos, pois, a hora da profundidade. Bebamos um copo de cerveja; ela instiga melhor que minha conversa contraditória.

– Está bom de ouvi-lo, padre. Não sabia que seus diálogos com o Senhor são também duros – Expressou-se Péricles.

– E tem mais, Péricles e Crisóstomo: Estou por vezes do lado de Erasmo de Roterdã, um teólogo que escreveu O elogio da loucura. Diz tanta verdade que seus dizeres podem se comparar, que Deus me perdoe, à escritura sagrada. Me refiro, principalmente, quando ele fala dos loucos da caverna de Platão, que apenas veem a aparência das coisas... quem é que me diz que são mais infelizes que aqueles loucos que olham as coisas como são, vendo mais que pobres sombras?

– Pode parar, padre, falou Péricles. O senhor está nos assus-



tando.

– Tá bem! Não está mais aqui quem falou. Vou falar como minhas santas mulheres.

– Mais uma cerveja, para aguentar esses dois carolões!

Chegou o garção dizendo que o chamavam. Havia falecido a senhora Taglieber.

– Bem agora tinha que partir! Ela merece uma eternidade. Minha fé foi muito bem servida através dela. Merece a oração do vigário. Teremos outra hora para continuar nossa conversa.

Por mais que quisesse, não conseguia esconder o volume negro que lhe invadia a alma. Os dois ficaram abatidos, pois se o homem santo tinha tais sofrimentos, o que poderiam fazer para minimizá-los? Viram ainda a dor imprimir-se soberana no rosto de Aaulfo, mal recebera a notícia.



As exéquias da senhora Taglieber

A mulher com quem padre Ataulfo falava com maior disposição era com a senhora Taglieber. Alguns fiéis desconfiavam de seu excessivo entusiasmo por ela. Como sua alma não se contaminava com apelos do corpo, podia dividir palavras de uma profundidade semelhantes a de um rio subterrâneo com peixes subterrâneos. Dividia com a senhora Taglieber suas maiores angústias. Havia pouca diferença na forma e na densidade com que dividia a intimidade com Deus. As palavras da senhora estendiam-se até ele como um manto protetor. Sem ela, de agora em diante, teria somente a Deus como consolo. O seu silêncio pesaroso de alguns dias foi visto como confirmação de suas relações mais humanas. Estaria para um gavião, sem poder pairar e ver melhor, ou para uma mãe com seus filhos perdidos. Apenas ele sabia que nunca teve nada de erótico na interpretação usual do termo. Despertava-se nele a suavidade das planuras e dos silêncios alegres daqueles que encontram o que, fazia tempo, procuravam. Por essas razões quase desfalecia quando lançava água sobre o corpo morto. Ao mesmo tempo em que dizia aos seus fiéis que tivessem fé na ressurreição, admoestava a Deus sobre a injustiça que havia sido praticado contra ele. Enquanto dizia *que a luz perpétua a ilumine*, pensava: e com que luz ficarei agora, se apenas terei a natureza e um Deus que por vezes é árido e austero como uma lixa? Como atravessarei solitário a aspereza de meus dias? Seus breves silêncios eram entrecortados pelas palavras que todos esperavam. Vede uma senhora, uma simples senhora, uma prudente mãe e excelente esposa. Minha paróquia terá, por certo, uma santa a invocar em favor de todos. E pensava: antes tivessem meus ouvidos tua palavra que as orações que elevarás até Deus. A glória de Deus a iluminará mais que que uma lâmpada de mil wat-



ts. Sobrevinha-lhe um diferente pensamento: que glória necessita Deus? Que iluminação desejará ela? Erguendo a voz afirmava: Deus é preciso em seus afetos. A ninguém faltam os divinos eflúvios. Avaliava, entretanto, em seu interior: dos sonoros eflúvios de suas palavras eu vou carecer. Amém. Crisóstomo percebia a distração do padre. Chegou-se ao seu ouvido dizendo: disfarça, homem!! Ataulfo, ao ouvir, percebeu o que o amigo e outros poderiam estar pensando dele. Resolveu revidar com duras palavras. Dirigiu-se pessoalmente ao marido Laudelino e aos filhos da senhora Taglieber.

– Senhor Laudelino e filhos. Ninguém sabe a sorte daqueles que partem, entretanto Deus, por certo, não deixará mal a mãe e a esposa que foi. Tive nela apoio enquanto sacerdote. Deus sabe o quanto ela ajudou a pensar os destinos da paróquia. Se a amizade é uma virtude, ela a teve em grande estilo. Se os anjos acompanham o Senhor em Sua eternidade, declaro que esta mulher também merece tal consideração, uma vez que acompanhou na terra a quem precisava de vigor. Essa mulher me ajudou a buscar a perfeição divina. Poucos sabem o quanto eu sei que as almas merecem repouso. Ela terá, mas daquele descanso próprio de quem ama e sabe de todas as bondades de Deus. Espero que, por ela, a terra se torne melhor. Muito mais nossa paróquia ganhou, tendo tanto tempo a sua presença. Por certo, mais ganhamos com sua vida que perdemos com sua morte. Deus a tomará para si e o calendário da felicidade não terá fim. Minha alma está triste até a morte, mas me consola a fé que tenho aprendido. Que sua casa, senhor Laudelino, seja purificada e generosa. Tive-a como mãe de minha alma, e mais amável se tornou todo meu ser. Amém!

Terminada a oração fúnebre, levaram-na para a terra. Ninguém mais chorava porque todos acreditavam que o santo homem estava com a razão. Crisóstomo e Péricles tiveram do padre um



olhar repreensivo por julgarem, com muita vulgaridade, a sua relação com a senhora Taglieber.

Acordou-se poucos dias depois da morte de sua senhora, entre lágrimas. Ainda eram nítidas as palavras que pronunciara em sonho: por que tenho de perder a grande referência? Quem me ajudará a suportar a natureza humana quando se foi aquela que me ajudou a sustentá-la calmamente? As pequenas bússolas se perderam na tempestade, e eu com meu rosto gelado pelo vento. Arrancaram de mim a barraca acolhedora. O Deus infinito se torna maior que minhas pobres necessidades, mas são as únicas que tenho. Recolho em ti, Senhor, meu coração devastado. Onde estás, velha senhora de palavra infinita? Quem a soprará em meu ouvido para saber o tamanho do Senhor?

Afastada a dor, que emergia bruta do sonho, teve ainda como apoio seus amigos e sua palavra a consolar a si, quando animava quem quer que fosse. Em nada desdenhava como se fosse alheio o que pertencia aos outros. Mais outros dias se sucederam, acreditando que o sal que lhe ia na boca e o peso do estômago fossem diminuir, entretanto viu que somente um diálogo mais profundo com Deus poderia afastar a vida virada em fel. Ou, quiçá, outra mulher poderia referendar o bem que fazia e afastar o mal que detestava.

Em noite de um veludo de fundo, foi até o sacrário. Ouviu-se um lamento que até ele se admirou anos mais tarde, tamanha era a dor da perda e por não saber o que fazer.

Por que abandonaste, ó Deus, este árido coração? Nem, ao menos, existe um vale para descansar e sentir as vagas de amor que depositas aos que Te amam. Estou de boca seca esperando que venhas devagar como as mães que velam o sono de seus filhos. Se do amanhecer ao anoitecer Te anuncio como fonte de bondade para



amenizar a raiva dos maus e provocar a bondade de quem anda em perjúrio, por que não me olhas? Acaso sou tão pequeno que não me vês? Tenho feito de tudo e apreciado as artes que falam alto de Ti. Falo o seguinte aos outros amigos poetas e pintores, que andam em minha cidade sem reconhecimento: não vos será pretexto para a luxúria nem para a vaidade, senão exercício divino. Tomo essas palavras de Mistral, embora pouco me ouçam. Faço tudo isso e mais um pouco e fico com este gosto de areia no coração. Não tenho nenhuma covardia em dizer do bem que flui de Tua infinita complacência, mas de Ti tenho poucas notícias. Mesmo assim, vou em Tua busca porque de Ti não consigo me esquecer. Ponha Teu sereno sobre os lados doídos de minha alma. Tu, que és o altíssimo, acaso necessitas de sofrimento? Tu, que estás sobre todas as coisas, remova a dor que me consome. Do que ela tem servido? Tenho prelibado de Teus manjares da alma, mas agora me deixas sem Tua face amena. Tenho dito a meus amigos de Tua bondade e de minha insatisfação de ver a precipitação das dores. Ainda bem que consigo dividir a alegria quando estou falando sobre o benefício de estar ao Teu lado. Tenho convencido a minha gente que a entrega generosa de tudo engendra paz e ternura. Minha boca está à Tua disposição. Sei que a bondade flui de mim junto às palavras e isso me deixa feliz porque me divido. Tenho a impressão de que somente consigo Te perceber, com viva nitidez, quando me comunico com Teus fiéis. Sinto-me amassado por Tua piedade para que me torne um fruto saboroso para as almas que me cercam. É quando me vejo como um pequeno planeta a serviço da vida, e nada do que em mim existe se resolve dentro de mim. Os outros é que se afirmam em mim e eu neles. Assim como o conhecimento se dissolve e se arranja em constantes versões, assim me abro numa permanente promessa para que os outros possam ter em mim um pouco de Tua misericórdia. Tenho em mim, por vezes, a cor da safira e os desenhos suaves e transcendentais de uma



catedral gótica. Quando pelas manhãs rutila o orvalho, em distintas cores, tenho minha alma de forma igual. A natureza e os outros não se negam de Te revelar, mas bem que poderia ter essa transcendente impressão de Tua presença. A Ti, que pertence a glória e a permanência de todas as coisas, a ti, que devemos a extensão inconcebível das galáxias, a Ti, que devemos a pequena terra tão cheia de expressões, eu peço que encontres razões em minha paróquia para fazer um trabalho que aperfeiçoe o caminho dos homens e das mulheres. Que não negues a minha presença na perfeição de Tua obra. Mesmo que tudo desapareça como desaparecem os reis e os papas com suas cores e seus teatros, com seus esforços e esmeros, que tenha em ti a esperança de cooperar com a descomunal dimensão de tua obra. Não me deixes sucumbir de saudades! Sei-me apenas uma poeira nas distâncias e nos tempos, todavia me fará bem estar ao Teu lado. Preencha o que me falta. Não concordo, porém, com o incomensurável sofrimento humano. Alivia tanta dor! Qual a necessidade de termos tanta ambivalência? Se me deixaste solitário compense essa ausência com Tua bondade. Finalmente: por que me tiraste a doce senhora?

O tempo foi passando. Acelerava-se o coração de Ataulfo na direção de seu Deus. As orações do coração e mais um pouco de abstinência fizeram com que Deus permanecesse em sua alma. Em tudo se aperfeiçoavam a fé e a caridade. Não desprezava nenhuma força que viesse do além. Desconfiava de tudo que fosse aparência. Até as mulheres, que desde muito jovem sussurravam paixões em sua direção, pouco o incomodavam. Confessava-se um místico e não buscava outros agrados. Alegrou-se por ter um coração de tanta intimidade com as coisas extraordinárias. Achava que estava possuído por um galo celestial, que vivia cantando dentro do peito. Poucos eram os dias cujas horas não eram boas. Todas elas traziam suas primícias, frutos orvalhados da madrugada ou frutos



silenciosos do entardecer. As mulheres não eram divisadas como fêmeas, mas como filhas de Deus, merecedoras de atenção especial por serem especiais aos olhos de Deus. Para Ataulfo, a sensibilidade traduzia nelas a bondade divina. Os homens teriam a responsabilidade de amar e desdobrar-se melhor para cumprir, com sua força, a proteção das casas. Sentia-se privilegiado por cultivar o seu Deus e tê-lo em primeiro lugar. Não via Deus nas coisas, mas Deus era, também, as coisas. Dizia: se assim não fosse se perderia redondamente. A tentação é deixar de encontrar Deus em tudo. Quem diz que dEle não emana uma força insólita é infeliz porque apenas se contenta com as pequenas coisas e as aparências. Não temia a morte de jeito nenhum, uma vez que estaria mais translúcido que nunca junto dEle e as coisas seriam vistas mais claramente sob novos entendimentos e novas harmonias. Nada era-lhe estranho porque o pulsar de Deus é que gerava tudo. Deus não era um desconhecido. Não temia um criminoso, nem um leão bravo, embora soubesse se distanciar das forças vorazes da natureza. Filiava-se à ideia da eternidade: ela que conta, o resto é fugaz como um sopro. A maioria dos dias eram passados desse jeito, o que, todavia, não afastava as saudades da senhora Taglieber, com quem privara em suas angústias e alegrias.

Certa feita, na hora feliz do entardecer, veio-lhe inopidamente uma bela mulher, aproximando-se com seu corpo, vestida de roupa leve, quase nua. Não foi preciso rezar nem mortificar-se. Mostrou-se tranquilo e sem desejos. Ela o que mais fez foi ficar envergonhada. Disse-lhe que ocupasse seu corpo para um amor mais importante do que aquele com que viera quarto adentro. Disse mais: que outra vez não o perturbasse em suas orações. Ela foi incisiva, dizendo que todo santo merecia um regalo. O padre disse-lhe que se afastasse uma vez que não queria despezá-la. Afinal, confessou-lhe o padre, tens méritos e um belo corpo não pode ser desconsiderado, mas que



ele, por ter a Deus, tinha mais que um corpo de mulher. Perguntou de onde viera. Quem havia dito que o procurasse? Respondeu-lhe a bela mulher: meu coração! Então diga a ele que não perca seu tempo. Outras perguntas foram formuladas e com tal simplicidade que se arrefeceu o coração feminino, admirando-se apenas dos encantos do padre. Acabou por vê-lo como amigo, tomando um cafezinho com o vigário.

Padre Ataulfo, fazia tempo, pretendia organizar uma instituição que apoiasse os cuidadores de quem estivesse acamado e de pobres velhos que andassem pelas ruas. Convidou a linda mulher para fazer parte da corte daqueles de boa vontade, assim que tudo estivesse em ordem e legalizado. Isso acontecendo ainda ouviu da mulher: o senhor dá por penitência esses cuidados excessivos a quem nunca fez nada por ninguém? O padre apenas tomou seu endereço e disse: não é penitência, apenas uma oportunidade de avançar na compreensão de tua alegria que anda meio limitada. Tu vais descobrir um pouco mais que teu corpo. E já que tanto tu queres o amor, então, tenha comigo este pequeno verso para aprender amar: Faz com que teu coração arda no amor a Cristo Senhor para que possa consolar-te. Dizendo chamar-se Madalena, fez um aceno positivo com a cabeça. Saiu da casa paroquial, sentindo-se frustrada, mas mesmo assim, contente. Convenceu-se, mais uma vez, que aí morava um homem extraordinário. Havia comoção na voz do padre por ver que suas palavras animavam a mulher e por lembrar a canção latina que cantava no seminário em homenagem da Mãe que estava aos pés da cruz. Como ela renunciara à vida de seu filho, ele estava despedindo-se daquela linda mulher. Madalena se foi de cabeça baixa e muito comovida.



Padre Ataulfo descobre quem era Madalena

Passados três anos da inopinada coragem de Madalena em oferecer-se de presente ao padre Ataulfo, ele a encontrou trabalhando, lado a lado, com Crisóstomo no projeto Vidas Amargas, vinculado ao Centro de Desenvolvimento Cristão de sua paróquia. O padre surpreendeu-se por sabê-la esposa de um rico senhor, fazendeiro de gado e produtor de muitos grãos. Generoso era seu nome, conhecido como lendário homem de atração física. Esbelto e forte, bem talhado, parecendo um Davi de Miguel Ângelo, um pouco mais envelhecido. Cor de jambo, filho de pai italiano e mãe, uma soberba cabocla, biriva de origem. Por mais religioso e místico que fosse o padre, duvidou da realidade. O que tinha Madalena a ter com ele, se seu marido era portentoso e mais atraente? Ele, de pele macerada, estava mais para piedade que para tentação. A velhice pronunciava-se em seu corpo, e a rigidez inequívoca aumentava. Sua voz trêmula estava para orações e não para pronunciamentos eróticos. Encontrou-a toda contente. Atendia em domicílio a três velhos dependentes. Alegrementemente estendia-se, por horas, em conversas com um velho de rua. Contrariamente aos apelos de sua beleza física detinha em seu coração outros apelos. Padre Ataulfo, certo dia, hora do entardecer em que as luzes contêm magia, aproximou-se dela e desenvolveu-se um diálogo esclarecedor.

– Que bom te ver toda entregue ao cuidado dessa gente que sofre e tem pouco mais que um anjo da guarda.

– Agradeço, padre Ataulfo, seu conselho desde aquele dia que estive de presente.

– Já que tocou no assunto, senhora Madalena, gostaria de saber o que te levou a ter comigo tendo o senhor Generoso tão mais



homem que eu?

– Mistérios de mulher, padre. Ele, não pense que é um anjo fiel como os anjos bons foram pra com nosso Senhor. Volta e meia desembesta com alguma vagabunda. Então, um dia pensei: se a ele atrai quem não presta por que não me interessaria por quem é um homem distinto e de palavra bendita? Sei que era destemperado meu pensamento, mas, se bem pensado, nem tanto.

– Por que julga que não foi inconveniente ter comigo?

– Ora, mesmo que o corpo não tenha o vislumbre de um Alain Delon ou de Ulisses que zingrou por tantos mares, queria ouvir palavras bonitas de quem tem a graça de Deus.

– Não pensou que eu poderia cair em tentação?

– E que mal haveria, padre?

– O mal de começar a ter preferência por desejos menos divinos.

– Agora são coisas passadas, padre, mas confesso que ainda me agradaria ter meu coração envaidecido de ouvir outras palavras que não aquelas que provêm de uma carne endoidecida. Não nego meu apetite por ter um homem de palavras cruas e de dizeres vulgares, mas mulher tem disso, padre... como vou dizer... diversas curiosidades de também buscar uma poesia que se desprende de uma boca cheia de suavidades. A alma de mulher se desdobra mais quando tem uma doce palavra pendente sobre si. Olha, padre, quando o senhor faz desvanecer a minha alma meditando coisas de Deus, eu fico querendo ter uma palavra em meu ouvido semelhante àquelas que nos domingos são devotadas a todos os fiéis. Mulher tem disso, quer ter todas as sonoridades... é com a terna primavera em que se abrem as vozes dos pássaros.



Riu-se todo padre Ataulfo e consolou-a nobremente.

– Que fique, Madalena, com minha voz dita em público. É o que tenho a dar. Tire delas apenas como se fossem palavras que Deus dá de presente. Leia com tua alma o que é dito. E fique sabendo que, quando te vejo, tão dedicada, envolta no sofrimento dos velhos em abandono, eu penso que, de fato, Deus se manifesta melhor nas mulheres.

– Gostaria muito de ter a oportunidade que teve a senhora Taglieber. Ainda espero que Deus me dê a oportunidade de poder estar ao seu lado, ao menos, ouvindo-o como agora lhe ouço.

– Quem sabe dos caminhos de Deus? Teria o prazer de teus cuidados quando não mais poderei guiar o meu corpo. Então a morte afastará qualquer tentação. Estarei com meu corpo tão dizimado e pronta estará minha alma para voar.

– Se assim quiser, eis aqui a serva do Senhor.

– Boa noite, senhora Madalena, lembranças ao senhor Generoso.

– Não vou embora, não sem antes dizer o que me anima no cuidado dos velhos que cuido.

– Esteja à vontade, senhora Madalena.

– Por favor, padre, não me chame de senhora. Basta que eu seja Madalena.

O padre sentia o momento como sagrado, tinha sua alma disposta a qualquer imagem desde que concordasse com alguns de seus princípios. Quem é que poderia julgar demasiada a conversa de um velho vigário com uma dama de caridade? Todos os seus pa-



roquianos poriam os sentimentos de um velho debaixo do mesmo entendimento. A idade e o officio sacerdotal, por certo, dariam aval à alma dos dois. Padre Ataulfo estava como o doente que, após cirurgia, passa a mão sobre os suaves lençóis, sentindo a vida renovada. Assim sendo, que viesse Madalena com suas palavras, pois que as ações santas podem conter docilidades. Riu-se de si ao pensar: a ninguém é permitido furtar-se à doçura de uma mulher. Não mais tenho o furor causticante, mas o pendor para a prudência e a serenidade. Sou como os cisnes velhos, apenas sobrou o canto para causar boa impressão.

– Fale, Madalena, pois acredito que teu trabalho possa me alegrar muito.

– Vou falar como se me apossasse de sua alma, tamanho é o meu desejo. Um desejo não de envolver meu corpo mas de ter minhas palavras em segurança. Lembra, padre, da última vez que foi feita a procissão de Corpus Christi?

– Lembro, como não, nunca vi tanta água caída do céu!

– Foi aí no meio da procissão. As ruas com seus símbolos no chão. Os fiéis com seus enfeites coloridos e velas acesas. Havia magia de cores e vozes. De repente, não sei como, desabou o aguaceiro, e, não mais de dois minutos, nada sobrou da fantástica procissão. Somente a gente despojada de seus enfeites e com suas roupas coladas ao corpo. Todos desamparados, foi o que sobrou. De sua pessoa, padre Ataulfo, não mais que um fio branco dentro da noite entre raios. Jamais terei o sentimento de volta. Uma piedade, uma compaixão de todos. A que estávamos reduzidos nós todos, que há pouco cantávamos carregando cores e luzes? Apossou-se de mim a dor de ser tão pouco. Estávamos quase nus. Caminhávamos desolados porque desapareceram as aparências de nossa grande fé.



Sobramos nós, pouco mais que pintos molhados. Possuiu-me, então, uma compaixão profunda daqueles que aí buscavam consolo. Poucos eram aqueles que superaram as perdas das aparências coloridas. Olhei para o senhor e vi que era o único que se mantinha concentrado no mesmo corpo de Deus. A procissão se desfez, cada um mais decepcionado que o outro. Todos tristes com suas velas apagadas e papéis desbotados. Olhei para todos e aí eu tive minha piedade. Minha compaixão se estendeu de forma absoluta. Me identifiquei com os velhos acamados e com o velho de rua com os quais participo da minha própria insuficiência.

– Mas qual tua satisfação em andar em casas tão solitárias e com esse velho que perambula?

– Vou falar do meu velho de rua. Veja, padre, enquanto os outros fazem voltas para não ter seu olhar, eu anseio encontrá-lo. Ele parece ser qualquer um, entretanto diviso em suas histórias a beleza e o desespero da alma humana. Cuido dele como a um pai abandonado. Meu marido não quer que ele fique em nossa casa. Nem o velho homem deseja estar conosco. Nele se precipita uma claridade. A sua voz vai direto na minha alma e me tomo de uma felicidade incalculável. Disso eu já tenho falado. Acredito que é disso que se alimentavam os monges em suas orações. Os sentidos pouco dizem e se expande em mim a certeza de haver uma alma. Parece impossível que a união dos neurônios seja capaz de revelar o que sinto. Tem muito mais que produtos químicos dentro de mim!

– Como estás diferente da primeira vez que te vi!

– Quem é que sabe de toda geografia da alma?

– Mas fale mais que me agrada te ouvir.



Onde ficou o amor de Crisóstomo?

Tudo andava conforme as expectativas: de uma tímida aproximação de corpos para a tensão amorosa e os pulsares expressivos. Muito mais: alegrias nas falas e nos sorrisos, ávidos olhares, mãos suadas, bicos túrgidos, suores leves, peitos colados, movimentos intensos, vida, enfim, que se mostrava. Meses e meses de ir e vir, em ter e não ter, medidas e desmedidas, um rio que levava para o mar. Sucediavam-se as promessas garantindo o futuro. O passado oculto não se mostrava. O presente intenso suavizava perdas. Ao redor, tudo se assemelhava a um tempo preparado para ótimas colheitas. Jantares simples e solenes. Era isso que invadia a imaginação alheia ao verem Crisóstomo e Letícia.

O almoço oferecido por Péricles, em preparação ao casamento, contava com a presença do padre. Havia sobretudo desejos de felicidade. Antes da refeição uma oração de Ataulfo consagrou o instante: Bendito o ínclito Senhor, o Extraordinário que faz verdejar os ramos secos e as fontes sem água. Este é o nosso Deus que concede a oportunidade e o tamanho da felicidade. Sinal nobre esse de agora em que Deus nos presenteia com a ventura de quem ama. Se a invenção do mundo com suas precipitações e velocidades nos encanta, nos encanta essa hora em que o sol da vida em seu zênite aquece Letícia e Crisóstomo. O amor, ao nascer, é semente em promessa de floresta e esperança para a humanidade. Amém.

Faiscou um olhar entre Péricles e Letícia, porquanto ele reconhecia nela um calor generoso e insondável. Penetrante foi e indizível a coisa humana que o coração diz e a mente desdiz. A amizade obrigava, com certeza, o bem-estar de Crisóstomo, e essa era a vontade maior de Péricles. Havia sutileza de alegria e reciprocidade



entre os desejos de um homem e de uma mulher, muito além da razão. O padre percebeu ambos os olhares e ouviu um rumor que se estendia até seu entendimento: acostumado aos mistérios divinos, foi fácil entender o mistério humano. As ambivalências faziam com que não duvidasse de insolentes demônios que se inserem na alma, podendo calcinar a melhor fé e a melhor caridade. Nada, porém, que pudesse ser aceito pela razão. O interdito de uma ética mínima mandava ao longe o que deslizava debaixo da boa vontade.

Durante o almoço, o velho vigário, percebendo o que acontecia, volteou e volteou em suas conversas, desde a beleza de um casamento até a sacralidade de sua vocação. Entretanto, queria chegar a revelar sua inconformidade com a natureza ambivalente do ser humano. Não lhe saía da mente os olhares significativos de Péricles e Letícia. Buscava convencer-se que eram apenas olhares sem prejuízo ao destino da reunião. Coisas infantis, inconsequentes, coisas que passam como fogo fátuo. Mas também a alma tem suas insistências e permanências. Temia dizer o que lhe ia na mente. Quase sempre ele conseguia causar certo espanto com suas palavras. Ao ser inquirido por Letícia sobre a preocupação que estava manifestando em seu rosto, o vigário respondeu: A raça humana, às vezes, me assusta. Ela traz tantas contradições que mal reconheço a dignidade. Cansa-me de vê-la tão difícil na busca do bem. Mas, se é assim que Deus a fez, temos muito a fazer para que não se precipite o sofrimento.

– O humor do padre Ataulfo não anda muito bom – atalhou Letícia.

– É vero, Letícia. Acho que estou vendo demais. Tenho a sensação de um povo antigo que conseguia ver o que aconteceria uns dias depois. Mas como o futuro a Deus pertence, não temos de meter nossa colher torta em seus assuntos.



Letícia, por perceber a quem e a que o padre estava se referindo, concordou em deixar por conta de Deus os futuros acontecimentos.

– Vamos comer em paz, em nome do amor que estamos celebrando, não é, Crisóstomo? – desconversou Letícia.

– Por certo, querida – concordou sem grande entusiasmo.

Péricles mantinha-se calado, temendo seus sentimentos que lhe vinham mal contidos. As taças de vinho foram erguidas em comemoração e para superar o mal-estar oculto. Crisóstomo, amante de literatura – brincou sobre a loucura do amor gerado nos corações das pessoas, dizendo: alguns confiam que é Deus que garante a sua felicidade. Fazem jejum, entregam seu corpo e alma e, mesmo na escuridão, gritam fervorosamente seu nome. Elevam sua alma acima das coisas materiais, e, se as possuem, é como se não as tivessem. Para aqueles que apreciam as paixões humanas ficam olhando os devotos como se fossem muito loucos. Aqueles que se entregam a Deus não entendem aqueles que amam as paixões humanas, dizendo: não sabem o que é verdadeiramente bom. Alguns outros, menos religiosos, têm uma grande satisfação em cuidar daqueles que estão próximos e neles depositam grande esperança de serem felizes. Outros esperam de um amor particular entre um homem e uma mulher. Outros mais ainda se entregam na busca de bens materiais de uma maneira desesperada e, por mais que tenham, nunca se satisfazem. Alguns mais se entregam ao conhecimento e ficam loucos de tanto estudar e pesquisar, para logo ali adiante alguém verificar que suas descobertas tinham graves equívocos. Parece uma dança louca em que cada qual busca encontrar alguma certeza para sua felicidade. Disso já falamos em outra ocasião.

– O homem está um verdadeiro filósofo. Pensei que fosse fa-



zer o elogio de sua amada – interrompeu Péricles.

– O amor também faz pensar, concluiu Crisóstomo.

– Tudo está bem, vamos aproveitar o momento que a vida nos oferece sem pensar no que virá. Sou a favor de Cristo quando diz: olhai os pássaros do céu. Não estão preocupados pelo dia de amanhã – pronunciou-se Ataulfo.

– Assim é que se fala, vigário. Que nem o passado e menos o futuro venha estragar o nosso almoço – falou Letícia. Tenho para mim que a vida é como uma viagem. Que as malas do passado não sejam pesadas e nem apenas vejamos o horizonte distante. A paisagem de agora tem suficiente atração para alegrar os olhos.

– Deus abençoe a casa de Crisóstomo e todos aqueles que vieram habitá-la. Agora devo ir, que outros apriscos me chamam – falou, despedindo-se, o vigário.

Péricles antes que seus convidados se despedissem, pediu sinceramente a Deus que seu coração se aquietasse. Negava o que todo seu ser queria dizer. Disfarçou bem, ao dar a mão para Crisóstomo e ao beijar o rosto de Letícia. Parecia haver amor saindo pelo ladrão. Mal haviam ido embora, foi até seu escritório e amaldiçoou seus sentimentos: merda, merda, três vezes ignomímia! Não é possível esse imprevisto assalto. Que fome é essa, tardia e impetuosa? Saia de mim, satanás, o perverso, o mais iníquo! Vão para o inferno, desejos de Letícia! Deus, que coração humano é esse? Com que forja o fizeste?

Ao aproximar-se a data em que marcaram o casamento, Crisóstomo começou a se sentir como se entrasse em abismo profundo. Era a dor de não saber o caminho certo. O corpo tremia e os sonhos eram cheios de angústia. Letícia começou a causar-lhe uma



estranha sensação de mal-estar. A aversão aos carinhos dela passaram a provocar constrangimento. Ao ser questionado sobre o que se passava, respondia irritado: nada! Sentia-se fragilizado como uma criança diante de um céu carregado de nuvens escuras. Descobriu-se falando sozinho: plúmbeo céu, perdidas as estrelas, cai a noite escura. Bobagem passageira, dizia. A serenidade voltará e Letícia terá a alegria de meu corpo. Nada, porém, sobrevinha para diminuir o que agora atingia-lhe o estômago. Foi ao médico, em busca de um remédio que pudesse medicar seu sofrimento: foi ter, também, com padre Ataulfo. Este, ao inquirir-lhe sobre Josilda, percebeu que Crisóstomo jamais conseguiria amar outra mulher. O que até agora estivera fazendo foi enganar-se. Narrou ao padre que, no princípio, Letícia trazia apenas uma vaga lembrança de Josilda.

– Agora, porém, Letícia protagoniza, cada vez mais, a presença viva de Josilda. Fiz de tudo para tomar os sentimentos como se fossem de Letícia, mas não, a cada dia avolumavam-se os antigos sentimentos, como se ela apenas fosse o fantasma da falecida. Foi arrasador o sonho que tive com ela. Havia tal eroticidade nos gestos e na relação sobre uma nuvem que me tornei como um cativo do passado. Josilda foi tão ardente e tão necessária que qualquer outra mulher seria traída por aquele momento. Se Deus é absoluto para o senhor, padre Ataulfo, Josilda me tomou para sempre.

– De fato, seu Crisóstomo, assim não dá para continuar. Peça uma pausa para Letícia a ver se a falecida te dá uma folga.

–Está bem, vou falar com ela e com Letícia.

Padre Ataulfo olhou pela janela de onde via, como uma nuvem branca, a paineira com flocos prontos a levar sementes para outros lugares. De seu pensamento fluía solene a inspiração de Erasmo: loucos somos todos, e, este que eu vi sair é o maior que já tenho vis-



to. O espírito das lembranças o possui. Tão viva e tão enraizada está a mulher que seus pensamentos contaminam seu corpo entregue a uma volúpia inefável. Sua alma e seu corpo estão entumecidos pela ausência, e tem-se nela a infinitude de uma mulher como se fosse um espírito supremo. Uma devoção faz com que se lhe transcendam os sentimentos e é temerário dizer que seu amor não seja legítimo, mesmo que pareça louco.

Crisóstomo foi ter com Letícia, que, por fim, se apiedou do homem e, por sua sinceridade, perdoou a desconsideração. O diálogo, inicialmente austero, foi perdendo a densidade como se percebe no relato.

– Falei com padre Ataulfo. Ele julgou oportuno que me afastasse de ti, a ver se não poderia, por tua paciência, esquecer de Josilda.

– Que eu te perdesse por outra mulher até aceitaria, mas para uma falecida, Santo Deus! Não me sinto à vontade de brigar com um espírito. Depois falam que as mulheres é que são complicadas. Te perdi, e é melhor assim que me enrolar por mais tempo.

– Não me perdeste! Meu corpo está aqui e tu me vês.

– Te vejo sim, mas não me dou servindo de máscara para uma morta!

– Está bem, peço perdão por teres um viúvo empedernido.

– Não tenho mais!

– Que ao menos me tenhas como amigo.

– Vou pensar no assunto. Agora vou me retirar e ver alguém que queira dividir comigo meu desamparo. Espero amar alguém



que não queira repartir com mortos a minha ternura.

Tudo terminou com uma medíocre despedida.

Fez-se um silêncio de longos dias sobre o mal-estar, e, para todos os que estavam próximos, dada uma obscura explicação, o casamento não saiu porque os velhos teriam dificuldades de amar novamente.



Diálogo entre Crisóstomo e Péricles: bondades.

O diálogo entre os dois amigos sugere ser mais fácil para o ser humano entender os mistérios das constelações e das galáxias, suas origens e seu fim, que entender o coração humano – bem a gosto de palavras do padre Ataulfo: no homem reúnem-se todos os mistérios; além daqueles de sua natureza, acompanham-no aqueles que juntou durante a vida. Crisóstomo e Péricles, fazia meses, não se comunicavam. Certa tarde, Péricles, ao passar pela casa de Crisóstomo, viu que este lia Drummond, na varanda.

– Poetando, homem véio! – provocou Péricles.

– É o que se pode fazer nessa idade.

– Deixa de bobagem! Assim se perde a vida como ela é – filosofou Péricles.

– Concordo com uma canção de Callas sobre o amor. Ele é um pássaro rebelde que ninguém consegue aprisionar. Pensei em ouvi-lo de Letícia, mas somente de Josilda o entendi. De fato, como diz ainda Callas, o amor é como uma criança sem lei. Quis prendê-lo em Letícia mas se escondeu na distante Josilda.

– Padre Ataulfo me falou de tudo. Mas, e agora, o que vai fazer, meu sonhador?

– Padre Ataulfo está me convocando a organizar uma ONG de cuidados com velhos em situação de risco e outros de rua.

– É para compensar a rua em que pôs a Letícia?

– Não me atribule mais que estou atribulado! Te digo, já que



és mais ajeitado para o amor e disseste que és capaz de amar mais fortemente, olhe pra ela por mim.

- Quer que me aproxime dela, quer que vá visitá-la?
- Com toda sinceridade, é o que mais gostaria que fizesse.
- Por teu nome, aceito o desafio!
- Nem tanto te custará. Teu olho está brilhando.
- O que é isso, companheiro!? O que te intriga, Crisóstomo?

Nesse momento Crisóstomo respirou fundo, querendo retirar de si, pelo sopro, o peso que lhe ia dentro.

- Não sei o que se passa comigo. Sei que sou devedor de um amor que me penetra inibindo outra expressão. Quanto mais se avolumavam os sonhos com Josilda, menos ternura sobrava para Letícia. Era uma tristeza sentir que desapareciam os voos alegres e tudo se fabricava numa obrigação.

- Escuta, Crisóstomo, tem certeza que o encanto com a falecida contém toda a explicação para não avançar em nova família?

- Aí, Péricles, reside minha dúvida. Vou te revelar, em segredo de confissão, outras pendências de meu falecido namoro. Conhece o engenho verbal de Cícero, meu filho mais novo? Não é que cercou os irmãos, criando um discurso contundente? Convenceu-os, e até Beatrice, nos últimos tempos, antes do casamento, silenciou a respeito da festa. Cícero, por meias palavras, numa reunião de domingo, deu a entender que estava havendo um rompimento daquilo que fora a família. Falava tão calorosamente de Josilda a ponto de fazer entender que qualquer outra mulher acarretaria uma quebra de vínculos. Dizia forte: mesmo ausente ela se tornou mais presente.



As palavras ainda soam alto em nós. Nossa alma foi constituída por ela. Cícero, na verdade, se pronunciava com segundas intenções. Antes de haver rompido com Letícia, quando seesteava, antes do jogo de futebol, ouvi entre murmúrios ele falando. Seu discurso era perverso. Ouvi nitidamente uma pergunta aos outros irmãos. Ela não levará a metade do que seria para nós e nossos filhos? Saí de meu conforto, abri a janela e interrompi a conversa: Escuta, Cícero, acaso teu discurso dos vínculos não era feito de cifrões? Ele nada respondeu. O resto daquele domingo foi minha pior tarde. A minha raiva foi se aquietando, mas até agora estou amassado por ver que não queriam o meu bem, mas os pequenos bens que consegui amealhar.

– Quem sabe, Crisóstomo, volte atrás e retome o caminho com Letícia.

– Nem me fale! Permanece o sentimento infinito que me consome. Nada mais sinto por Letícia. Não sei se Cícero foi quem conseguiu apagar os sentimentos por Letícia. Sinceramente, estou autista para qualquer afeto para com ela.

– Pútis, Crisóstomo, tem mais pedras no meio do caminho?

– Se tem!

Passado um ano e meio, uma inesperada narrativa fez Péricles divisar em Crisóstomo um homem contrário à serenidade que apresentava em seu cotidiano. Revelou-se um homem acabrunhado ao mostrar-se desde a infância.

– Sabe, amigo, perdi minha mãe com quatro anos. Jamais tive o que chamam sentimento de proteção. Cresci como se nada houvesse acontecido. Nada me faltou de material. Tive madrasta exemplar, mas a infinita ausência de minha mãe me deixava como um avião avariado em pleno voo. De uns anos para cá ela surgiu, pela



primeira vez, em sonhos, me abanando, mas havia um largo rio e meu pequeno barco não sustentava minha travessia. Ela desapareceu de meus sonhos quando Josilda faleceu. Foi então que comecei a ter Josilda, de forma viva. A perda de minha mãe e, agora, a perda da mulher me deixaram insensível a outros apelos femininos. É curioso, muito curioso e angustiante. Em meu novo trabalho de apoio a velhos em risco, me senti atraído por uma senhora que por diversos anos está entre a vida e a morte. Estava quase falecendo quando a tomei pela primeira vez em minhas mãos. Sessenta anos, mas de uma fragilidade que a matava. Os olhares se encontraram. A unidade de meu ser se integrou mais, e ela, veja, Péricles, retificava sua alma. Seu corpo está com tanta energia e mal posso tê-la dentro do cuidado. Estou mais para amante que para cuidador. O que será que me instiga a tê-la como uma mulher de desejos e animadora dos meus?

– Santo Deus, nunca vi coisa igual! É casada, Crisóstomo?

– Foi, porém, o marido a deixou. Uma devastação se fez nela. Mora com uma filha que não suporta ver a mãe entregue à depressão e às debilidades físicas. A amargura da mãe estava comprometendo o relacionamento a ponto de vizinhos denunciarem maus tratos. Fui chamado a colaborar com a Assistente Social, o que já estávamos acostumados a fazer.

– Mas o que levou você a se envolver com a velha que morria?

– Não era uma velha, apenas estava como uma velha. Com seus sessenta estava mais para noventa. E foi incrível como houve uma identificação a ponto de ser absorvido por ela. Ela, por sua vez, deixou, em poucas semanas, o seu estado de devastação. Estava como possuído por uma iluminação interior que não provinha de minha natureza.



– Mas como se explica que uma velha que morria tivesse tanta atração, e a Letícia, de meia-idade, exuberante, não compusesse o mesmo ânimo? Brincando... sem querer desprezar tua velha, tem dó. É uma troca desproporcional.

– De fato, Peco, o amor é um pássaro rebelde. Canta quando quer, mesmo que o tempo se incline para o outono.

– Não vai me dizer que ficará com ela?

– Já foram desfeitos os laços. Acho que Josilda acabou com ela dentro de mim. Mas o amor, mesmo que provisório e sem maiores intimidades, fez bem a ambos.

Crisóstomo desmancha-se em caridade

As conversas entre a filha Beatrice e ele foram saudáveis. Ela se comoveu ao saber a verdadeira razão do rompimento.

– Nunca imaginei, pai, que fosse tanto amor!

– Nem eu! Nem ao menos de como me agrada sonhar com ela.

– Isso não é doença?

– Quem há de saber da saúde ou da doença? Se me tornar infeliz vou buscar a mudança. Não sinto ausência nenhuma de mulher alguma.

– E o senhor não se pergunta sobre a ausência de Letícia?

– Me perguntei, mas é preferível uma sincera ausência que uma falsa presença.

– Lá isso é. Mas, pai, o que vai fazer com o dia todo?

– É o que mais tenho me perguntado. Vou ver com o padre sobre seu desejo de constituir uma organização para atender velhos acamados e de rua.

– Não quer coisa mais suave, pai?

– Deixe-me experimentar. Ainda tenho a velha arte de escrever. E quem sabe se a proteção a velhos não será uma boa razão para minha escrita...

– Pode contar comigo, pai! Vou acompanhar e ler as memórias da grande caridade.



– Não brinque. Quem sabe assim se aquiete a saudade terna de tua mãe!

– Está bem, vá em frente!

A dúvida, imposta por sua filha ao questionar sua saúde, continuou imperiosa. Somente o sonho de uma intensa eroticidade diminuiu a incerteza. Levantou-se pronto para ir ter com o vigário e apresentar sua disposição de trabalhar com os idosos acamados, seus cuidadores e os velhos que perambulavam pelas ruas. Ora, ora – firmava sua posição. Se Deus para ele é suficiente, tenho a mediação dos velhos para ser alguém. Se as alucinações oníricas me deixam feliz, o que existe de reprovável? Se a imaginária e farta presença de Deus satisfaz meu pastor, por que não pode me bastar a vibrante visita de minha amada?



Padre Ataulfo mostra sua fragilidade

Semanalmente, reuniam-se os dois velhos: O vigário e o fiel Crisóstomo. Ambos mostravam o quanto detinham merecimentos nas formas de levar a vida que tiveram e ainda têm. Numa dessas reuniões Ataulfo manifestara um pouco de inveja clerical em relação ao padre que o havia antecedido.

– Quem ainda quer ouvir um velho? Pior, quem quer ouvir com interesse um padre velho?

– Não desanime, Ataulfo, vai dizer que está ficando preguiçoso depois dos setenta e cinco?

– Preguiçoso não, meio desanimado.

– Ué, onde ficou a força das orações já feitas?

– Você tem boca grande!

– Desculpe, sei que o povo está mudado. Estavam acostumados com o padre Ringo.

– A guitarra dele falava mais alto que eu.

– A sinceridade e a fé também falam alto – animou-o Crisóstomo.

– Obrigado! Espero que minha caridade também ajude.

– Tenho certeza que a piaçada de hoje também necessita de seu coração.

– Veremos, Crisóstomo.



Mal cruzavam essas palavras, chegou Péricles, o anarquista. Embora debochado, o que dizia estava carregado de um humor não hostil. Diziam seus amigos: a única parte boa que sobrou. Ao perguntar-lhe o vigário sobre o que diria a Deus, após sua morte, se fosse questionado sobre o que fizera de sua vida, respondia: pelo amor de Deus, me deixe voltar, não me deixe, Senhor, sem meu corpo. Não deixe minha alma na solidão. Mandava vir um cerveja orvalhada que era, dizia, para que o espírito de Deus, posto na cevada, fizesse seu milagre e o ressuscitasse.

– Sabe, meu querido vigário de Cristo, sonhei com Jesus – Péricles falou sorrindo.

– Te mandando pro inferno – Crisóstomo brincou.

– Sabe que não. Convidou-me a entrar no seu reino. Dizia que, ultimamente, as mulheres estavam tristes com a longa eternidade. Todas com saudades de um homem vigoroso – brincou Péricles.

– Não blasfeme – altercou Ataulfo.

– Em sonho não se peca e foi o que me falou o Salvador. Vai, disse aquela beleza da Alegre Figura, a felicidade se arranja bem com a ternura.

– Safado – falou Crisóstomo, e põe Deus no meio de teus pecados. Está cheio de culpa e quer encontrar uma desculpa para não sofrer tanto.

– Tome um pouco dessa gelada, padre, e verá que tenho razão – convidou Péricles.

Riram com pouca graça. Crisóstomo mudou de assunto.

– Veja, Péricles, que o padre Ataulfo está com medo de não



mais quererem ouvi-lo por causa da idade.

– Não fique assim, vigário. Se até eu me encanto com suas palavras!

– Se este caradepau se comove, o que será dos jovens que sabem o que é bom para a vida?

– Sei que minha alma tem energia suficiente e que a alegria do infinito está comigo – consolou-se Ataulfo..

– Então, o que poderá diminuir o poder? – questionou Crisóstomo.

– Até eu estava cansado da guitarra do padre Ringo – falou Péricles. Tem um pedaço dentro de mim que é mais pacato. O senhor fala bem dentro de minha alma, se é que ela existe. Acho que Deus, então, se esquece que nunca fui fiel, nem a meus filhos. Mesmo desse jeito ainda conversa comigo. Console-se, Ataulfo, Deus não carece de muito barulho.

– Escutem vocês dois, não tenho ciúmes do padre Ringo. Receio que Deus não é despertado por minha voz que se aquieta. Não busco reconhecimento, embora ninguém esteja livre de não precisar de alguém. Busco dizer em quem acredito e experimento. A fé me dá mais, Péricles, que todas as mulheres com quem você andou.

– Padre, como sabe se o que recebeu foi mais do que elas me deram?

– Apenas intuição. De fato, não sei.

Retiraram-se os três em diferentes direções.



Mudam-se os tempos...

Os quatro haviam tomado rumos diferentes, a começar pelo santo homem. Já não estava mais com a senhora Taglieber para refletir e ser perdoado em seus deslizes. Tomara Madalena para se pôr em conciliação com Deus. Não concordava muito com ela. Mais de uma vez havia segurado as segundas intenções da mulher. Ela dizia que se sentia frágil diante do portento divino que ele representava. Gostaria tanto de tê-lo nas mãos. O padre, por mais incisivo que fosse em explicar que Deus e a humanidade estariam sendo traídos, não diminuía a insistência da mulher em querer uma intimidade maior do que a distância de amigos permite. Ataulfo, entretanto, sentia-se atraído por ela. Enganava-se quem, porventura, imaginasse haver interesse maior que o da alma. Estava o velho sacerdote tão imbuído da graça divina que qualquer tentação passaria ao largo de seu corpo. Convencia-se, pondo fé em sua virtude. Ela não entendia que os exercícios espirituais tinham o poder de afastar os desejos do corpo. Assim continha a senhora tão cheia de caridade. Mudança maior aparentava existir em Péricles.

Todos andavam encantados na rua e em suas casas por verem um juiz aposentado conter tanta fidelidade. Difícil era para as mulheres, que sempre tinham nele uma presa fácil e agora viam-no como um homem virtuoso e de olhos voltados somente para Letícia. Ela, uma vez abandonada por Crisóstomo, sentiu-se valorizada por aproximar-se de um homem mesmo que fosse conhecido como infiel. Aos poucos ela tomou confiança de estar com ele de corpo e alma. A comunidade paroquial perguntava-se sobre os milagrosos modos de Deus. Uma vez que o tinham como um convertido da conjugalidade, provocavam-no a ver se resgatavam sua antiga fra-



gilidade. Certas mulheres faziam apostas a ver quem conseguiria derribar suas novas estruturas.

Havia passado meio ano desde o início dos exercícios inventados por padre Ataulfo, buscando desenvolver em Creso a virtude da sensibilidade. Os apelos do vigário e os constantes exercícios de ternura mal conseguiam deter os impulsos dinheiristas do negociante. Creso era ainda um cristão, não sabendo ao certo se sua casa, sua esposa, e seu Deus, poderiam satisfazê-lo tanto quanto seus recursos materiais. Não sabia ainda se a estreiteza de sua incúria afetiva diminuía seu ser. Permanecia o constante conflito entre as coisas da vida e as coisas da fortuna. Não sabia o que mais valia: se a velha cristã Lídia, a senhora de mil virtudes, de um lado, ou se os negócios com seus clamores que chamavam por ele de outro. Consolava-se, dizendo que o seu olhar acostumara-se com a fortuna e sua alma resolvia-se com seu chamado. Fazia como Ulisses para não ouvir as sereias, entretanto, tinha saudades completas de seu canto.

Crisóstomo é que andava sem dúvidas. Tinha as noites para seus poemas josildianos e os dias para os sofridos mortais que se estreitavam em seus leitos. Aprendera sobre o amor e a sensibilidade a ponto de suas velhas feições tornarem-se semelhantes a faces transcendentais dos santos. Sua palavra era soprada entre murmúrios, próprios daqueles que consolam.



Cinco anos depois

Parodiando o divino poeta: descrever qual foi o resultado dos cinco anos sobre os quatro amigos é tarefa assaz difícil. Tanto o corpo como a alma têm pendores e limites. Cinco anos, ao final da vida, revelam mudanças extraordinárias. É certo que os limites físicos acentuam-se. Inclina-se o corpo para a terra e a velocidade das estrelas desacompanha o vivente. Para muitos, obnubila-se a mente e fragiliza-se a vontade. Alguns desejam muito pouco, conformando-se o espírito à paciência e à longanimidade. Mas as frases generalistas são a pior espécie de fala que se pode ter a respeito da velhice. Apesar da fragilidade, em cada um dos personagens, existe uma expressiva humanidade em busca de seus amparos e sentidos. Eles não negam as regularidades movidas pela idade, entretanto, a complexidade e as idiossincrasias não os abandonam. A simplicidade dos movimentos, neles, não se constitui a regra. A intensidade os acompanha porque não aceitam que fiquem sem serem infundidos na diversidade das comunicações. Andam por aí tentando convencer uns aos outros sobre o melhor destino que podem conferir.

Já estão com mais de oitenta anos, entretanto, se, vez por outra, a memória nega o uso de uma palavra, avançam, recorrendo a outras estratégias, para representar a realidade que querem evocar ou recriar. Carregados de contradições, vão peleando para pronunciarem-se, enquanto assiste-lhes um sopro. Por tudo isso convém que digam como se sentem e se percebem diante das demandas que a vida oferece. Que se faça deles, em suspiros, ponderações e cantos, o que a natureza, os costumes, a vontade e a razão fizeram. Nenhuma hora era igual, na medida em que se diferenciavam dia a dia pela decisão e pelas oportunidades de cultivarem a vida. Faziam-no



como quem toma, ao final, um saboroso café. Aos pequenos goles sorviam o precioso líquido. Praticavam uma humanidade expressiva, por vezes, contundente. Andavam como Ulisses e, sinceramente, ninguém poderia dizer que eram menores suas aventuras e dificuldades. Imitando Sêneca deles poderia se dizer: juntos arrostavam tormentas da alma e maldades batiam diariamente em suas portas. Diziam também eles: como amar a minha pátria, meu Deus, minha mulher, meu cotidiano e, naufragando, como poderemos nadar na direção de nobres objetivos? Sabiam, de cor e salteado, que a alegria de viver estava diretamente vinculada à intensidade dos objetivos praticados com aqueles ou aquelas com quem conviviam. De fato, como Ulisses, buscavam o caminho todos os dias. E, como os peripatéticos, enquanto caminhavam, viam as diferentes feições das realidades que se extremavam em seus pensamentos e suas palavras.



Sabendo-se mais do Padre Ataulfo

Ataulfo: tanto a pessoa como a sonoridade do nome carregavam certos mistérios. Figura incerta desde a infância. De família humilde, via sempre um pouco além dos outros. Até da eternidade ocupava-se, na infância. Como ter-se a si mesmo por milhões de anos? Não cansaria diante de Deus? E se fosse dar no inferno? Na adolescência brincava consigo, em razão da farta imaginação. Seus prazeres eram maiores quando divididos com seus amigos que sempre estavam com ele. Sentia-se facilmente culpado e temia a Deus mais que um pássaro diante de meninos com seus bодоques. Sabia de seus compromissos. Pouco falhava e quando, por limites naturais da inconsistente alma, era levado ao erro, o arrependimento seguia-se a ponto de levá-lo à confissão. Cedo começou a trabalhar e encantou-o, desmesuradamente, uma diva, valquíria dos seus sonhos. Despertaram-se nele profundos sentimentos e o inefável habitou-o por muitos meses. Nada superava sua felicidade, parecendo Macha do conto *Felicidade conjugal* de Tólstoi. Desenhava-se nele o divino encontro, o sonho perfeito de quem descobre-se superior, o amante de tudo. Seu olhar desdobrava-se sobre as coisas em quadros exuberantes. Até as paredes provocavam-no em suas cores brancas. Estava em êxtase. Os beijos da namorada faziam com que se elevasse acima dos mortais. Todos diziam: o que está acontecendo com Ataulfo? Os amigos da época, entre os quais Creso, Crisóstomo e Péricles, diziam: para com isso, cuidado que desde séculos, a mulher tem seus mistérios. O xará de Crisóstomo, figura de Cervantes, amava, em desespero, uma pastora que, embora amável, não o amava. Retirou, por força da desconsideração, a própria vida. Péricles, o político e democrata grego, também se precipitava sobre os inimigos, sem o devido cuidado por causa de sua mulher Aspasia, querendo



vê-lo cada dia mais vitorioso. Na verdade, Ataulfo estava como o rei Crespo diante de Ciro: daria a própria vida pela mulher. Entretanto, de pouco adiantou toda a reverência, toda a ternura, toda tesão enlouquecida, toda a poesia irradiante; Ismênia, a namorada, traiu-o. O outro rapaz, todos sabiam, era um aventureiro, todavia foi ele que penetrou fundo o coração dela. Ignominiosa foi a retirada de Ataulfo por se ver preterido. Pôs o rosto entre as mãos durante 24 horas, e ninguém sabia avaliar de onde retirava tantas lágrimas. Outras gurias invejavam Ismênia. Leocádia, Roberta, Antônia, Pascoeta, Marietina, Genoveva e mais outras tantas iam até ele, cada qual tentando agradá-lo e provocar nele algum sentimento afetivo. Assim se passaram dois meses. A mãe e o pai de Ataulfo esmeravam-se em animá-lo a seu modo e nada o afastava de seu isolamento. Quem o conhecia começou a causar estranheza o fato de ficar, por horas e horas, na igreja. Alertaram o vigário sobre a situação do rapaz. O frei José Maria chegou-se a ele, buscando consolá-lo. Ataulfo respondia monossilabicamente.

– Deus não aceita que fique frustrado uma vez que o amor é infinito e o que lhe aconteceu é pouca coisa perto do ilimitado Deus. A vastidão de Deus não se compara à ternura de uma mulher – afirmou-lhe o frade.

Pela primeira vez Ataulfo voltou-se normalmente para alguém, olhando o frade nos olhos.

– É isso que eu quero – decidiu Ataulfo. Tenho um amor que transcende às minúcias do coração humano.

Lá se foi ele estudar filosofia e teologia. Recomeçou a estar com seus amigos como se nada tivesse acontecido, mas que ninguém ousasse convencê-lo do contrário de sua decisão. Brincava e ria, tomava sua cerveja, mas não o viram mais entusiasmar-se por



qualquer outro tipo de mulher. Nenhuma suscitava nele eroticidade de qualquer espécie. Os três amigos chegaram à conclusão de que Deus tornou-se seu refúgio e fortaleza. Nada o demovia da santidade. Desistiram, pois se sentiram impotentes diante da onipotente decisão do amigo. Acompanharam seus estudos e, na sagração sacerdotal, fizeram a maior festa. Brincavam dizendo que teriam sempre como aval um amigo santo. Deus os perdoaria em nome da santa amizade. Deus jamais faria uma coisa dessas: separar amigos durante a eternidade. Tal crueldade nem os homens teriam coragem de praticar. Reuniam-se uma ou duas vezes por ano e tudo, então, era comum. Havia uma transparência absoluta. Quem mais faltava era Creso que sempre andava viajando, e cada vez mais, mesmo que se distanciasse dos amigos, não ruía a velha amizade. Chamaram sua atenção quando a amizade tornou-se apenas uma obrigação. De pouco adiantou. Voltou a reunir-se após os exercícios impostos por Ataulfo: uma delas, além de amar quem mais lhe era próximo e quem fosse muito pobre, foi preparar diversos encontros dos amigos. O exercício da amizade estava bem a gosto de Ataulfo: não é bom que um homem morra sem virtude! A amizade é a primeira delas! Deixemos a amizade e voltemos a ele. Até fazer os oitenta, era tão forte a virtude da castidade que mulher alguma tirava o homem do sério.

Padre Ataulfo começou a periclitar em seu celibato aos oitenta e três anos. A santidade fora infinita, mas os amigos não estavam entendendo por quais razões voltavam os sentimentos de Ismênia,. O único que arriscara dizer alguma coisa sensata foi Crisóstomo: escuta, Ataulfo, desconfio que a memória é regressiva. Quando se está velho, a gente investe no passado uma vez que o presente anda meio lento. Essas palavras foram o suficiente para que Ataulfo começasse a fazer penitência, entretanto, as meditações eram arranhadas pela imagem de Madalena. Santo Deus, se teu amor é infinito o que tem



essa mulher de provocar em mim antigas reverberações? Por mais de vinte anos a senhora Taglieber acampanhou-o. Até os setenta e cinco a alma era toda lisura. O que Madalena tinha de devolver os sentimentos de Ismênia? A torrente foi forte, muito forte. Uma lava incandescente descia e depois ia até sua alma, perturbando seus altos pensamentos. Ainda bem que seus paroquianos de nada desconfiavam, pois como é que poderiam pensar que o desejo da carne pudesse se insinuar num padre de oitenta e três anos? Quem poderia imaginar tanto poder feminino? Estaria muito mais para a graça de Deus do que para qualquer tentação. Mas não era o que movia seu ser inteiro. Madalena, ao ouvir que se afastasse dele para o bem de sua alma, percebera o quanto ele estava perturbado diante da exuberância de seus cinquenta e cinco. Falavam da caridade em relação a quem andava errante e a quem não errava mais. A mulher insistia em dizer-lhe da atração que ele exercia sobre ela. Madalena confundia o amor ao próximo e a Deus com o volume de euforia afetiva. Oito anos se passaram nessa conversa sem causar a mínima tentação em Ataulfo, mas agora o que era aquilo que vinha como enchente de São Miguel? Ilibada fora sua devoção, nunca manchada por qualquer desejo, senão o de estar com o Deus das alturas, impedindo de sentir a ventura humana. Quando Madalena viu que, de fato, não estava sendo justa para com a santidade do homem, retirou-se, intensificando seu afeto com seu marido Generoso.

O fogo da fornalha de padre Ataulfo minimizou-se um pouco. Começou a lembrar do tempo de sacerdote em estado emergente. Aquilo sim é que era santidade. Rezava em seu breviário as vésperas e as matinas e suas orações subiam como fumo agradável até Deus. As palavras de sua boca falavam daquilo que seu coração estava cheio e dizia com tamanho vigor que os cristãos passavam a ter nele o que de melhor Deus podia oferecer. Era um digno mediador. Suas palavras eram como atos poderosos. As pessoas dirigiam-se



para onde soprava seu espírito. Vinham-lhe lágrimas de gratidão por Madalena ter dado uma folga ao antigo instinto e às lembranças de Ismênia. Orava em silêncio: por que, Senhor, mandas de volta o tumulto de outrora? Agora, quase na hora de partir, já em Tua porta, por que diminuis a fortaleza, deixando-me à mercê dos calores de uma mulher? Lembrava de suas velhas orações, imitando Gregório de Nissa: *Tendo deixado para trás todas as coisas criadas e abandonado o auxílio do entendimento, unicamente pela fé, encontrei o meu Amado*. Buscava convencer-se daquilo que havia perseguido até então, imitando outro santo: *Puro é o coração que, apresentando a Deus uma memória sem imagens nem formas, está pronto a nada receber senão impressões que vêm dEle e pelas quais Ele deseja manifestar-se a esse coração*. Entretanto, era traído pelas formas de Madalena, as quais, à base de insistentes orações, buscava afastar.

Padre Ataulfo foi tomado de uma febre repentina. Tremia todo seu corpo. Foi levado, às pressas para o hospital. Recebeu o viático do seu capelão. Sabendo iminente a morte, estava tranquilo e feliz. Mais tarde confessaria aos amigos: uma tamanha paz me possuía; fiquei triste por ter de voltar. Afiançava a todos que viver é mais complicado que morrer. Entre o estado de partida e retorno, foi visitá-lo Madalena. Estava lívido, confundindo-se com leões brancos. Apresentava melhoras e era sabedor que resistiria a qualquer tentação. Sua alma frequentara as paragens do barqueiro. Nada estranhara. Tudo era humano, mas sabia que o burlador que habita os infernos é bicéfalo. Mostra o lado bom do pecado e, por outro, ri quando alguém se entrega às suas insinuações. Maldita ambivalência, que nunca se sabe onde está a verdade. Fez-se um rápido ruído na janela, ao se moverem as suas abas. Por sua santificada alma atribuiu o ruído ao seu anjo protetor. Assim andavam os fatos e seus vagos pensamentos, quando Madalena aproximou-se de seu leito. Um estremecimento de prazer revelou-se, muito além da vontade.



Um jorro espontâneo e denso fluiu em toda a extensão do corpo e da alma. Padre Ataulfo não conseguiu disfarçar e, quanto mais disfarçava, mais Madalena percebia o quanto significava sua presença. Começou por um tímido diálogo.

– Como está meu santo homem?

– Velho como nunca.

– Não diminua seu poder.

– Somente uma boca generosa é capaz de ver alguma força, não fosse a graça de Deus já estaria vendo o mistério face a face.

– Deus se dá pela expressão da gente, essa é a única certeza.

– Nesse caso Ele está se expressando mal, riu-se. Não pense, senhora Madalena, que me diminuo. Coragem eu tenho, o que me falta é ar, como dizia um revolucionário gaúcho. Habito a casa de Deus e, mesmo que um caco de corpo me conduza, me sinto transcender.

– Assim é que se fala, meu grande homem. Se acende meu corpo em tuas palavras.

– Para com isso, Madalena. Não vê que buscas em mim o que é de teu marido.

– Busco teu espírito que me conforta e faz com que minha alma se desdobre. Se um carinho vier de presente, aí se completa minha felicidade.

Um agradável silêncio se fazia no quarto. Ataulfo fechou os olhos, indefeso. Lembrou-se do que lhe falara um dia um biólogo. Quanto mais frágil o corpo, mais ele busca se expandir.



– Padre, posso dar um beijo?

– E tenho eu alguma força para reagir?

Madalena inclinou-se e delicadamente aproximou sua boca da boca do padre.

– Que Deus abençoe essa boca que descobriu meu ser.

– Que assim seja! Agora chega, que desse jeito estarei perturbado em minhas orações.

– Que mal existe em te servir um pouco? Agora que o senhor está frágil não existe perigo.

– Mulher, existe idade para o corpo diminuir seu desejo?

– Apenas quero agradecer. Sei também que jamais fornicarei. Apenas desejo dar um pouco de minha atenção.

– Já me basta. Por favor, agora vá, que Deus precisa de mim.

– Está bem!

Mais uma vez inclinou-se, agora apenas beijando seu rosto. Depois o vigário ficou fortalecendo-se cada dia mais. Já em sua casa paroquial, ainda convalescendo, refletiu sobre seu caminho, que se havia tumultuado aos oitenta e três anos. O que era aquilo de deixar se envolver por uma mulher? Deus, tão grande e onipotente, foralhe suficiente e agradável. O que estava acontecendo para reduzir-se a tão pouco? Era-lhe bom ouvir a voz de Madalena e até desejá-la, tendo seu corpo em movimento erótico, mas a que levaria tudo aquilo? Por certo perderia a graça e estaria comprometendo sua relação com Deus e a de Madalena com sua família. Pior ainda: estaria se expondo ao ridículo. Perderia a autoridade. Todos diriam:



lá vai aquele que não é capaz de salvar a si e quer salvar os outros. Vou pôr fim a tudo isso! Entrou na penumbra quieta e solene da igreja e aí, auxiliado pelo ambiente mágico, comungou com Deus, sentindo a paz e a fruição da graça que lhe atravessava toda a corporeidade. Emitiu um som sem sentido, mas revelador da graciosidade do momento. Foi mais tarde rezar a missa numa pequena capela de irmãs do Divino Salvador, e todas ficaram emocionadas ao ouvi-lo falar da graça que possuem aqueles que se consagram inteiramente a Deus. Sua boca expressava a ventura de fazer sobressair a vida acima das tempestades e dos sofrimentos. Falou da castidade como uma tarefa purificadora. Uma lágrima furtiva indicava os apelos que lhe iam na alma.

Estava decidido a não mais prevaricar em pensamento, em palavras, em olhares, em sentimentos e muito menos em ações. Madalena seria apenas uma figura passada. Dela teria apenas uma companhia mediada pela fé. Para domínio maior de si, servindo-se de humanos recursos, voltou-se ao tempo de sua juventude, estando decidido a encontrar Ismênia. O que é isso que se balança que é mais poderoso que o Senhor Deus de Israel? O que é uma mulher diante da imensidão do infinito? Era-lhe urgente retirar a raiz de suas precipitações afetivas. Afastaria qualquer impedimento novo ou antigo. Rezava em constância: mostra-me, Deus, o jeito de minha alma ficar em harmonia com ela mesma, diga-lhe, com Tua autoridade, para que fique de acordo com as resoluções tomadas! Voltou-se, com atenção, para as raízes de seus temores. Percebeu rapidamente revolver-se nele a mulher dos seus vinte. Vinha como uma chuva que se impregnava em Madalena. Vou, por esse caminho, amainar as dores de minha juventude. Com poucos telefonemas chegou aonde queria: Ismênia morava não muito longe. Não precisou, depois disso, andar muito para encontrá-la. Semelhante aos versos de Afonso de Guimarães, como Ismália, Ismênia tinha



sua alma pronta para subir aos céus. Estava uma velha de oitenta anos, decrépita e de voz por um fio. Ela reconheceu Ataulfo, recebendo-o efusivamente.

– Santo Anjo do Senhor, meu zeloso guardador, agora posso partir em paz. Encontrei o amor que me foi dado como certo, e eu, por desacertos de minha alma, fiquei vagando sem saber o que é amar. Deixe abraçá-lo como desejei durante todos os últimos sessenta anos de minha vida.

– O que é isso, Ismênia. Não tiveste filhos, netos e bisnetos? No amor humano, a família é que mais conta.

– Disso tudo tenho sobrando. O que me falta e me faltou foi um homem de verdade. Alguém que, atravessando o tempo, pudesse ainda me dizer: eu te amo! Mas qual o quê! Mal passado um ano de casamento, levei uma surra do jeito que não se bate em besta nenhuma. Depois disso minha ternura sumiu e fui tendo filhos por obrigação de minha consciência. Amei-os a todos, mas sem a solidariedade e o reconhecimento de um companheiro. Deixe-me ter você, ó amável Ataulfo, por rápidos momentos. Que retornem o que perdi.

Ataulfo, rindo da situação, por lembrar de Crisóstomo – rezou: Santa Maria, não me faça cair no absurdo. Que seus velhos seios não tragam de volta o que sentia. E foi dizendo:

– Sossegue, senhora Ismênia. Me consagrei a Deus, nele encontrando a resposta que busquei em você. O bem que fiz em todo meu sacerdócio foi graças a você.

– Mas não me conformo por haver trocado você por aquele desgraçado. Ora veja, padre Ataulfo, se acaso fez tanto por Deus, quanto seria seu poder para agradar-me, eu que sou uma simples



mulher.

Riram ainda mais dos seus respectivos ajustes e desajustes. Recordaram, sem grandes emoções, os momentos passados. O coração de ambos havia guardado todos os instantes. À medida que revelavam antigas lembranças, Ataulfo ia desfiando o tecido de seus impulsos em torno de Madalena. Tomaram um café. Depois Ismênia encostou a cabeça sobre o ombro de Ataulfo e pediu perdão. Ataulfo, Ataulfo, quem é que manda em nossos corações? Fui uma jumenta por tê-lo deixado por aquele safado. Acompanhei com grande interesse por todas as paróquias por onde andou. Cada vez que o monstro do homem vinha pra cima de mim oferecia o grande sacrifício pelo bem estar de seu sacerdócio. Nada mais quero senão ter a certeza de nossa harmonia. Agora sei que nada existe mais de tristeza entre nós dois.

Agradecidos um ao outro, cada qual retomou suas vigilâncias: o padre com Deus e Ismênia com sua família.

Padre Ataulfo estava muito agradecido a si mesmo por ter estado com Ismênia. Não mais povoavam-lhe as inclinações soberbas de Madalena, que passou a ser amiga de conversações sobre suas dificuldades paroquiais, ora sozinha, ora acompanhada de Generoso. Em pouco tempo, vendo que não mais era correspondida e nem reconhecida em suas intenções, concentrou-se nos cuidados de sua organização com Crisóstomo. Padre Ataulfo ofereceu-lhe livros de alguns místicos, acalmando assim a fome de Deus que ia em sua alma inquieta.



Por onde anda Crisóstomo?

Crisóstomo e seu grupo costumavam dividir impressões das suas ações de cuidadores. Atendiam mais de dez idosos dependentes em suas residências. Haviam criado uma intimidade muito próxima com os familiares e os cuidadores de idosos aos quais davam atendimento. Com esforços pessoais, junto aos hospitais da cidade, conseguiram camas hospitalares e meios de locomoção para seus idosos.

A maior aventura realizada foi levar seus doentes, em condições de viajar, a um balneário em época de baixa temporada. Testemunharam o que jamais pensariam testemunhar. Todos eles estavam diferentes, ao avistarem, de dentro de seu ônibus panorâmico, as paisagens exuberantes. Renovavam seu interesse pela vida. Esclareceu-se, de forma vigorosa o quanto os espaços dão conta da alma. Estreitados em suas casas, com a repetida visão das paredes, definhava-se a alma. Aí estavam agora, de olhos cheios de lágrimas, tendo o que não pensavam mais em possuir: seus olhos acarinhados por todas as cores e por todas as formas vivas e mortas. As montanhas com seus vinhedos, as matas em início de outono, as palhas cinzas e a imensidão de três tardes. Tinham o mundo dentro de seus olhos. Era-lhes concedida a certeza de estarem vivos. Aí as coisas tinham poder, revelando-se a reversibilidade: anos antes concediam poder às coisas e agora delas recebiam a força. Crisóstomo estabelecia seus diálogos com eles e, pelo reconhecimento mútuo do que era visto, mais ampliava a comunicação interior e acendia-se a chama da alegria. Estavam plenos das coisas. Todos afirmariam que a vida estava sendo determinada por aquilo que lhes era externo. A felicidade não era menor do que aquela que sentiam quando se moviam



graças às suas forças e determinação. O perfil da identidade estava subordinado à generosidade de quem os cuidava. A comunicação gerada na viagem era fértil, e voltavam novas e antigas formas de sentir, pensar e querer. Nenhum deles voltou desanimado. Os comentários do grupo dos cuidadores voluntários giravam em torno dos resultados da viagem. Passara-se um mês e, nas casas dos cuidadores e de seus idosos, ainda estava viva a comunicação.

Todos, aos oitenta de Crisóstomo, perguntavam-se: como é que esse velho vai suportar a solidão tendo somente na imaginação a presença de Josilda? Ele respondia a todos que sua instituição cuidadora e a fidelidade para com Josilda bastavam. Estava levemente ressentido com seu filho, mas a sua vitalidade afastava qualquer dor ao lembrar da intenção do filho ter para si sua pequena fortuna: um apartamento e duas casas. Quando não estava lidando com os seus familiares e com seus idosos, escrevia textos e poemas em torno de seus sentimentos. Havia uma extensa obra na qual se inscrevia a idealização de seu amor por Josilda. O diário de seu cotidiano era um auxílio poderoso para sua orientação. Compreendia-se melhor e nada indicava haver solidão. Nele estavam presentes todos os idosos sem autonomia e suas impressões sobre eles. O que mais se percebia na trajetória de seu trabalho era como lhe agradava avaliar a transformação dos cuidadores com seus idosos. A reduzida comunicação gerava uma díade pouco humana. O sofrimento gera desgastes, dizia. A nossa entidade encontrou caminhos de renovação comunicativa. O passeio rendeu o que não se esperava. A aquisição de um data-show facilitou uma melhor representação do que fora a viagem. O gosto artístico de Priscila carregava de emoção as fotos. O reconhecimento das paisagens e dos lugares por onde andaram ampliava a imagem dos viajantes. Havia alegria contagiante, alegria a ponto de os idosos dependentes consolarem a quem deles se aproximasse. Não eram menores as alegrias advindas do projeto



da professora Helena. Em contato com diversas escolas da área de inserção de seus idosos, provocava os professores de arte e literatura a revelarem os cantos e encantos das crianças e jovens aos idosos.

Mesmo que todos vissem a naturalidade de Crisóstomo em conduzir sua idade, insistiam que encontrasse uma companheira viva. Disse que, por suas lembranças josildinas, tão fervorosas, jamais poderia cometer a injustiça de confundir outra mulher com sua fortaleza feminina. Seus poemas não desmentiam. Não eram versos de saudades ou lamentações piegas. Havia tal vibração que a mulher de sua comunicação traduzia-se como presença vigorosa. Confundi-la com uma simples mortal faria com que se perdesse o inefável dom que nele se impusera mais que recordante. A experiência que realizara com Letícia fora suficiente para convencê-lo de não expor outra mulher a se ver confundida com quem tinha nele morada definitiva. Quando padre Ataulfo, pela última vez, investiu a que ele mudasse de comportamento, ele tornou-se rude ao dizer: padre, Deus fala de forma divina em seu coração, Ele, que é onipotente mas distante. Deixa-me estar com a memória de Josilda que é próxima de mim. Para confirmar o que digo, padre, alcanço o início de um pequeno texto poético.

*Dizerem-me de ti, amada gentil senhora, minha figura,
Que és distante e apagada: em tal dizer se configura
A mais perversa das palavras. O lume é claro e constante,
Encontro de fontes e de pássaros amantes.*

Crisóstomo expressava-se, criticamente, em seu diário sobre a realidade das políticas públicas em torno dos idosos. Avaliava, de forma contundente, a negação política do envelhecimento popu-

lacional. Faz-se um silêncio sobre os mais velhos como se as mediações públicas nada tivessem a dizer. Avalio o que se faz com os mais velhos, o mesmo que se fez com negros e outros escravos. De fato, a história carrega consigo traços de profunda irracionalidade. Quando vou até ao prefeito, justificando a necessidade de apoio aos idosos em situação de vulnerabilidade, ouço palavras de interesse e de nenhuma ação. Fico bravo e digo que política pública sem ação não tem virtude. Entretanto, para seu consolo, o que mais aparecia em seus escritos era um acentuado olhar sobre as pequenas coisas e fatos. Dele não escapavam nem as gramas nem as sebes. O espírito de humor era o que poderia ser lido com prazer. Tinha um jeito mordaz de falar quando se referia à onipotência de quem tem um pouco de poder. O que têm certos seres humanos, quando assumem uma pequena condição de mando, de erguerem suas vozes muito além de seus argumentos? – escrevia. A gentileza e a ponderação, como um convite à ação, passam longe de suas casas. Colhia, com certa devoção, as frases com que seus idosos riam de seu sofrimento. Brincar com os demônios é uma forma de afastá-los – dizia. Os registros de suas lembranças acerca de duas viagens deixavam-no cheio de comoção ao relê-las. Em cada objeto onde punha seu olhar buscava ser fiel às revelações de um tempo no qual fora gerado. Tinha prazer em pesquisar, como um arqueólogo, a história do tempo e do lugar que o objeto representava. Descobria a alma, que, silenciosa, penetrava as formas e o uso. Quando foi ao museu etrusco em Roma, foi transportado junto aos vasos e às jóias que estavam expostos. Na verdade, assumia dentro de si o oleiro e o artista que os produziram. A mulher e o agricultor que fizeram uso do objeto retornavam à vida. A solidariedade humana, pensava, possui maneiras curiosas de se evocar. Tinha vigoroso prazer de ressuscitar quem já parecia estar morto ou estivesse morrendo.

No dia de seu octagésimo segundo aniversário considerou



como agradável a definição de sua vida: nunca vivi tão intensamente. Tenho sua extensão e medida na vida dos outros e por eles compreendo melhor a humanidade. Quando fiz sessenta ainda não a tinha completa porque a possuía em pequenas ligações. Nem em meus filhos e esposa tinha suficiente vitalidade: apenas estava preocupado em sustentá-los. Agora estou aberto ao influxo de diversas vidas e perambulo percorrendo mares nunca antes navegados. Tenho pouco mais de dez anos de maior felicidade, pois Josilda e aqueles que estavam como mortos retomaram a caminhada humana, que é minha, em sentido lato e estrito. Não é do tamanho do corpo que alguém pode dizer que se vive mais ou menos, assim, não é por si mesmo que se pode dizer estou vivendo. Os outros e a vida que reciprocamente dividimos é que nos conferem maior ou menor plenitude. Pode uma mulher estar viva na nossa frente e até podemos jurar fidelidade e fazer outras promessas, nada vale, se dela pouco comungamos. Dizemos que a conjugalidade é muito pobre. Eu digo que a ausência de Josilda em nada inibe a intensidade feminina a mim conferida. Seu discurso de oitenta foi finalizado com um poema de dois versos

*Recaem sobre os meus ombros a felicidade
Como a luz de minha estrela linda*

Passavam-se os dias e nenhum deles era solitário. Toda gente a quem emprestara ou estava emprestando sua alma para reviver tiravam disso o maior proveito. Não podia entender os terapeutas que frequentou dizendo-lhe que amasse a si mesmo, se o jeito de seu ser em tudo tinha a palavra, os sentimentos e as feições de quem havia passado por ele e até antes dele. Quando tomava para si as reflexões a respeito de Josilda ele se apropriava de seu poder e da



glória, que por pequena que fosse, já não era alheia.

*Permaneço estreante das coisas da vida
Se Solitário, pobre ou ausente, um pobre animal
Sem a presença amável do outro: dádiva
Alegre de quem me chama por meu companheiro.*

Havia bem-estar em Josilda, importantes também os encontros com Péricles. Tinha grande prazer em confiar-lhe sua vida, o mais amigo entre os seus amigos. Quem os visse à distância diria que um representava a virtude do espírito e o outro, da boa vida. Crisóstomo semelhante a Dom Quixote e Péricles a Sancho Pança. Crisóstomo apreciava ocupar-se em ouvir as histórias da vida e das de ofício de juiz exercido por Péricles. Tanto quanto Sancho no seu governo, em sua fantasiosa ilha, era Péricles em sua sábia prudência. Muito mais amante da justiça que das leis. Lembrava-se de Péricles, rindo às pândegas, quando este narrava a justiça praticada por Sancho. Um frágil homem fora acusado de ter abusado de uma senhora. Mandou que, pelo prejuízo moral causado, fosse pago vinte moedas de ouro à mulher... Satisfeita, ela as guardou entre as pernas. Imediatamente Sancho ordenou que o homem fosse retomá-las. Por mais esforço que o frágil homem fizesse não conseguia retirar-lhe as moedas. Sancho ordenou aos guardas que tomassem dela o que havia julgado como justo. Dez guardas mal conseguiram retirá-las. Sentenciou, então, Sancho: se protegesses tua honra com a metade da força com que protegeste as moedas, jamais estaria manchada tua honra. Foi pela tua vontade que fez o que a natureza mandou. Da próxima vez faça o que manda a razão e não a fome do dinheiro: de uma mulher pouco se sabe sobre seus mistérios e intenções, sentenciou mais uma vez o grande juiz. Todavia, Crisós-



tomo apreciava acima de tudo, ao estar com Péricles, avaliar seus próprios sentimentos. Depois que havia solicitado a seu amigo para assumir Letícia – de forma que ninguém um dia pudesse dizer: Péricles já esquece a promessa – Crisóstomo tomou a bondade de Péricles como uma dívida de vida. Confessava, de forma transparente, o prazer dos encontros oníricos com Josilda. Péricles, de sua parte, aceitava ouvir, sem a mínima incriminação, a inaudita experiência afetiva. Apenas admirava-se dos meandros da alma apaixonada. Ria-se, silenciosamente, dos divinos orgasmos do amigo. Que coisa é essa, meu Deus, esses esmeros? Para todos constituía-se uma patologia, mas, pra Péricles, uma forma extraordinária de fidelidade. Alucinações para alguns; para Péricles, mais uma expressão afetiva. Dessa maneira Crisóstomo tomava coragem de aconselhar Péricles, como adiante se verá, quando esteve em tentação com uma mulher de nome Stepânia. Péricles apreciava uma pequena canção que Crisóstomo costumava murmurar:

*Uma coisa é certa eu sei
Não tive nunca amor maior
Agora diz-me o que farei
Com a lembrança desse amor?*

Cadê Péricles?

Cinco anos sobre um velho como Péricles, qualquer gerontólogo pode dizer, não é pouca coisa. Se as suas histórias nem sempre correspondiam à realidade, não deixavam de ter seu encanto. A fidelidade, até ter encontrado Letícia, não se apresentava nele como virtude. Fiel fora ao seu ofício, durante o tempo que assumiu diversas comarcas. Seu espírito volúvel nas coisas do amor feminino, todavia, contrastava na devoção para com seus filhos e nas tarefas de julgar sobre as irregularidades sociais. Foi exímio no trabalho de avaliar o que pertencia a um e o que pertencia a outro. Era capaz de julgar, com prudência, sobre a punição para reparar danos causados ao patrimônio particular ou público. Seu desejo de justiça começou aos dezenove, quando lera um conto de Tchekhov sobre a dor de um sapateiro diante da incapacidade de se ver melhor. Em sua opção profissional poderia minimizar as afrontas de muita gente julgando de forma adequada a quem se sentisse ultrajado ou prejudicado. Ajudaria a reparar as violências contra tanta gente. Não somente advogaria em favor de quem estivesse em apuros, mas seria juiz, dando, da melhor forma possível, a cada um o que é seu e de tal forma que se preservasse a dignidade humana. Lembrava-se, com certa nitidez, das palavras do conto de Tchekhov: Fiódor, o sapateiro, temente a Deus, suportava seu ofício com o auxílio de uma garrafa de vodca. Dia e noite sentia a humilhação de seu ofício, enquanto quem tivesse um lugar social de maior monta era respeitado e não tinha por que andar se desviando quando andasse pelas estradas. Confundiam-no com um mendigo e assim o chamavam: Sapateiro-cachaceiro alma de botina. O jovem Péricles foi atingido em cheio quando Tchekhov descreveu a situação de desamparo de Fiódor: ao esvaziar a garrafa, Fiódor colocou as botas sobre o balcão e mergu-



lhou em suas deprimentes ideias. Pôs a cabeça entre as mãos e via mais sombras que luzes. Pensou sobre sua pobreza, na vida penosa, em seus filhos mal vestidos, em sua mulher Fiederova, que lhe pedia uma roupa nova, mas com seu dinheiro nunca podia cobri-la com um pouco de orgulho. Ela andava sempre com as mesmas roupas como se tivesse nascido com elas. Ele sempre com suas notas de rublos de pouco valor. De sol a sol, de sola para sola, ia levando sua triste vida. Comparava-a com a dos ricos. Vinham-lhe as suas casas e as notas de cem rublos que recheavam suas carteiras... Seria bom que os diabos carregassem as suas casas, que rachassem nas grandes chuvas, que seus cavalos fortes rebentassem, que desbotassem as suas pelicas e os gorros de pele. Que bom seria se eles se transformassem em mendigos que não têm o que comer, e se os pobres sapateiros virassem uns ricos, e ele pudesse também rir diante dos pobres sapateiros na véspera de Natal. Lembrava-se, também, de como o sapateiro, estando em sonhos, viu-se como um rico mas não mais poderia cantar nem tocar sua sanfona na estrada, nem ao menos poderia dar um gostoso tapa no traseiro de sua mulher. Não ficava bem aos nobres ricos andar folgadoamente na rua, e um rico não poderia dar tapas na bunda de ninguém. Era mais nobre beijar as mãos das damas e também beijar suavemente a mão de sua amada. Péricles não sabia, ao certo, por que as palavras de Tchekhov haviam calado tão fundo. O fato é que estudou muito para que ninguém se sentisse, na medida de sua competência, como o sapateiro. Defenderia quem estivesse em situação de prejuízo moral ou fosse privado de sua dignidade por causa de perdas físicas ou materiais. Trabalhou como advogado, mas a pretensão maior de seus sonhos era tornar-se um ótimo juiz. Assim aconteceu. Seus filhos, em razão de seu salário, não podiam se queixar, nem sua ex-mulher reclamar que passava mal. Estavam mais para os ricos do conto que para os sapateiros. Se a volubilidade afetiva levava-o de casa em casa, não



acontecia o mesmo na proteção de seus filhos e de sua ex-mulher. Quanto à profissão, levava-a com medidas de um estudioso e a balança quase sempre pendia para onde, dadas as melhores considerações, deveria pender. Além de buscar as formas da lei, mediava suas decisões pela força das circunstâncias, ou seja, aplicava-se a olhar o fato como um fenômeno dado por diversas linguagens. Ao julgar um jovem por agressões à propriedade ou à moral, tinha outro olhar se comparado às agressões de um adulto. Sempre que possível transformava a punição em benefício comunitário. Possuía um grau de compaixão com a fragilidade humana e diante daquele que havia se insurgido contra a lei. Não raras vezes, chegava à conclusão que a ofensa cometida pelo transgressor seguia um curso que, se fosse ele, faria do mesmo jeito. Depois de trinta anos de seu ofício, aprendera a entender a fragilidade humana. Como um impulso incontrollável, também ele deixava-se levar pela inconstância de ânimo. Sabia que, mesmo sendo honesto com suas companheiras, ficava abatido por tornar, face o rompimento, constrangidas algumas e, outras, com raiva ou depressão. Desejavam merecer uma presença mais densa e duradoura. Apenas uma delas agradeceu que tudo tivesse terminado. Perguntava-se: qual seria a diferença de sua maneira de agir da de um criminoso? Ambos eram tomados de uma compulsão que os levava a direções incontrolláveis. As dores geradas por ele e por um criminoso não se distanciavam. Sua conduta apenas não era exigida por lei. Não que não tivesse desejos de manter em dia a memória permanente das mulheres, entretanto sua história o havia gerado com uma débil vontade.

Queria renovar, com Letícia, sua maneira de agir. E dizia, fazia tempo: está na hora de tomar conta de meus hábitos. Os discursos dos meus amigos vieram em boa hora, insuflando-me mais próspe-

ra a vontade em relação ao amor. Os seguidos sermões do padre em torno da identificação de um para com o outro, quando se amam, de modo especial no casamento, fez com que Péricles comesse a revisar suas atitudes. Ninguém se completa numa aventura de dias; a entrega humana é semelhante à entrega a Deus: a face humana e a divina se dão a conhecer quando não se põem exigências de tempo – dizia o velho vigário. A fortuidade, insistia o santo clérigo, é como uma chuva sem profundidade, é como a claridade da lua: esclarece, mas não faz germinar. O amor sem compromisso absoluto revela a estreiteza humana. Já nos basta o limite particular que carregamos. Se no amparo dos outros ou de Deus não existe nenhuma fortaleza, então, ficamos à deriva. Disso resulta a angústia por não termos garantia de nada.

Aos poucos as expressões do padre começaram a se impor como lei. Crisóstomo era o mais influente. O incruado viúvo deixara Letícia a ver navios. Ele foi um capitão de uma fragata inconfiável. Ela ficara sozinha no porto. Sentia culpa, mas preferira isso a ver nela a imaginária Josilda. Não suportaria a duplicidade e a falta de sinceridade em suas palavras. Por tudo isso insistia com o amigo Péricles que mudasse de atitudes, superando seu antigo costume. Prometia até dar uma surra em Péricles se acaso não amasse Letícia até à morte. Propôs inicialmente não casarem, mas que praticassem a intimidade à distância. Ela sabia da temeridade que era casar com ele. Sempre fora infiel e depois do primeiro casamento era a primeira vez que prometia fidelidade até a morte.

– Grande coisa – brincava o padre, um velho de oitenta prometer fidelidade até a morte.

– Buenas – respondeu – para um inveterado garanhão é muita disposição!



– Mas não mediante a graça de Deus, avançava Ataulfo.

– O que tem a graça de Deus com o amor que dedico a Letícia? – questionou Péricles.

Tudo, pois os mistérios divinos penetram toda a realidade que se estabelece com elevação, amém – finalizou o boca santa.

O sonho de Péricles, no seu segundo ano de permanência afetiva, foi muito revelador. É uma bela figura da estrutura de tua alma, Péricles – falou Crisóstomo. Machado de Assis poderia ir a fundo em tua performance onírica. Quem sabe Borges retomaria uma lenda de escritos arcaicos para elucidar o sonho? Ouçamos a narrativa de Péricles, o convertido. Começando a guardar, dentro de mim, a notícia de minha fidelidade, tive um sonho bizarro. Andava na carroça de meu pai, atravessando campos. Os cavalos estavam impetuosos e a ventania movia as árvores. Meu pai incitava os animais a que imprimissem maior velocidade. Os fardos de muitas cores iam caindo da carroça e eu, por mais esforço que fizesse, não conseguia retirar palavra alguma da garganta. Por fim, cansados os cavalos, perdidos os fardos, vi meu pai chorando. Solitários estávamos no campo com nossos cavalos, sem nada mais a transportar. Do alto do outeiro via minha mãe em desespero. Nada que pudesse ser comparado à dor que me ia devorando dos pés à cabeça. Acordei agarrado em Letícia. Minhas lágrimas molharam meu travesseiro. Estou com meus oitenta e dois e a imagem de meu pai e de minha mãe eram perfeitas. Os cavalos expressavam medo em sua desesperada corrida. Eram o Tubiano e o Malacara. Eu, um menino, nada conseguia fazer.

Terminada a narrativa, Crisóstomo ficou em silêncio. Falou de maneira reflexiva. Não sou psicanalista, entretanto, parece-me que o sonho revela a urgência em se afastar da desenfreada liberda-



de. Pouca coisa sobra em nossas vidas quando somos levados por rápidos impulsos. Sobram vazios e lágrimas. Sobra muito pouco dos atropelos. *Si no é vero, é bene trovato*, completou Péricles. Se não é isso que você diz, Crisóstomo, tomo como verdade e vou em frente com esse amor velho e tardio.

Péricles, ao chegar no aniversário de seus oitenta e cinco, aproximou-se de Letícia e, como nada mais era temido por ela, revelou, sem restrições, a sua angústia. As palavras, mais que a idade podia deixar, estavam trêmulas.

– Que te preocupa, meu homem?

– Será suficiente este amor sem outra razão?

– Julgas pouco nosso amor, meu homem?

– Julgo que estamos bem, mas podemos nos amar ainda mais, estendendo-nos para outros objetivos – avaliou Péricles.

– Me agradam as horas divididas entre flores, leituras, conversas simples como as coisas, mas concordo: podemos nos desvelar em ações mais solidárias.

– Deus guarde tua boca por toda minha velhice – falou, Péricles, alegre.

Depois dessa rápida conversa, foram ter com Ataulfo e resolveram criar um balcão de apoio aos idosos em suas dificuldades. O balcão, que, inicialmente, tinha a função de encaminhar idosos para solução de suas mais diversas dificuldades, resultou mais em um espaço para diálogos de histórias que buscavam comunicação. Caiu como luva a sugestão de Ataulfo. Péricles conseguiu expressar de maneira eficaz sua vocação de ouvidor. Ao escutar histórias, conseguia revelar a grandeza dos historiadores. Começou a convidar os



melhores contadores e iam às escolas desvendar a identidade de um tempo, vestindo as crianças e os jovens com uma tradição carregada de desejos e caminhos. Das histórias foram sendo criados diálogos que modulavam tramas, tragédias e comédias, e foi comprovada como fértil a idéia de se criar um grupo de teatro para representá-las. Surgiram grupos com diferentes motivações. Letícia envolveu-se com a performance artística dos personagens, encantando-se com o poder do teatro fazendo com que os velhos, apagados em seu cotidiano, se transformassem em protagonistas. A casa de Péricles e Letícia iniciou uma nova etapa. Não havia mais silêncios entre os dois.

Péricles julgava inteira sua vida. Não mais se cindiria o véu de seu templo. Estaria isento de maiores tentações, afinal – pensava – oitenta e cinco fazem silenciar as inclinações mais fortes! O passado, porém, não deixou de invadi-lo de maneira vigorosa. Que coisa – dizia – a paz dos pecadores tem suas tempestades! Os demônios, uma vez alimentados, sempre cobram seu quinhão! Se ao menos rugissem como um leão para anunciar o perigo, ao contrário; vêm, silenciosamente, para revelar sua força e matar a saudade. Assim laborava em seu interior com excesso de confiança em sua idade, de fato, avançada. Muito mais avançada que supunha...

Pelo sucesso de seu balcão, vieram também certas mulheres revelar as tramas da meia-idade. Uma ruiva, descendente de pais alemães-russos, Stepânia, vivaz nos seus cinquenta e nove, atraiu-o por suas histórias cheias de beleza, vodca e paixão.

O outro sonho de Péricles revelava perigo: iam pelo campo, e os cavalos, entre brisas e verdes, iam levando as cores dos fardos. Riam pai e Péricles longe de casa. Duas mulheres cantavam sobre os fardos. A jovialidade de ambas, entretanto, tinha um lado ameaçador. Não entendia como podiam conter tamanha ambivalência. O



campo em festa não permitia que analisasse o lado obscuro do momento. Na curva da estrada, aconteceu o que não se previa. Vinha, com a mesma velocidade, outra carroça, e o choque tornou-se inevitável. Acordou-se, tendo como última imagem a cena dos cavalos mortos. Ao acordar-se refletia sobre a situação, admoestando-se: não é justo que faça isso com Letícia. O que dirão os meus amigos? O desenvolvimento de nossas atividades nas oficinas de histórias e vidas, como é que fica? Ela como ficará? A melhor e a mais fiel das mulheres não pode ser ofendida.

Por mais que dissesse a si mesmo sobre seu comportamento imoral, inclinava-se a um encontro com Stepânia. Ela, percebendo-se atraída, começou a cercá-lo por todos os lados. Um rumor começou a fluir de boca em boca, mas ninguém animava-se a alertar Letícia. Quanto mais Péricles era atraído pelos encantos de Stepânia, mais aumentava o conflito e menos capaz de resistir se percebia. Resolveu, antes que cedesse, revelar ao padre seu drama. Aliviou-se por uma semana. Padre Ataulfo solicitou os préstimos de Stepânia para atividades da pastoral da família a ver se afastaria o perigo. Todos os demônios debruçam-se sobre mim – confessou – mais uma vez, Péricles ao santo homem. Padre Ataulfo passou uma carraspana em regra, finalizando: mesmo com oitenta e cinco não se esgota o pecado! Certa tarde, Letícia e Péricles andavam juntos no Centro de Desenvolvimento Cristão, onde conviviam diversos setores de solidariedade paroquial, quando cruzaram-se os olhares dele e de Stepânia. Foram tão expressivos os olhares que Letícia imediatamente percebeu o perigo. Mal chegaram em casa, começou com um humor mal contido: então, Péricles, agora sei por que se calam nas rodas que eu chego. Com um sorriso nervoso ele tentou disfarçar: não sei do que está falando. O sorriso foi interpretado como um sinal de felicidade. Letícia respondeu como uma gata enfurecida. Péricles mal conseguiu segurá-la.



– Não aceito que eu morra de vergonha!!! Confesse o que está acontecendo, filho de uma puta!!! Te amo desesperadamente e você me aprontando!!

– Calma, Letícia!!! Nada aconteceu além de uma nuvem passageira. Apenas conversas sem destino.

– Agora entendo porque aquela mulher vermelha me olhava daquele jeito!

– Apenas me encantei pelos cabelos ruivos, e o que tem de mais?

– Você me prometeu que eu poderia viver em paz a teu lado!

– E pode!

– Garanto que você enfeitiçou aquela russa com tua lábia!

– Deixa de bobagem, mulher! Agora não posso nem olhar uma alemã-russa?

– Olhar?... Eu vi que se devoravam com os olhos!

– Fixei o olhar porque, você sabe, sou míope!

– Não brinque e nem me faça de estúpida! Juro que sou capaz de matar, nem que seja a última coisa que faço na vida!

– Va bene, va bene! Prometo nem saudar Stepânia! Sou um santo, reconheça, Letícia! Estou um verdadeiro monge. Bá! Tchê! Agora nem olhar mais eu posso! Minha casa virou uma clausura!

– É assim mesmo que te quero! Foi difícil achar uma pessoa decente para entregar minha intimidade. Virgem por mais de sessenta anos! Bem capaz que agora vou aceitar negacear com uma



alemã-russa. Stepânia! Vê se pode! Que se estrepe!!

Por muitos e muitos dias Letícia manifestou sua contrariedade, sentindo-se invadida. No território onde ambos frequentavam, sentia-se agora pouco à vontade. Avolumou-se a raiva a tal ponto que resolveu dividi-la com Ataulfo. O padre afirmou que a tempestade havia passado. Falou: tenha certeza, Letícia, que isso fará bem! Péricles é um homem que não se conforma com um amor pequeno! Não podemos dizer que fez qualquer pecado por apenas estar tentado. Foi sincero e não exagerou. Se a antiga inclinação estava retornando, tenha certeza que, pela demonstração de tua insatisfação, ele retomará aos teus costumes. Com o amor de Deus se dá a mesma coisa! Se não cultivado, vai se reduzindo! Até que um susto faz bem! É bom saber que na vida nada está seguro! Comunicou para Letícia que iriam fazer uma grande pescaria. Uma longa meditação faria bem aos quatro velhos. Garanto, por toda a minha fé, que depois não haverá mais lamentações. Estaremos em torno de Péricles. Crisóstomo falará duramente com ele. Letícia retirou-se, porém ainda de alma ferida, além da conta.

A insegurança continuou por mais dois meses. Certa manhã de outono, ainda todos frutos pendentes, Letícia sentiu que o trevor da alma havia sumido. Ao olhar as cores dolentes dos ramos, percebeu a trivialidade de seus sentimentos, estava perdendo as melhores palavras e os melhores gestos. Não havia por que gastar mais tempo. Por ter dividido sua angústia com uma amiga, teve, então, uma cuidadosa zeladora, e ambas estavam de plantão, sem que Péricles soubesse que estava sendo cercado por todos os lados. Retornou a confiança, e, surpreendentemente, Letícia foi possuída pela eroticidade. Ela perguntava-se sobre o que havia acontecido, se nem em sua juventude dos dezoito ou vinte e cinco anos houve tamanha vibração circulando em seu sangue. Péricles sentiu-se atraído e os



cabelos cor da aurora rutilante de Stepânia não mais perturbavam seu espírito nem sua carne. Já não sei explicar – dizia, sobre a natureza do amor, que não esmorece nem aos oitenta e cinco! Leticia, de sua parte, por terem renascidos seus sentimentos, não dava folga a Péricles.

Diálogo nervoso entre Crisóstomo e Péricles

Padre Ataulfo não ficou para si com o sofrimento de Letícia. Foi ter com Crisóstomo. Esse, o mais severo e permanente amante, não suportou calado. Era ele que não se perdoaria se não guardasse a memória e o presente de um amor prometido. Disseram-lhe que era um obstinado e isso enfureceu-o. Não sou obstinado, sou apenas fiel ao meu espírito. Reconheço todos os dias o que cultivamos e, se vivesse mais cem anos, não esgotaria todos os diálogos que habitam em mim.

Não suportou ver seu amigo tão versátil e incapaz de sustentar o desvelo a ser dado para Letícia. Por ter para si a reciprocidade como princípio ético, entendeu que Péricles havia pisado na bola. As regras do jogo tinham sido desrespeitadas. Péricles, por outro lado, sabia que Crisóstomo tinha autoridade sobre ele. Não porque houvesse qualquer hierarquia, mas porque ele era responsável pela melhor parte de sua alma e toda a vida dera tudo de si para que ele estivesse bem. Já na escola fundamental, ao ser inquirido, fazia setenta anos, sobre um toco de maconha, Crisóstomo preferiu chamar sobre si a responsabilidade, pois sabia que tinha crédito, o que não acontecia com Péricles. A ascendência era moral. Péricles, mesmo com oitenta e cinco, poderia esperar um diálogo austero e deveria aceitar sua performance e seu conteúdo. Os conceitos do velho Crisóstomo pautavam-se sobre o verdadeiro amor, dizendo-o inesquecível. Porque prometido diante de Deus, deveria ser absoluto. Preservar a memória de si garante a identidade e preservar a memória conjugal garante a conjugalidade. A vulnerabilidade humana é justamente para ser suprida pela fortaleza do espírito alheio. O amor de um homem e de uma mulher é a gatarantia de que há



um reduto humano inexpugnável. Um pouco de certeza faz bem – afirmava. Assim cogitava o velho professor quando, disparado o coração de Péricles, apareceu Crisóstomo. E deu-se o esperado.

– Então, seu filho-da-puta, querendo comer minha amiga Stepânia?

– Sabe que nem andou perto, mas serviu de lição. Vi o quanto sou importante para Letícia. Não sei o que há, mas aquela tocha vermelha que ela tem sobre a cabeça me incendiava. Mas, com a bênção de Ataulfo, ela não está mais nem à vista dos meus olhos nem em meu coração. A tocha virou auréola!

– Tenho minhas dúvidas!

– Estou livre e até falei com Stepânia, dizendo-lhe que não levasse a sério o que não passara de um desejo!

– E o que ela disse, homem?

– Que ninguém imagina o quanto pode doer o final de uma esperança. Confessou, ainda, sobre a injustiça de não poder dividir sua vida com mais ninguém. Quem ainda poderia ouvir suas histórias com tanta atenção? Disse a ela que escrevesse um livro acerca da imigração dos alemães-russos. E que ela, por fim, escrevesse um capítulo sobre sua participação nessa história. Afinal, seria ela a testemunha viva daqueles que andam peregrinando pelo mundo. Abraçou-me como despedida e senti muito, não por aquilo que desejei rapidamente, mas pela solidão de Stepânia.

– Vê se te alerta! Os sentimentos não podem ser despertados sem ter a devida consequência!

– Está bem! Agora basta, senão fico achando que você é que ainda está preso nessa história.



– Pode parar! Você sabe muito bem que minha devoção é outra!

– A mais estranha devoção que conheci. Trocar a vida por uma falecida... – resmungou Péricles.

Quando Crisóstomo estava por se exaltar chegou Creso.

– Santa Maria Maior! Que coisa é essa de ficar discutindo?! Vim do Afeganistão especialmente para pescar com vocês, e vocês aí jogando conversa fora!

– Que pescaria? – perguntou Péricles!

– Também não estou sabendo – acrescentou Crisóstomo.

– Recebi do padre Ataulfo um e-mail dizendo que gostaria de fazer uma pescaria e até já marcou data.

– Engraçado – reclamou Péricles – nem consulta a gente sobre a pescaria e nem ao menos diz a data! De fato, hoje anda mais fácil falar pelas máquinas que face a face.

– É assim mesmo! Vamos lá! Quem mais entende de pescaria senão os padres? Afinal, não são eles que servem a Cristo cujo símbolo é um peixe? – falou Crisóstomo.

– E por que um peixe? – perguntou Creso.

– Crisóstomo mostrou seu conhecimento em letras. A palavra peixe em grego é IXTIS que corresponde às iniciais de Jesus Cristo Filho de Deus Salvador. Mais ainda, pode ser referência a Jonas, que ficou três dias na barriga de uma baleia, para depois ser lançado nas areias do mar. Por essa simbologia é que o padre adora uma pescaria. As águas são recorrentes nas cerimônias de purificação.



– Mas já não estamos velhos para sair por aí para pescar? Cinco anos atrás éramos ainda fortes. Agora já não temos a mesma saúde para nos afundar em águas frias. Cinco anos, na velhice, fazem a diferença – Péricles argumentava, pondo dúvidas sobre a oportunidade da pescaria.

– Quem já atravessou mundos não vai se mixar por tão pouco! – expressou-se Creso, altivo.

– Mas não estou preparado para essa pescaria! – disse Crisóstomo, tornando mais densa a argumentação de Péricles.

– Não tem jeito! Temos de ir, afinal, quem sabe melhor sobre a hora certa de pescar é o padre!

– Está bem, mas primeiro esperamos o convite dele, reclamou Péricles.

– Convite, não! Convocação! – finalizou Creso.



Stepânia no festival de histórias

Pouco tempo havia se passado depois da tentação de Péricles, quando Stepânia Dietermeier inscreveu sua história para o concurso anual de histórias populares. Escreveu por saudades e em memória de seus avós que viveram na Rússia. Melhor cairia um nome alemão como Herta ou Valesca, mas ficara uma lembrança revivida pelo nome. A intenção, após o insucesso afetivo com Péricles, foi de buscar aprofundar sua identidade. Diziam-lhe tão somente que era uma alemã-russa de religião menonita e que seus ancestrais eram ricos colonos alemães das estepes do sul do rio Volga, na Rússia. Por não saber quem era, buscou decifrar um pouco sua história, uma vez que solteira, chegando aos sessenta, mais teria que se firmar em si mesma para melhor decidir e se encantar. A história foi apresentada em leitura solene, num ambiente mágico da noite, entre lampiões. Escandia, palavra por palavra, a sua memória, fiel às suas origens.

Eu Stepânia, de origem alemã-russa, me confesso brasileira

Meus pais vieram de terras distantes. Peregrinaram em respeito à crença de que se pode viver em paz. Meu povo era religioso, amante da paz e da liberdade. Não aceitava que a vontade do Estado prevalecesse sobre o desejo religioso e aos princípios cristãos do amor, sendo, então, a guerra a forma mais desrespeitosa de olhar a ternura. Da Holanda fomos para Danzig, de Danzig para as estepes do Volga, no sul da Rússia. Dividimos com lobos e o gelo a nossa sorte. A terra foi nossa irmã e, pela competência, tomamos conta de uma economia exuberante. Mas o caminho do meu povo foi trilhar por sendas brutas. Nada, todavia, nos roubou o direito aos nossos princípios. Saímos com nossa determinação. A terra que a Czarina Catarina nos



deu foi-nos roubada pela violência de toda ordem. Muitos da minha religião menonita, cuja crença maior é a liberdade e a fraternidade, foram levados a partir de 1890, para os campos da Sibéria, outros para o Kasaquistão, mais outros para o Canadá e os Estados Unidos e, finalmente, outros para o Brasil. Aqui chegamos em seis mil menonitas. Assim, das múrmuras vozes do Volga, foram ouvidos sons de outras terras. Nunca fomos domesticados pelo temor. Nunca tivemos o benefício de uma pátria confiável. Agora nos acostumamos ao Brasil, que nos recebe sem restrições. Somos fiéis a esse chão, contanto que não nos obriguem a nos afastar de nossa crença. Somos fiéis ao nosso Deus. Minha mãe e meu padrasto vieram pobres e retiramos de uma terra difícil o nosso sustento e a nossa dignidade. Os gestos de amor sempre me foram toscos e a austeridade dos anos me fez dura para, solitariamente, dar sentido à minha vida. Aqui, juntamente com outras mulheres que comigo envelhecem, tecemos nossas horas. Lembro-me da história de meu povo, que perseguiu a honestidade, a bondade, o arado e Deus. Das histórias ouvidas, uma delas me encanta. Havia um russo que queria terras e mais terras até chegar próximo onde os alemães-russos vindos de Danzig estavam, às margens sul do rio Volga. Lá foi-lhe oferecida uma extensão de terra que ele poderia possuir, desde que a conquistasse caminhando do amanhecer ao anoitecer. Sérguiv, era seu nome, entusiasmou-se por toda aquela extensão, por apenas mil rublos. Andou por terras áridas de manhã, mas, depois, a fertilidade aumentava, a ponto de, pelas três horas da tarde, ele ver aveia e trigo da altura de um cavalo. Caminhou ainda mais. Mais tarde ficou desesperado, por medo de deixar escapar sua fortuna, pois, se não voltasse antes de o sol se pôr, perderia os mil rublos e as terras caminhadas. Correu tanto que chegou a ficar cianótico. Doe-lhe o peito de tanto correr. Teve um enfarto por ser tão esfaimado por terras. Morreu o pobre russo bem junto ao meu povo. Aprendemos a nos contentar com pouca terra, pois o poder reside em



saber trabalhá-la. Como meu povo, aprendi da lenda a estar bem com o que possuo e daí tirar o melhor que posso. Se insatisfeitos, retiramos-nos para vivermos em paz. Esta é nossa arma: a paz de espírito e o respeito à vida. Se erramos não tememos em pedir perdão. Nossa força é a caridade. Quero, nesse Centro de Desenvolvimento Cristão, revelar minha face bondosa e dividir minha vida com tal intensidade que ninguém fique sem auxílio dentro das minhas forças. Tenho um povo no meu coração e diversos mares navegados, nada em mim é menor. Aqui estamos e estou eu, querendo dividir minha história.

Todos aplaudiram, mas Letícia, mais que aplaudir, ficou de olhos nas reações de Péricles. Ele levantou-se e, como de costume – fez seu comentário: ouvimos uma história, que pode ser de todos nós que saímos dos quatro cantos do mundo para estarmos aqui reunidos. Se sobrevivemos atravessando mares, vales e montanhas, é que somos de uma raça forte. Os diversos sóis, as diversas geografias, as diferentes palavras nos deixaram de tamanhos e formas diferentes, mas em nós se configura, de maneira igual, o desejo de sermos ainda mais e melhores. E aprendemos aqui a sermos uns com os outros. Stepânia nos concedeu um pouco da história dos 6.000 menonitas que chegaram ao Brasil. Sua inabável fé e caridade nos fazem bem.

Lidas as outras histórias, uma das mulheres tomou a palavra, dividindo, com todos, as melhores impressões em torno dos textos lidos. Ouvidas as reflexões e os textos, cada qual tomou para si, em voz alta, as contribuições terapêuticas da trajetória dos autores. Havia um clima emocional revelador de vínculos estreitados, pelos quais fluíam forças expressivas. Havia uma comunhão de culturas. Nenhum dos presentes saiu da forma como entrou.

Concluída a cerimônia, Péricles convidou Letícia para jantar e pediu a ela se Stepânia poderia participar. Um tanto constrangida,



aceitou a companhia. A conversa, no início, saiu confusa e pouco expressiva, mas, na segunda taça de vinho, o espírito das uvas libertou as três almas de suas inibições. Letícia notou que não havia mais nada entre Stepânia e Péricles. Os olhares refletiam apenas uma amizade e nada mais. Por outro lado, Letícia percebeu também o quanto seria generosa, deixando Stepânia poder apreciar a presença masculina. Após o jantar, despediram-se. Letícia viu o quanto Stepânia estava agradecida, superando qualquer dúvida sobre outras intenções que não as da amizade.



Conversas de velhas senhoras

Se uma mulher constitui-se em mistério, três delas juntas, nem uma esfinge conseguirá propor enigma maior. Essa poderia ser a nítida impressão dessas mulheres, Stepânia, Madalena e Letícia, que se reuniam para trocar suas impressões em torno de si mesmas, começando por Letícia:

– Apreciei muito a tua história, Stepânia.

– Não falei de mim, apenas falei de minha gente, o que vem a ser quase a mesma coisa. Todavia, os detalhes dessa história que sou eu, nada disse.

– Diga um pouco dela – reforçou Madalena.

– E não pode faltar homem, é claro. Porque minha vida está tão cheia de graça, posso avaliar tudo de forma amável – disse Stepânia.

Uma corrente de sentimentos diferentes percorreu o ambiente onde estavam. Reluziam os olhos de todas, cada qual sabendo da alma e das circunstâncias, entretanto, tantas eram as reverberações que mal conseguiam decifrar o que se lhes acontecia.

– Pensei que somente agora estavas com desejo, cutucou Letícia.

– Não me julgue mal, nada de erótico aconteceu com Péricles. Gosto de teu marido, mas sempre me dei com homens vigorosos. Gosto do jeito de ser de Péricles, mas sua fragilidade merece respeito. Aprecio nele o talento de lidar tão profundamente com nossas histórias. Acho que, pelo fato de ser juiz, teve tempo suficiente



para aprender sobre os cômodos e incômodos da alma. Não passou disso. Não buscaria nele repetir histórias de outrora, nem ele teria condições de sustentá-las e nem afastaria dele a fidelidade. Se me viste olhando para ele, Letícia, como se estivesse desejosa, você se engana. Foi mais o medo de perdê-lo que te apavorou.

Letícia segurou entre dentes o desejo mordaz de feri-la. Não o fez, não em razão de sua bondade, mas para não afastar as notícias que rolavam entre elas, contudo pegou leve:

– De fato temo perdê-lo. Me apraz cuidar dele e, para cuidar melhor, cuido muito de mim. A ternura é coisa de outro mundo.

Madalena, percebendo que Stepânia fora ferida em razão da solidão em que vivia, desviou o delicado assunto no qual era avaliada a sensação do apoio que um casal pode contar.

– Escuta, Stepânia, conta um pouco de tua intimidade – solicitou Madalena.

– Apesar da crença menonita ser muito rígida, existem aventuras e acho que vem da genética de minha mãe. Mamãe teve a mim com um russo, o que foi motivo de escândalo numa das comunidades perto do Volga. Por fim, o pastor, julgando-a arrependida, casou-se com ela, mas eu já estava fazendo das minhas. Minha mãe costumava dizer que eu tinha o diabo no corpo. Eu era devorada por fortes sentimentos, mais do que uma menina menonita poderia suportar. Quando, em 1920, viemos para cá eu vim ainda bebê, mas trazia no sangue a inquietação. Meus olhos sempre foram irrequietos. Como minha mãe, engravidei na adolescência. Muito cedo o meu menino tornou-se independente, mas não tive a sorte de minha mãe: de encontrar um generoso pastor. Trabalhei até formar o meu rapaz, que hoje mora em São Paulo. Eventualmente me visita.



Depois disso assumi minha liberdade de forma exagerada. Tinha apenas 40 anos e resolvi amar um boêmio irresponsável, mas cheio de loucuras gostosas. Vivi o céu e o inferno. Recusei minha pátria e meus amigos para atender todos os desejos. Me escondi atrás do magistério que exercia. Fiz como diz uma canção de Piaf:

*O céu pode desabar sobre nós
E a terra pode desmoronar
Pouco me importa. Se tu me amas
Pouco se me dá o que pensa mundo!!*

– Nossa, Stepânia, é como se você desafiasse a Deus. Vai me dizer que o fogo todo já se apagou – estimulou, nervosa, Letícia.

– Isso que eu tinha o Deus dos menonitas. A bem da verdade, o meu Deus estava em minhas veias.

– Quanto tempo viveste assim, guria? – aticou Madalena.

– Bem dez anos de indisciplina erótica. Aos poucos o fogo foi se apagando e eu me tornei serva da caridade e, curiosamente, o amor que sempre tive por crianças ainda me traz alegrias e me devolveu a paz. Ainda espero que tenha de volta a empolgação dos quarenta! E você, Madalena, além da amizade do padre qual é o teu capital de encantamentos?

– Sou inclinada ao padre, mesmo que ele esteja definhando. Quando falo com ele, minha alma põe meu corpo em movimento. Meu marido se acha poderoso por pensar que todo meu entusiasmo é por causa dele. Que jamais saiba que ele é um meio eficaz de minha satisfação, advinda do estranho amor que tenho pelo padre.



As histórias de um velho de rua também me empolgam. Vê se pode isso! A humanidade toda me possui. Desde o balbúcio de um indígena, dos rumores de abandono de um mestiço até o discurso pedante dos sábios. Ele é um peregrino e sua pobreza é voluntária. O desejo dele é devorar paisagens e acontecimentos. É capaz de tirar poemas de um pedra que reflete o sol. Com o padre e o velho de rua vou levando uma tempestade dentro de mim.

– Que coisa extraordinária, Madalena! – assombrou-se Letícia. Vocês têm uma vida e tanto! Tenho apenas Péricles e um dia corriqueiro. Sempre me contentei com pouco. Apenas sonhava em ter um homem para sempre. Concentrava, até bem pouco, em meus sonhos o poder de minha existência. Agora zelo por ele e amo a minha vida porque chegou o tempo de meus sonhos. Não parece um pouco trivial esse amor?

– Não tenha essa preocupação – consolou Madalena. As coisas importam muito pouco. Importa o que fazemos delas. Veja, então, Letícia, que tendo você a Péricles e o poder de contê-lo em permanente memória de ti, o quanto tens nele a profundidade de tua alma. A vida dele é também a sua. Nesse desvelo tu vês tudo que te cerca. A massa ou as almôndegas que pões na mesa podem ter um significado infinito.

– Vou me sentir maior que sou!



Preparando a pescaria

Como chegava a Páscoa, cada um dos velhos pôs-se a preparar, da melhor maneira, a pescaria e a festa da Ressurreição. Os dias precipitavam-se. Pércles era quem mais reclamava da velocidade das horas. Iriam, dessa vez, os quatro velhos, aproveitando a estada de Creso. Estava ficando mais tempo em casa, não se sabendo ao certo se por amor ou pela fragilidade com que vinha convivendo depois dos oitenta. Começara um sistemático silêncio que se impunha naturalmente. Não se encontravam mais tanto assim. Se por acaso fossem navios, uma a uma as escotilhas estariam se fechando. Não mais necessitavam de tanto movimento e ruído para saber que viviam. A imensidão começara a se mover dentro deles. Crisóstomo escrevia mais. Mais freneticamente desenhavam-se as paisagens de sua infância. Havia um calor intenso nos propósitos antigos e alegrava-se com a família de origem. Tão fortes eram os retratos vivos de pais e irmãos que surpreendia-se conversando com eles. Pedia perdão e até entristecia-se pelos erros de seus pais. Era comum uma lágrima descer-lhe pelo canto do olho ao lembrar da ternura de sua avó. Tomava nas mãos os seus filhos pequenos. Incomodava-lhe lembrar-se que um dos filhos mais pensava na herança que em sua felicidade. Os poemas escorriam-lhe da caneta como se fossem sumo de fruta. À Josilda eram concedidas as rimas e os suspiros, que se sucediam como se estivesse em intimidade. Brincou ainda duas horas antes da pescaria: deixo aqui minha presença. No silêncio das três tardes, enquanto olho as ondas, direi pequenos poemas. O lago é profundo e dele pouco se sabe. Aqueles que rondam por suas margens têm fé e esperança de pesca farta. Temos os melhores meios, redes, anzóis e espinhel. A preparação foi feita com esmero. Assim é a vida, no final, pouco se sabe das recompensas.



Em Péricles os dias de espera estavam de pouco sol. Estava de sentimentos apertados, tendo à frente de suas lembranças os nomes das mulheres e dos filhos. Eram tantas que podia se comover durante horas por lembrá-las. Em sonhos vinham reclamar um quinhão de maior amor. Mostrava-lhes as mãos vazias e expressava sua dor por não ter o que oferecer. Entretanto, quando acordado, conseguia dizer para Letícia suas melhores intenções, e, como aprendera tanto sobre os segredos das mulheres, pronunciava-os, sinceramente, tão bem como se em oração. Por deixá-la brevemente, em razão da pescaria, tornara-se muito mais ameno, transparecendo a ternura por todos os poros. Dizia ao ouvido dela: querida, apenas três dias estaremos distantes. Retornarei tão animado que parecerei ter dezoito. Meu corpo terá tanta emoção que jamais esquecerás da hora primeira de meu retorno. As tábuas do assoalho fremirão e os quadros das paredes exultarão. Tomarei um banho agradável e olharei o sol de outono com tanta vontade que voltarei para casa com seus raios na pele. Com tais reflexões, aproximou-se de Letícia, confessando o que aprendera e o que sentia sobre a importância dela: bem, queria te dizer que sentirei a tua falta como se vivesse pela metade durante os três dias. Sentirei sufocar-me o peito.

No caminho para tomar a Van que os conduziria até o lago, encontrou Stepânia que o saudou alegremente. Obnubilou-se a vista de Péricles, enquanto dizia: uma bela história a tua, bem mais teria a dizer do que foi dito naquela noite. Ela, agradecida, beijou o rosto de Péricles de uma ternura muito delicada. Péricles retomou seu caminho, lembrando da serenidade e dignidade de Letícia. Stepânia mal havia se retirado e, voltando-se abruptamente, disse-lhe: tenho medo, Péricles! Sonhei com peixes que nadavam em lago profundo e de um silêncio que me deixou perplexa. Nada demais em sonhar assim – correspondeu Péricles. Ela continuou carregada de tristeza: dias antes da Rússia anunciar o término da autonomia religiosa, da



língua e dos costumes religiosos do nosso povo, muitos sonharam que nossas embarcações nos conduziam para lugares desconhecidos. De tanto sofrer, aprendemos a ler nossos acontecimentos. Mais que compreensão, temos intuição. Deixa de crendices, querida Ste-pânia! – finalizou Péricles.

Por aproximar-se a Páscoa ninguém preparava com tanto desvelo aqueles dias como padre Ataulfo. A claridade que lhe ia na alma desdobrava-se em luz para quem quisesse ouvi-lo. Madalena dizia-lhe: não pode haver bem maior do que aquele que celebra a altitude divina em todas as horas. Animava-o: para o senhor a eternidade não é apenas uma cansada esperança. O senhor já traz a face de Deus como certeza. Ai! Que bom seria se todos pudessem olhar de tão alto e tão bem o que se passa entre as pessoas. Amo a presença que me acolhe com tamanho esmero. Além do sermão no qual aproximou a pescaria da própria vida, o padre Ataulfo visitou o restante das famílias, ouvindo e abençoando. Redefiniu com as diversas equipes os projetos de solidariedade para o ano todo. Estava contente por ver novas opções de cuidados e da revelação cristã. Reuniu, como tarefa sua, o alimento para a pescaria. Tinha opinião de que, para uma boa pescaria, não pode faltar uma comida diferenciada. Tinha esse momento como uma antecipação dos manjares concedidos aos que têm fé. Mudando o que deve ser mudado, uma pescaria se assemelha ao reino de Deus – afirmava.

Creso tastaviou, resistiu, mas, por fim, cedeu à solicitação dos amigos, mesmo por que fora ele o primeiro a provocar os amigos. Comunicou à Lídia a decisão de se afastar por três dias. Ouviu palavras com grave ressentimento: faz muito que você se afasta, Creso. Quando não são as pedras, são os tecidos, quando não os tecidos, são os imóveis. As tuas decisões não compreendem nada mais. Eu sou um mero acidente no percurso dessas três coisas. Uma coisa a



mais sou eu. Creso respondeu-lhe: tenho me esforçado tanto em ser um homem devotado. É verdade, Creso, te custa tanto que até me penaliza teu grande esforço.



Sobre um sermão muito curto

Padre Ataulfo, logo após a missa, saíria para a pescaria. Punha no discurso religioso o seu significado, fazendo uma analogia entre a pescaria e a vida: tanto se sonha na vida e numa pescaria sobre o que vai acontecer! Prepara-se tão bem todas as coisas, na esperança que tudo vá bem. A vida e a pescaria são possibilidades passageiras. Tudo é imprevisível, pode haver muitos peixes, como pode-se voltar sem nada. A vida a tudo isso se assemelha. Muitos pensam retirar dela grande vantagem e, no final, sobra muito pouco. Que tenhamos, ao menos, boa memória de nós. O que importa, então, é a alegria de poder pescar e viver. Sabemos todos que vamos perder tudo um dia, e, então, santo Deus, por que lastimar o pouco que se tem ou o pouco que se pesca? Espera-se que muitos peixes mordam nossos anzóis, assim como que de nossos atos resultem densos resultados. Queremos nos alegrar apreciando a natureza, e, muitas vezes, na vida e na pescaria, retumbam nuvens negras e cobras faíscam nos céus. Mais que tudo queremos paz e alegria. Reunimos amigos na esperança de algum dos companheiros ter a sorte de muitos peixes. Na união buscamos um pouco de fartura. Entre o trabalho de retirar os peixes distraídos, conversamos livremente, representando histórias e acontecimentos que se desdobram mais que a realidade. Que o mesmo se suceda em nossas casas: conversemos alegremente e se, acaso perdermos um ente querido, sejamos mais fortes que o destino, deixemos que passe ao largo. O que é previsto não nos assusta tanto. Viver também é perder. Sucedem-se as horas e chega o tempo de voltar para nossas casas. Olhemos para os acontecimentos, abrigando a natureza como ela é. Sempre é hora de amar. Que todos tenham uma vida interessante, assim como desejo que sejam recompensados os pescadores.



Em viagem ao lago

Todos os cuidados foram tomados, e no início do percurso havia mais atenção. Todos os passageiros de olho no motorista e nas recomendações da comunidade. Mas o imponderável estava no meio do caminho. Havia uma pedra a ser desviada e no asfalto havia uma cratera, o que valeu um pneu furado e a paciência dos quatro velhos na tarde que já se adiantava. Na primeira borracharia recuperaram o pneu. Para buscar o tempo perdido o motorista acelerou, no que foi admoestado pelos velhos. Temos três dias de pesca, alertou Crisóstomo. O carro foi freado e, distraído, Péricles, sem o cinto, machucou-se, o que valeu outro tempo para pôr um curativo na testa do convertido aventureiro. O fato valeu um comentário cheio de humor por parte de Creso.

– Olha a testa do Péricles!

– Leticia não vai fazer comigo uma coisa dessas.

Já era a terceira vez que Creso reclamava da viagem.

– Não me pegam mais numa estrada tão pedregosa.

O comentário alegre de Ataulfo não se fez esperar.

– Escuta, Creso, as pedras não são suas amigas?

– Acontece que as pedras de minha intimidade são valiosas e, por lembrá-las – continuou, como será que estará a última carga do Afeganistão? Quem diria que das montanhas inóspitas de lá pudesse vir tanta beleza!? Há um mistério pendente em suas cores e formas. E eu aqui no meio desses seixos empoeirados!



– Não reclame – implicou Crisóstomo. São nossas pedras! Não esqueça que você está exportando pedras de Ametista e de Soledade.

Ataulfo aproveitou a circunstância para elevar o nível da conversa.

– As pedras fazem meditar sobre a gratidão e a beleza premente. Sejam aquelas que suportam os riachos e fazem crescer musgos, suavizando a correnteza; sejam aquelas que se erguem nas montanhas, fazendo soturnas reflexões ao soar dos trovões; sejam aquelas das igrejas que se tornam poéticas, como as viu Saramago, sob neblina e refletores, em Notre-Dame, uma estranhíssima construção de pedra roxa: todas elas nos constróem, pois que somos seus interpretadores. E o que dizer daquelas das cavernas que deram proteção aos nossos antepassados e das grutas onde Nossa Senhora se apraz em aparecer; das pedras protetoras dos animais e dos homens diante dos raios e das chuvas? Tenho-as todas gravadas em mim nas peregrinações de todas as espécies.

Agradeceu-as, também, por terem tomado em seus braços o Filho de Deus morto, provando como dá para levantar quando tudo parece perdido.

– As pedras podem servir de modelo para a nossa velhice – continuou. Belas, simples, ora alegres, ora austeras. Não é mais interessante pensá-las assim?

– Beleza! – acrescentou Crisóstomo. Elas refletem a eternidade. Todas as coisas poderão desaparecer. Elas serão as últimas.

– Podem parar – reclamou Péricles. Agora estou mais preocupado em saber se estamos no caminho certo. Na minha opinião erramos de estrada. Olhem, gente, a entrada para o lago não é essa!



E já andamos por mais de quinze minutos. Parece que estamos resistindo em chegar.

Retornaram alguns quilômetros e novamente estavam no caminho do lago. Agora riam satisfeitos, valendo um comentário de Ataulfo.

– Sempre é tempo de encontrar a melhor estrada. Mas também ninguém garante se não seria melhor outra picada.

– Bem que gostaria de outra paisagem! – falou Péricles.

Creso não perdeu a viagem e reclamou:

– Prefiro os ambientes limpos dos aeroportos; ao contrário, estou no meio dessas macegas.

– Pode parar – admoestou Crisóstomo, tu ainda estás preso aos teus negócios! Vê se te alegra com a gente. Bem se vê que perdeste os velhos costumes. Tu, nos tempos de piá, era quem mais gostava de pescar.

– Desculpe – respondeu Creso, é que meu corpo já não está mais acostumado a solavancos e ter na vida as coisas de piá!

– Pena – disse Ataulfo, tem certas coisas que são as principais. O contato vivo com a natureza é uma delas.

– Ô, Ataulfo, deixa de pegar no meu pé!

– E no que você quer que eu pegue – brincou.

A saída do padre valeu uma risada geral. Depois, entre solavancos, Ataulfo lembrava-se de Sêneca e conformava-se com tudo. Lembrou ainda de sua transitoriedade, dita pelo pensador romano.



– Cada dia, cada hora, mostram-nos o pouco que valemos e qualquer outra importante situação relembra nossa fragilidade esquecida. Nós, que sonhávamos com a eternidade, somos obrigados a enfrentar a morte.

– Estamos chegando, podem retirar os cintos – falou o alegre Péricles.

– Mas não é onde sempre chegávamos – alertou Crisóstomo. A paisagem é outra. Também, faz mais de cinco anos que não viemos para cá. Não só o lugar é outro, bem como tudo está diferente.

– Que merda, sofrer para chegar onde chegamos – protestou Creso.

Para sair da Van foi o maior sofrimento. O motorista Gabriel estendeu sua mão a cada um dos velhos que reclamava das dores. Até Ataulfo brincou.

– Depois dizem que é a melhor idade!

Chegou a vez de Creso brincar com certa ironia.

– É necessário muita virtude para pouco corpo.



Chiaronti, o barqueiro

Ainda estavam fazendo alongamento, para ver se amenizavam o desconforto causado pela viagem, quando avistaram uma canoa e um homem magro, muito velho mas ainda forte. Este chamou o padre Ataulfo. Uma conversa demorada entre ambos esclareceu o que estava acontecendo. Epitácio Chiaronti era o barqueiro. Falou ao padre que o vigário da paróquia de Padre Eterno convidava-os a irem até a outra margem do lago. E ele, Epitácio, tinha a tarefa de transportá-los, um a um, porque seu barco era pequeno.

– Mas e se quisermos ficar aqui? – reclamou Péricles.

– É que o dono deste lado interditou as pescarias – falou o senhor Chiaronti com austeridade.

Ataulfo esclareceu que havia convidado o vigário daquele lugar para participar da pescaria, entretanto, há poucos dias, ele soubera da interdição do lugar e, por isso, convida-os para o outro lado, onde já tinha reservado uma casa.

– Então, não é um convite – reclamou também Creso.

– Exatamente – ratificou o velho magro, o forte Chiaronti, é uma convocação. Mas posso garantir uma coisa: vocês podem ter a esperança de uma boa pescaria.

A seguir fez-se um diálogo pouco sereno entre Creso e o barqueiro.

– Escuta, quem é que me garante que essa joça chega até o outro lado?



– Até hoje todos chegaram. Muitos reclamaram por terem de atravessar, mas todos alcançaram a outra margem.

– Sãos e salvos?

– Aí que não sei. Entretanto, ninguém reclamou até hoje. Mais depende da saúde de quem é transportado. Vamos! Anoitece! Quem é o primeiro?

– Vou eu mesmo! Já que tenho que ir que se faça o que deve ser feito!

– Eu cobro um preço razoável! – falou o barqueiro com uma voz exigente.

– Quanto?

– De acordo com a fortuna de cada um!

– Diga logo teu valor, velho!

– Tudo que tens!

Creso entendeu que era o que trazia. Como nada trazia, aceitou. O barco, no início, balançou porque Creso não se acomodava nele.

– Rema direito e faça rápido o teu serviço!

– Não se preocupe, vai ser mais rápido que pensa.

Fez-se silêncio. O sol ia se pondo. O barqueiro com voz grave cantava entre dentes.



*Vi as lágrimas dos amantes
Exércitos muitos já levei.
Mil conselhos desprezei.
Para todos igualdade!*

Os outros três velhos já não viam mais a barca que ia distante. Esperavam pacientes o velho Chiaronti. Pouco tempo havia se passado. O barqueiro foi visto novamente. Já era crepúsculo. Péricles perguntou se Creso havia chegado bem. O barqueiro, concentrado em seu ofício, respondeu.

– Chorou ao falar de pedras. Vamos que a noite se debruça sobre todos.

Ao olharem para o lado viram que Crisóstomo quase dormia, pensando em Josilda.

– Vai este, então – falou Chiaronte. Ao menos não atrapalha meus remos, nem faz balançar meu barco. Puseram-no quase desmaiado no barco, que deslizou sereno até a outra margem. Ainda mais rápido voltou o remador com a mesma determinação. Péricles falou.

– Deixa que eu vou, Ataulfo. Tenho perguntas a fazer sobre o trabalho desse velho senhor.

– Vai devagar, homem velho, não te apresse que tenho uma conversa particular sobre as águas. Fui juiz. Não perdi a mania de perguntar.

– Desconfio que tuas questões tenham pouco valor nesse momento. Todos perguntam, mas ninguém responde!



– Além do teu soldo pela viagem, qual é o prazer de teu trabalho?

– Que prazer? É o inevitável. Faço o meu serviço como obra de caridade. Se é que se pode dizer: o prazer do meu ofício compreende um pouco de bondade, porque se não fora ele, muitos trabalhos se esgotariam. Mesmo o teu que foi de juiz não faria muito sentido. Não se renovaria a face humana. Cobro, com certa tristeza, toda a fortuna dos viventes. De início, para não assustar, retiro um pouco pelo transporte.

– Nunca pensou num passivo trabalhista? Acho que terias como aumentar teu poder se cobrasses de teu patrão as férias não tiradas e o tempo de serviço.

– Sabe que nunca pensei numa medida dessas?!

– É o que estou falando! Vá em frente com essa ideia!

– O que direi ao meu senhor?

– Negocie ao menos o tempo para um descanso. Pelo menos cem anos!

– Qual a razão de parar com minha barca? Não! Serei fiel às regras estabelecidas.

– A razão é mudar essa eterna compulsão para ficar com o que foi feito. As regras foram criadas para serem melhoradas, senhor Chiaronti – expressou-se com certa intimidade.

– Meus braços foram feitos para remar. Por mais que não queira. É uma regra que ultrapassa minha vontade. É, por enquanto, a única lei irreparável.



Padre Ataulfo já estava cansado de esperar. Não poderia deixar mal seus companheiros. Ninguém tanto quanto ele entendia de como estender redes e apanhar peixes. Já a lua se fazia no horizonte pondo, em desenho, o perfil do barco e do barqueiro. Com rumor sereno da água, o barco acercou-se da margem.

– Vamos que é a sua vez – sorriu pela primeira vez o barqueiro.

– Já estava ansioso por esse momento!

– Para você, Ataulfo, a barca é segura e não causa nenhum incômodo! Me alegra transportar quem foi fiel à vida. Nunca vi um deles reclamar do misterioso destino.

– Vamos, então, meu amável remador. Enquanto moves os remos, cante tua canção preferida.

Por momentos, o barqueiro parou de remar e fez-se ouvir sua voz:

*Vi as lágrimas dos amantes
Exércitos muitos já levei.
Mil pedidos desprezei.
Para todos igualdade!*

Depois, apenas o murmúrio dos remos na água. A barca deslizava, determinada, para o outro lado do lago. Padre Ataulfo balbuciou:

– Esse silêncio é que me mata!





Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

Catálogo do Projeto Passo Fundo
www.projetopassofundo.com.br

tais como uma velhice sábia e nem tampouco velhos cheios de condutas regressivas. O tempo da velhice é chegado e a narrativa de velhos condensa ideias que provocam o leitor a participar da vida de velhos nessa trajetória. O autor, baseado em sua experiência e estudos, brinca com as alternativas de envelhecer melhor do que os costumes impostos. Entre o primeiro dia em que alguém sente que seu corpo anuncia os primeiros outonos e o dia em que tudo é silêncio, pode-se arranjar novas direções e novas decisões. É disso que os velhos se ocupam para tornar mais interessantes seus dias. Todavia, a morte chega, repetindo o antigo mito da Caronte, sem a contundência do fim: tão simplesmente como todas as coisas previstas.

Enfim, entre a ficção e a realidade, fica a vontade de qualquer pessoa pôr seu destino longo da melhor maneira possível. O autor torna, também, presente o ciclo de vida como determinante: isto é a velhice tem no passado suas raízes do qual se alimentam os velhos, todavia nem tudo é tão absoluto que a vida não possa ter uma nova direção.

“**E**sta é uma daquelas histórias inesquecíveis, que permanecem na nossa memória por anos a fio. Lentamente, ruga a ruga, lembram da velha casa, com o seu porão escuro e frio, ‘que não importa que a tenham demolido’, pois a gente ‘continua morando nela’ porque foi nela que nascemos. Assim, todos os grandes temas da literatura e da vida, como por exemplo, a amizade, são o material com que é lapidada esta obra pelas mãos de Agostinho Both. O ‘rosto onde escorre o tempo’, como afirmou Mário Quintana, ganha, aqui, novos contornos, ao nos colocar na frente de um espelho no qual o leitor pode se observar. Tal gesto é mágico, encanta, pois é através dele que consegue estabelecer um encontro imaginário com o velho que todos seremos, com os nossos velhos que já se foram e que, agora, encontram-se amalgamados em sua (em nossa) própria imagem, refletida no espelho.”

Prof. Dr. Mauro Gaglietti

Coordenador da EDITORA IMED

CONVERSAS DE VELHOS

— COLEÇÃO —
SONHOS E RESISTÊNCIA

